

A man with a beard, wearing a light blue striped shirt and dark jeans, is holding the hand of a young girl. The girl is wearing a light pink top and a full, light-colored tutu, and has a pink flower in her hair. They are both smiling and appear to be dancing or spinning. The background is a white brick wall, and the scene is decorated with Christmas lights and garlands. The overall atmosphere is warm and festive.

LUZ DA MINHA VIDA

UM MILAGRE DE NATAL

GISA SR

Da mesma autora de Capitu



A man with a beard, wearing a light blue striped shirt and dark jeans, stands on the right, holding the hand of a young girl. The girl is wearing a pink top and a light-colored tutu, with a pink flower in her hair. They are in a festive setting with Christmas lights and decorations. The background is a white brick wall. The overall mood is warm and celebratory.

LUZ DA MINHA VIDA

UM MILAGRE DE NATAL

GISA SR

Da mesma autora de Capitu

LUZ DA MINHA VIDA

UM MILAGRE DE NATAL

GISA SR

Da mesma autora de Capitu

Copyright © 2019 Gisa SR.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Wânia Araújo

Capa: Ellen Scofield

Diagramação: Jack A. F.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento da autora.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil

1º Edição

Dezembro de 2019



Por Teu Amor: Um Milagre de Natal.

Como aceitar que acabou e que você irá perder o amor da sua vida? Como lidar com a dor e a culpa que parecem corroer sua alma por dentro?

Dean ainda não aceitou e não sabe lidar com tantos sentimentos e com a impotência, ele não é capaz de aceitar.

O homem com a vida perfeita, toda planejada, se vê perdendo tudo que lhe é mais caro em uma fração de segundos preciosos, assistindo a seu mundo desmoronar, ruir à sua volta e apenas uma pequena criatura é capaz de lhe trazer paz. Sua Cecília, a menina de 4 anos que passou a ser a luz do seu mundo, mas nem mesmo a doce criança é capaz de aplacar todo aquele sentimento preso em seu peito, apesar de ser o motivo do homem continuar a lutar.

"A culpa é sua..."

Era? Ele acreditava que sim, se culpava dia após dia, só resta saber se há

esperanças para um homem quebrado!



[Sinopse](#)

[Dedicatória](#)

[Sobre esta obra](#)

[Capítulo 1: Lembranças que curam](#)

[Capítulo 2: O dia após o amanhã](#)

[Capítulo 3: Chuva de esperança](#)

[Capítulo 4: A face do medo](#)

[Capítulo 5: Quando haverá perdão?](#)

[Capítulo 6: Uma decisão de peso](#)

[Capítulo 7: Mergulhando no escuro!](#)

[Capítulo 8: Natal sem cor](#)

[Capítulo 9: Chegou o Natal](#)

[Capítulo 10: Esperança](#)

[Capítulo 11: O milagre](#)

[Capítulo 12: O desespero](#)

[Capítulo 13: Gratidão](#)

[Capítulo 14: A revelação](#)

[Capítulo 15: Haverá superação?](#)

[Capítulo 16: Não sou a mesma](#)

[Capítulo 17: O sumiço](#)

[Capítulo 18: Desculpas](#)

[Epílogo: Superação](#)

[Agradecimentos](#)

[Mais livros da autora](#)

[Sobre o próximo lançamento](#)

[Sobre a autora](#)



Dedico a você, leitor, amigo e família este livro. Aqueles que, em meus momentos mais difíceis estavam presentes em minha vida, me influenciando a levantar, a continuar. E a Ti, oh Deus, que me carregastes em teus braços quando não pude mais andar!



Olá, querido leitor, muito obrigada por estar aqui comigo, neste livro que é tão especial para mim. Luz da Minha Vida marca uma superação particular minha como autora, foi um conto que fiz no Natal do ano passado para um projeto entre amigas e que amei.

Já esse ano, aproveitando o gancho de dezembro, me vi instigada a dar mais vida a ele, mais corpo. Foi árduo, o tempo era curto, mas aqui está e me orgulho em dizer que consegui.

Consegui fazer com que o mundo ao meu redor voltasse a me inspirar, que pessoas votassem a me trazer curiosidade sobre a vida humana, que o coração se curasse e voltasse a bater. Consegui mais união e afeto com minha família, Deus e comigo mesma. E, principalmente, aprendi que o sol nasce e se põe ao abrir e fechar de meus próprios olhos, que não sou apenas um

planeta orbitando em vão no espaço, que sou eu o meu próprio sol e que jamais daria minha luz a outro, jamais voltaria a orbitar alguém. Seja seu sol.

A caminhada foi longa... e linda ao mesmo tempo. E, se puder dizer algo a uma equipe em especial, seria obrigada, meus incríveis colegas de trabalho, talvez não saibam, mas cada um entrou em meu coração de forma diferente e tirou meu foco de momentos difíceis..

Espero que essa história toque seu coração como tocou o meu. Boa leitura... Ah, e não esqueça: seja gentil e tenha coragem...



O amor... falo daquele sentimento único, o qual poucos seres humanos tiveram, de fato, a oportunidade de sentir. O sentimento que ultrapassa barreiras, vence o tempo, os preconceitos e até mesmo o orgulho. Esse é de fato o amor e se você, caro leitor, já sentiu algo assim, se considere alguém de sorte, alguém que viveu com plenitude...



Era tarde e, naquela noite fria, em meio à escuridão, a felicidade reinava, enquanto a neve caía lá fora, formando um espetáculo sem igual aos olhos de Livia, que olhava pela janela, encantada com tamanha beleza. Um sonho se realizava naquele quarto de um jeito único. Uma felicidade e um amor que poucos seres humanos são capazes de sentir em toda uma vida. Ali, naquele quarto de hotel em uma pequena cidade da Argentina, se concretizava a certeza de um amor, de um casamento há muito esperado.

Aquelas quatro paredes passaram a ser testemunhas da união de duas almas, duas metades de uma laranja que tinham uma vida inteira para aproveitar todo o amor que transbordava até mesmo pelos poros de Livia e

Dean.

— Quando tivermos nossos filhos, voltaremos a esse lugar todos os anos, amor — disse Lívia abotoando o brinco de pérola na orelha direita, enquanto seu marido a olhava, embevecido.

Dean sorriu de lado, de um jeito só dele, e permaneceu sentado à espera de que a esposa terminasse de se arrumar para irem jantar. O homem alto, moreno, de cabelos lisos e barba bem aparada se levantou e, em poucos passos, estava atrás de Lívia, que sorriu ao sentir as mãos masculinas acariciarem sua cintura. Viu pelo espelho quando ele encostou o maxilar na curva de seu pescoço e depositando um beijo suave na pele leitosa e macia, inspirando o cheiro doce e cítrico de rosas.

— E quantos serão? — perguntou, sem deixar de fazer carinho no pescoço feminino, descendo os lábios carnudos e vermelhos pelo ombro coberto por uma fina renda negra.

A mulher de cabelos negros incomuns, de corpo baixo e curvilíneo, se virou para o marido com um largo sorriso no rosto e enlaçou sua nuca com os braços, derretendo-se como sempre fazia quando estava naquele aconchego, sentindo o cheiro almiscarado encher suas narinas. Um cheiro que ela conhecia bem, tinha cinco anos que Dean usava o mesmo perfume, fruto de um presente de Natal de Lívia, ainda quando eram enamorados. Desde então ele se negou a trocar e ela adorava esse fato em especial, pois, segundo ele, aquele foi o primeiro presente trocado entre ambos, o primeiro de muitos Natais que vieram e por isso era tão especial para ele. Uma pequena amostra de tamanho carinho e cuidado.

— Três, no mínimo! — Dean levantou a sobrancelha em uma indagação muda e Lívia deu de ombros. — Ah, quero muito uma família grande como a sua, ser filha única não é algo bom e quero uma família imensa, uma mesa

farta e muito barulho em casa.

Lívia viu o marido virar o pescoço para trás e dar uma estrondosa gargalhada, levando-a a acompanhá-lo.

— Amor, você odeia barulho — disse, assim que recuperou o fôlego, vendo-a ajeitar a gravata azul na gola branca bem engomada.

— Sim, odeio, mas isso é com os filhos dos outros e os outros, os nossos não. E a primeira será uma menina, linda e pequenina, com os seus olhos. Tenho certeza.

— Como tem tanta certeza de que será uma menina? — perguntou, risonho.

— Eu não sei. Simplesmente sei... estranho, não é? Mas sei que nossa Cecília será a primeira...

— Olhe isso, e já tem até nome? Ora, não sabia que, após o casamento, eu deixaria de fazer parte das decisões, não foi isso que me prometeram, me sinto enganado.

Dean levou um tapa no braço e riu, fingindo sentir dor.

— Não seja bobo, sabe que sempre amei esse nome.

— Sei e por isso concordo com você que o nome é perfeito, mas, por ora, vamos deixar que a vontade de Deus se cumpra. Ele saberá o que nos dará e quando dará. Por enquanto, querida esposa, só quero dizer que está perfeita nesse vestido e, se não descermos agora para jantar, talvez eu queira mudar nossos planos, tirar essa roupa e amar todo o seu corpo, cada pedacinho... — disse de forma maliciosa, roçando os lábios em sua orelha e fazendo-a se arrepiar.

— Hum... — Lívia gemeu, mordendo inconscientemente o lábio inferior com aquela promessa pecaminosa.

— Não faça isso, não gema assim...

Lívia riu diante do desejo evidente do marido e pigarreou tentando se controlar.

— OK, então vamos. Estou faminta após a maratona de sexo que tivemos e preciso me alimentar para mais uma rodada, certo, querido esposo?

Dean sorriu maliciosamente, mordendo de leve a ponta da orelha da esposa e afastando-se dela. Sabia que, se continuasse grudado ao corpo de Lívia, não sairiam tão cedo daquele quarto e a lua de mel seria inteiramente entre aquelas quatro paredes bem ornamentadas do quarto de hotel e aquela época era especial demais para não ser aproveitada de todas as formas, pois se tratava, nada mais nada menos, do mês mais querido por Lívia, no qual se comemorava o seu tão esperado Natal, data que ela amava desde criança. Era especial porque a fazia se lembrar da avó, uma senhora gentil, que sempre fizera questão de celebrar a magia do Natal...



— Papai?

A voz doce se fez ouvir e Dean abriu os olhos depressa, voltando ao presente e vendo à sua frente a pequena menina de pouco mais de quatro anos, com olhos grandes e esverdeados iguais aos seus. Os cabelos curtos, negros como a noite, estavam soltos e a franja caía sobre a testa suada. Ela carregava no braço um pedaço de pano vermelho e desgastado, que insistia em acariciar, enquanto chupava o polegar. Dean levou as mãos aos olhos de forma apressada, deixando o encosto do sofá e limpando qualquer resquício de umidade. Ele estendeu a mão para a pequena, que o observava com atenção, torcendo o pano surrado em suas mãos.

— O que foi, luz da minha vida? A senhorita não deveria estar na cama? — perguntou, engolindo o bolo que as lembranças lhe trouxeram, pegando a menina e colocando-a sentada em sua perna, enquanto cheirava os cabelos fartos.

— Sim, e o senhor também, né? — Ele a olhou e a pequena teve a decência de perceber o próprio erro e baixar o olhar. — Já sei, é que eu sou criança, né?

— Exatamente e já deveria estar no décimo sono.

— Hum... mas papai...

— Não adianta, não vou contar o que o Papai Noel vai dar para você no Natal, Lia. Para falar a verdade, este ano o bom velhinho não quis me contar. Deve aprender a segurar toda essa ansiedade presa aqui e esperar até o Natal — disse, apontando na direção do pequeno coração e a menininha bufou, fazendo-o rir. O gesto o fez lembrar quando contrariava Lívia e teve de segurar a emoção.

— E se eu te der um tantão assim de beijos? Muito, muito, muito, o senhor me conta?

Ela não tinha jeito, sabia bem como persuadir o pai, mas dessa vez não iria adiantar — como tinha acontecido em todos os outros Natais.

— Desse tamanho e já tentando subornar o pai? — disse, levantando-se e levando a menina em seus braços. Ela riu, faceira, fazendo duas covinhas lindas se abrirem nas bochechas rechonchudas. — Mas tenho uma proposta melhor: que tal irmos agora para a cozinha tomar um leite morno e depois dormirmos? Amanhã bem cedo tem aula, ou já se esqueceu?

— Mas, papai, eu não estou com sono.

Dean sorriu, colocando a menina em seus ombros, abrindo a geladeira,

pegando o leite e preparando-o em seguida.

— Eu também não e é por isso que vamos tomar um bom leite morno, pois, como a vovó diz: leite morno cura tudo — disseram em uníssono, enquanto a menina se agarrava com ambas as mãos nos cabelos curtos do pai.

Dean retirou a pequena chaleira do fogo e em seguida encheu o copo estampado com a Elza, entregando-o à menina e servindo-se em seguida. Cecília tomava a bebida atenta ao pai, que fazia o mesmo, vendo a menina balançar as pernas gorduchas dentro de um pijama cheio de estrelas e luas. A garotinha não conseguia ficar quieta, era imperativa como a mãe, não puxando em nada a calma do pai.

— E então, vamos para cama?

— Eu ainda não estou com sono, papai — respondeu, emburrada, não segurando um bocejo e o pai riu, pegando a menina e levando-a em direção ao quarto. — Vai me deixar dormir com o senhor? — disse rapidamente e um pequeno sorriso de satisfação se abriu nos lábios vermelhos e em formato de coração. Ela adorava o aconchego que o pai lhe dava.

— Sim, vamos contar juntos as ovelhinhas.

— Eu nunca termino...

— Essa é a ideia, minha luz.

Dean adentrou o quarto de visitas, onde vinha dormindo nos últimos tempos, e colocou Cecília na cama, que logo se embrenhou em meio às cobertas do pai, esperando que ele se pusesse ao seu lado. O pequeno corpinho se aconchegou a ele e, juntos, contaram as ovelhinhas, até que não se ouvia mais a voz doce e infantil, restando apenas um leve rressonar.

Apesar de sentir paz ao ter sua filha em seus braços, o pobre homem ali deitado na grande cama se sentia oco, vazio e sem chão...

Pobre Dean, o destino fora cruel, vil e sem escrúpulos e o amor não tinha sido suficiente.



Ao meio dia, lá estava Dean, em frente à escola da filha, esperando sua saída, encostado no carro. Sua feição não transparecia o redemoinho de sentimentos presos dentro dele, a não ser pelas profundas olheiras embaixo dos olhos, ninguém suspeitaria que o homem de belas feições trazia tal turbilhão de sentimentos. Dor, saudade, culpa, medo, desespero, pesar...

Escondido por trás das lentes negras dos óculos escuros, chegava a sorrir ao cumprimentar alguns pais ali já conhecidos por ele. Cecília frequentava a mesma escola desde que tinha começado a estudar e tanto a garotinha quanto o pai encantavam todo mundo, principalmente as mães solteiras.

— Papai!

Ouviu a voz já conhecida e olhou em direção ao grande portão, onde a

fila de crianças se formava e a menina seria a terceira a sair com um sorriso de orelha a orelha ao ver a figura paterna à sua espera, vestindo um terno francês bem alinhado ao corpo que o deixava elegante como de costume.

Assim que a menina saiu, correu e se jogou em seus braços enchendo o rosto bem barbeado de pequenos beijos. Beijos de saudade que foram retribuídos com um abraço apertado de carinho e amor.

— Como foi a aula? — perguntou ele, enquanto colocava o cinto da cadeirinha na menina, que inquieta tentava se alinhar no assento.

— Foi legal. Eu fiz um desenho lindo, o senhor quer ver?

— Faça questão — Dean respondeu, sentando-se no banco da frente e virando-se de lado enquanto a filha pegava a folha de papel e lhe entregava.

Ao ver o desenho, o desespero tomou conta de cada célula do ser de Dean, um bolo subiu na sua garganta ao vislumbrar três pessoas naquele pedaço de papel. Não que o desenho tivesse um ótimo traço, mas dava para entender a intenção dos rabiscos ali e nele estava Lívia, tendo próxima à sua cabeça uma tentativa de fazer um coração.

— Gostou, papai? A mamãe ficou bonita, não é? Eu queria deixar os cabelos dela iguaizinhos, mas não ficou muito bom. Mas o senhor está igual, papai. A tia disse que tenho muito talento.

Dean queria prestar atenção ao que a filha dizia, mas sua mente viajou naquele instante, fazendo-o lembrar de Lívia deitada na grande cama de casal, com ele ao seu lado acariciando a barriga de seis meses, quando esperavam ansiosos por Cecília. Era como se conseguisse ouvir a voz dela ali, ao lado dele, era como se pudesse sentir até mesmo o perfume e seu toque macio...

— Ela virá cheia de saúde, isso é o que importa. Perfeita, tendo os seus

olhos, é claro. Tomara que não venha muito cabeluda, sofri com isso na adolescência — disse Lívia, pensativa, a mão subindo e descendo no ventre e indo ao encontro dos dedos de Dean.

— Amor, você fala tanto nisso que a menina nascerá com olhos negros como os seus, ou castanhos e meios tortos como os do seu pai — provocou e viu um lindo sorriso se abrir no rosto bonito de feições que considerava perfeitas.

A mulher era de fato formosa de modo único, de rosto quadrado, cabelos negros fartos e longos, tendo uma curvinha no limite da testa, dando a impressão do formato de um coração. Olhos grandes e negros como a noite, nariz pequeno de ponta arrebitada e a boca fina, seguindo um formato perfeito. Ah, como ele amava aquela mulher, mas não era pela beleza, mas sim pela melhor parte, a qual ela trazia escondida dentro de si. Dean se orgulhava da mulher que tinha, da esposa dedicada, da médica excepcional e preocupada com seus pacientes e da mãe maravilhosa que já sabia que ela seria.

— Nem tente me desanimar, tenho certeza de que nascerá com os seus olhos. Sabe bem que só me conquistou por conta desses olhos esverdeados e puxadinhos aí... aquele moreno de olhos claros... Hum, foi impossível resistir, você sabe.

Com ela, Dean levava uma vida de risos e se viu virando-a na cama, ficando por cima de forma que não a machucasse e prendendo-a entre seus braços.

— Vou mostrá-la por que se apaixonou por mim...



— Papai? — Cecília trouxe Dean de volta ao presente. Ele entregou a folha de papel à filha, sem olhá-la para não deixar a emoção escapar, pois, de fato, a menina saiu com seus olhos, mas puxou toda a beleza da mãe, assim como seu grande coração.

— Desculpe, meu amor, o desenho ficou tão perfeito que o papai viajou em pensamentos.

— Ficou, não é? Eu sei, vou colar no meu quarto... Ah, não! A gente pode comprar um quadro, não é, papai? — exclamou quase gritando de euforia.

— Pode, claro. Mas agora vamos, a vovó está nos esperando para almoçar.

— É, e o vovô prometeu me levar no parquinho com o Josh. Ah, e mais tarde vamos comprar o quadro, não esqueça, papai.

— É um porta-retratos, minha luz.

— Hum, que seja... o importante é comprar um bem, bem bonito. Isso depois de brincar muito com o Josh.

Josh era o cachorro que deveria ser do pai de Dean, um pequeno *poodle* que foi pedido por Cecília e que Dean negou por morarem em um apartamento, porém o velho não se aguentou e acabou comprando o cãozinho, com a desculpa de que era um presente para a esposa, mas todos sabiam, até mesmo Josh, que sua dona oficial era Cecília, que amava o cãozinho de pelo amarelo.

Dean deslizou o carro pelas ruas e, em poucos minutos, estava estacionando em frente à mansão da família Dangelo, esperando que o portão fosse aberto. Ao adentrar, viu a mãe em frente à porta, uma senhora de baixa estatura, pele morena e sorriso astuto, à espera da neta. Cecília geralmente tinha uma agenda cheia e minuciosamente planejada pelo pai com escola,

aula de reforço e balé, mas as tardes de quinta eram dedicadas aos avós paternos, que eram loucos pela criança — a primeira neta e faziam questão de enchê-la de mimos.

Assim que estava livre, Lia correu para os braços da avó que, sem esperar o filho, adentrou a casa, carregando a menina entre abraços e risos. Dean balançou a cabeça, sabia que aquele seria um dia regado a bolos, guloseimas e muita brincadeira e que à noite, quando fosse pegá-la, a menina já chegaria em casa dormindo pelo cansaço.

Abrindo o porta-malas, pegou a bolsa escolar e outra com uma peça de roupa infantil e seguiu rumo à entrada da casa. Já da porta, ouviu a animação na sala e parecia ter mais alguém ali. Era Nick, o irmão de Dean que estava naquele minuto sentado no chão, rendido com Cecília e Josh no tapete felpudo da sala.

— Boa tarde família, mãe, pai, Nick — cumprimentou todos, tirando o paletó, deixando-o sobre o sofá azul turquesa e recebendo em seguida um abraço da mãe e um beijo estalado.

— Como está, filho?

— Bem.

Dalva sabia que o filho não estava bem. Já fazia tempos que ele não era o mesmo e, apesar de ninguém perceber, ela via com perfeição a ferida ali aberta, a dor gritando no coração do filho e aquilo também a machucava, a cortava por dentro.

— Filho...

— Não, mãe, hoje não, por favor — disse desvencilhando-se e sentando-se na poltrona ao lado para ver o irmão rolar no chão como criança, não se importando em amassar a bela camisa italiana.

— Como está o contrato com a construtora, Nicolas? — perguntou depois de algum tempo observando a farra, chamando a atenção do irmão e do pai.

— Ah não, Dean, me dê um descanso, irmão. Mas saiba que aquela CEO está me enlouquecendo e dificultando o desfecho do negócio. Está segurando o valor, consegui algo, mas nada substancial. Tentarei mais uma abordagem hoje e, na reunião de amanhã, conto os detalhes. No momento, quero apenas agarrar essa garotinha sapeca — desconversou, agarrando a menina e enchendo-a de cócegas.

Dean sorriu, mesmo contrariado. Amava conduzir a empresa da família, mas amava mais ainda ver como todos tratavam sua filha, como a supriam de qualquer falta de amor que poderia sentir. Recostou-se na poltrona e recebeu um copo com *Bourbon* das mãos de seu pai, que tocou seu ombro de forma amorosa.

— Relaxe um pouco, rapaz, é para isso que vem para cá. Deixe a empresa lá, ela não irá ruir nos poucos minutos que você está fora. Além disso, tem Anita, que seria capaz de carregá-la nos ombros se fosse necessário.

Anita era a segunda filha, um pouco mais jovem que Dean, mas com a mesma paixão pelos negócios, tomando as rédeas da empresa ao lado do irmão. Ele como CEO, ela como seu braço direito e vice-presidente, porém às vezes o papel se invertia devido à confiança e competência que ela mostrava. Vice era apenas um título, ambos se entendiam como se fizessem parte de um único corpo, crescendo, caindo e levantando-se juntos.

— Isso é verdade! — exclamou Nick entre uma risada e outra. — Mais fissurada que você, apenas ela.

Todos riram, era uma verdade universal. Ao menos Dean tinha uma desculpa para mergulhar de tal forma dentro daquela empresa, pois aquilo era um escape, uma forma de fugir de si mesmo, vestir a máscara de CEO

implacável. Já Anita, ninguém sabia ao certo se era paixão pelos negócios, ou se tinha algo pesando em sua alma. Dean apostava um braço que sim, que, assim como ele, a irmã usava aquela empresa como forma de escape. Uma dura realidade, tínhamos que convir.

— Bom, e o almoço? — perguntou. Tinha uma reunião de negócios e precisava voltar para a empresa.

— Não seja mal-educado e apressado. Já iria avisar que a mesa está posta.

Dean sabia que tinha levado uma reprimenda da mãe e olhou para Cecília, que ninava o pequeno poodle como um bebê.

— Lia, vá lavar as mãos. Vamos almoçar — pediu, bagunçando os cabelos da filha.

— Eu queria brincar mais com o Josh, papai.

— Não discuta, minha luz, faça o que estou pedindo, vai ter uma tarde toda com ele.

— Hum, o senhor bem que...

— Não, não vamos levar Josh para casa.

A menina sabia bem que um não do pai era realmente um não e, fazendo um muxoxo, levantou-se do chão, chamou o cãozinho e foi para o lavabo.

— Às vezes, você é duro demais, Dean — a mãe falou ao ver a menina sair da sala.

— Eu amo a senhora, mãe, sabe disso, mas educo minha filha como fui educado pela senhora, então não queira que eu mude a forma de cuidar da minha menina. Estou seguindo o exemplo que tive aqui — disse, olhando para o pai e para a mãe sem dar chances para discussão. Intrrometer-se na educação de Cecília era algo que não permitia que ninguém fizesse.

— Alguém aqui está de humor azedo. E eu vou seguir o exemplo da pequena e lavar as mãos, estou morto de fome, comeria uma vaca! — exclamou Nick, sem ligar para a forma de falar.

— Nicolas!

— Viram? É isso que os filhos viram quando os pais afrouxam as rédeas... — brincou Dean com a falta de educação já corriqueira do irmão.

Alguns minutos depois, a família estava à mesa, Cecília sentada ao lado do pai enquanto se punha a comer, de vez em quando jogando um pedaço de frango para Josh embaixo da mesa, acreditando que o pai não estava vendo suas ações. Ao final da refeição, a sobremesa foi servida e, no mesmo instante, o celular de Dean tocou. Geralmente ele não se daria ao trabalho de atender naquele horário, mas, tratando-se do nome estampado na tela, o homem se levantou, limpando a boca com o guardanapo.

— Por favor, filho, termine de comer.

— É importante, mãe.

Dean saiu pela lateral da sala de jantar, indo para a sala de estar e, quando se viu sozinho, atendeu a ligação, o coração disparando no peito. Nunca era fácil atender aquelas ligações.

— Alô.

— Dean? — a voz rouca e masculina disse ao celular.

— Sim. O que quer, Antônio? — disse, de forma ríspida.

— Quero falar com você.

— Se for sobre o mesmo assunto, pode nos poupar desse absurdo. Não vou ceder, isso não está em discussão. Não é o senhor e sua esposa que decidem, sou eu. Deixaram de ter opinião quando sua filha passou a usar meu sobrenome.

Gentileza não estava em jogo ali, e ele ouviu um bufo em resposta.

— Arrogante como sempre. Sabe que nunca quis esse casamento, sempre soube que não era certo, que você a levaria à ruína.

— Isso pouco me importa, se era só isso...

— Entrei com um pedido na justiça! — a voz disse ao telefone e fez Dean parar de falar, o coração parecia saltar no peito, a boca chegou a secar. — Qualquer juiz saberá que está louco com tal negação e que tenta impedir um direito que é só dela.

— O senhor não sabe o que diz. Quando foi isso? Quando teve a pachorra de tal atitude?

— Isso não interessa, eu o avisei que iríamos até as últimas consequências. Estarei à sua espera daqui a uma hora, não se atrase, entenda que estou tentando cooperar, tente também.

— Antônio...

Dean não teve tempo de articular e sua vontade era extravasar, jogar o aparelho na parede, deixar sua raiva sair de alguma forma. Justiça, eles não poderiam fazer aquilo, não poderiam, ele não iria permitir. Tentando usar a razão, fez uma nova ligação, engolindo o bolo que insistia em se formar em sua garganta.

— Ferreira, o Antônio...

— Entrou com uma ação, eu sei — o advogado completou.

— E não pensou que seria útil me avisar antes que aquele infeliz me pegasse de surpresa?

— Acabei de saber Dean, não tinha o que fazer.

Dean quis urrar de desgosto, impotente e encurralado.

— Anule, se vire, dê seu jeito e finalize isso.

— Olhe, eu sei que isso deve estar te enlouquecendo, mas veja o que está me pedindo, tem noção? É um homem poderoso, com um sobrenome de grande peso, Dangelo, mas não pode anular nada. Sabe melhor do que ninguém que a mesma influência que você e sua família possuem, seu sogro também tem e isso se tornará uma briga de cachorro grande. Prepare-se, as notícias não são boas e o juiz é dos piores. Talvez esteja na hora de repensar e chamar a razão.

O que significava chamar a razão?, Dean se perguntou. O advogado fora longe demais, apesar da amizade de anos, aquelas palavras carregavam o peso de uma dor incontável. Não cabia a ele interferir.

— Dê um jeito!

Foram suas palavras antes de desligar o celular. Não queria acordo, não queria nada além da mulher que tanto tinha amado e ainda amava. Era tão ruim assim ter esperanças? Lutar com todas as forças para ter de volta o seu amor? Ou será que era mesmo loucura e já era hora de seguir em frente e entender que Livia não estaria mais em sua vida, que tudo tinha mudado... Uma lágrima desceu por sua face, era impossível contê-la, e ele a limpou com certa força, saindo apressado sem ao menos se lembrar de se despedir.

Naquela tarde, o inferno descia na terra, daquilo ele não tinha dúvidas, mas o pior era que Dean já se sentia no inferno havia muito, muito tempo. A perda tinha o poder de fazer aquilo com qualquer ser humano, principalmente, aquele que carregava o peso da culpa em seus ombros...



Cecília não demorou a sentir falta do pai, após terminar a fatia generosa de pavê que sua avó tinha lhe servido — doce de que gostava muito, não mais que torta de morango, claro. A menina olhou para a sala e buscou a avó, que falava algo no ouvido do avô.

— Vovó, o papai já foi? — perguntou, curiosa, tirando a franja do rosto com os dedinhos sujos de doce.

— Ah, filha, acho que ele teve uma emergência. Maria avisou que ele saiu há pouco.

A menina ainda não entendia ou podia perceber o esforço enorme que avó fazia para esconder seu desconforto e preocupação, pois não deixou de ouvir que o filho falava com o sogro e sabia que uma tempestade viria a seguir.

— Mas ele não se despediu, o meu papai nunca sai sem se despedir. —

Cecília fez um pequeno biquinho ao falar e foi pega de surpresa pelo tio, que a colocou nos ombros.

— Ele pediu que eu dissesse que logo estaria de volta, que teve que sair às pressas, sapeca, e enquanto isso o titio vai mimar você. Eu sirvo para entreter a vossa senhoria?

Foi impossível não abrir o corriqueiro sorriso de satisfação e a paixão que sentia pelo tio fez os olhos da menina brilharem ao saber que, naquela tarde, teria toda a sua atenção. Tão pequena, a menina já sabia o quanto era querida, mesmo que apenas pela família do pai.



Do outro lado da cidade, Dean se aproximava do prédio luxuoso que pertencia aos pais de Lívia, que moravam na cobertura. O homem deixou o carro de qualquer jeito na rua e, ao se identificar na portaria, foi liberada a sua entrada. Subiu no elevador sentindo o sangue correr mais rápido por suas veias, quente como lava, como se a qualquer momento fosse entrar em erupção. E era aquilo mesmo que aconteceria caso não se controlasse, mas não podia perder a calma como das outras vezes, não precisava de mais uma prova contra si.

Chegando em frente à porta da cobertura, Dean respirou fundo, mas parecia que todo o ar dali não era suficiente, nada era. Antes de tocar a campainha, a porta foi aberta e um senhor baixo e de cabelos grisalhos o recebeu, tendo em seu rosto uma feição nada amigável.

— Entre, vamos, já estava à sua espera — disse, dando-lhe as costas. — É melhor irmos para o escritório.

— Não precisa. — A voz dura fez Antônio parar e se voltar para o genro.
— Não vou me demorar, vim apenas lhe dar um recado. Não vou permitir que vá adiante, não vou permitir que a tire de mim de uma vez. O senhor pode entrar com uma, duas, três, até quatro ações se quiser, mas perderá todas. Ninguém irá tirar esse direito de mim.

Aquela situação era mesmo incomum e Dean, que tentava se controlar, terminou de falar quase aos berros, expondo seu descontrole total. O homem de antes, paciente e consolador, não parecia fazer parte daquela casca tão calejada e machucada, mas suas palavras em nada intimidaram o sogro.

— Você parece uma criança mimada e birrenta... Mas sabe, Dangelo, reconheço que é um homem inteligente ou não estaria à frente de uma das maiores empresas do país, e mais, fazendo-a prosperar tão bem, melhor até que seu pai... É, você é alguém importante, mas vamos convir que seu histórico nos últimos anos não tem ajudado muito. E exatamente por ser inteligente, sabe que, por mais arrastada que seja uma briga na justiça, irei ganhar. Seja sensato, fui paciente tempo demais com você.

— Paciente? Está se ouvindo? Você é frio, não sei como um ser tão podre pôde ter alguém como Livia — esbravejou a plenos pulmões.

Aquilo de fato foi uma bofetada na cara do senhor estancado em meio à sala, que se tratava de um patriarca cético, sistemático e irredutível. Com Antônio, era tudo preto no branco, não existiam meios-termos e Dean sabia bem disso. O problema é que ele também não cederia, não por ela, não desistiria de Livia.

— Tenha mais respeito, seu moleque infeliz. Quero paz, quero que minha filha tenha paz, que minha esposa também a tenha e siga em frente. Eu a amo também, sabia, rapaz? Ela é parte de mim.

A pose do homem tinha cedido ao descontrole, o rosto frio tinha tomado

uma tonalidade avermelhada e raivosa, mas se a intenção era intimidar, não funcionaria com Dean.

— Cecília também é, mas você finge que minha filha não existe. — A mágoa transbordou de cada poro do corpo masculino ao lembrar-se de quantas vezes a garotinha perguntou sobre o avô materno e de quantas vezes o homem se negou a ter contato com a neta.

— Foi tudo culpa sua e dela. Se ela não tivesse...

— Não repita, não quero fazê-lo engolir as palavras, não quero perder o resto de respeito que tenho por sua idade. Quer ir ao júri? Vá quantas vezes quiser, mas não irá ganhar ou me intimidar.

— Você é inacreditável. Algum momento se pôs em meu lugar, rapaz? Ou no lugar de Mália? Ou pensou em Livia? A mulher alegre, de riso à toa que agora... — O velho engoliu em seco, fazendo uma pausa quase teatral. — A culpa é sua. Você sabe e talvez por isso não queira dar um ponto final nisso. No fundo, não quer assumir seu fardo.

Dean negou, uma mão indo à cintura e a outra passando pelo rosto, inconformado, culpado e subjugado. Sim, o homem sentia culpa.

— Tenho esperanças... — disse em um sussurro, talvez apenas para si.

— Não, você criou esperanças na sua cabeça, uma fé em vão. E agora chega dessa conversa, nos vemos no tribunal como é de sua vontade. Quero evitar desgastes, mas já que se nega a dar paz à minha filha, vamos resolver no tribunal. Mas ouça o que direi, Dangelo, após ganharmos essa batalha, não se aproximará dela. Se for sensato, fará o melhor. Agora vamos, saia.

E aquilo foi tudo, os dois homens se encaravam como se estivessem em uma arena grega, prontos para a batalha. Mas naquele embate não existiria ganhador, de qualquer forma os dois perderiam algo, seria uma vitória vã, na

qual o sofrimento reinaria em via dupla, afogando quem estivesse no caminho.

Dean nada mais tinha a dizer. Havia perdido as contas de quantas conversas como aquela eles tiveram e de como cada uma sempre terminava. No início ainda era pior, pois deixava o desespero falar mais alto e o descontrole vir à tona. Era difícil e a sensação de impotência o matava por dentro. Sem dizer mais nada, ele deu as costas ao sogro e saiu da grande sala, pisando duro em direção ao elevador.

O homem não parecia ver nada em sua frente, tudo era cinza, sem cor e sem sabor. Saiu do prédio e, quando se pôs dentro do carro, deixou um grito de dor escapar, a mão fechada golpeou por vezes a fio o volante e a única dor que sentia era a que consumia seu coração.

De fato, ele era um homem inteligente e sabia que estava indo por um caminho sem volta. As lágrimas desceram como cachoeira, o peito comprimindo o coração e a saudade corroendo-o. Arrancou depressa a gravata que naquele momento era como uma corda sufocando-o... Uma corda, ela talvez servisse de algo. No mesmo instante, pensou em Cecília, a criança que trazia luz aos seus dias, que o fazia levantar todas as manhãs e lutar para estar de pé.

— Porque não fui eu, Deus? Por quê?

Ele realmente acreditava que seria mais fácil se tivesse sido assim.

A culpa é sua...

Era? Sim, até mesmo ele acreditava que sim, carregava nos ombros o peso do mundo por acreditar que, se tivesse prestado mais atenção, se tivesse notado o erro, estaria com sua mulher e não lutando para tê-la de volta. Ah, como sentia falta, sentia falta até mesmo das brigas, mesmo nunca tendo razão e dando-se por vencido no final.

Dean ligou o carro e apressadamente se pôs a caminho do escritório de Maurílio. Precisava dele mais que de qualquer outro naquele momento, precisava de um caminho, uma luz.

Já no escritório do advogado — que, segundo a secretária, já estava voltando — Dean se punha de um lado para o outro na sala ampla, a cabeça dando voltas e voltas. Lembranças dos últimos cinco anos fazendo-se presentes e machucando-o com tantas hipóteses do que poderia ter acontecido.

A porta do escritório se abriu naquele momento e um homem loiro, de camisa social e gravata adentrou a sala, trazendo no braço o paletó negro. Devido à cara do cliente e amigo, Maurílio dispensou os cumprimentos, indo direto ao ponto.

— Serei sincero.

— Espero mesmo que seja — retorquiu, já esperando más notícias.

— As chances são poucas. Devido ao histórico de Livia e o seu nos últimos anos, podemos perder. Na verdade, temos grandes chances de perder.

— Mas tem uma chance mínima?

— Dificilmente. Neste caso, seria levado em conta, principalmente, se você está em juízo perfeito, já que sua negação aos olhos clínicos e jurídicos não faz muito sentido. Também seria levado em conta o sofrimento da família dela, isso sem dúvidas pesará, ainda mais vendo o histórico da mãe, que por vezes sofreu colapsos devido à situação.

— Qual a saída? — Dean confiava tanto no amigo que tinha certeza de que ele teria uma saída, mas daquela vez seria diferente. — Não, não diga não.

— Vou dizer isso como advogado, mas, principalmente, como seu amigo.

Tente um acordo, peça um tempo e aproveite-o para tentar se consolar, acalmar seu coração, se preparar e preparar a pequena Cecília. Está na hora, Dean, talvez até tenha passado da hora.

Em resposta, Maurílio viu o amigo lhe virar as costas, levar as mãos aos cabelos, deixando em seguida os braços caírem ao lado do corpo e sua postura ceder, os ombros caindo em derrota. Era mesmo a imagem de um homem desolado no fim de uma guerra.

— Eu tenho que ir — disse, com voz embargada.

— Ir para onde, Dean? Não saia assim, vamos conversar. Você precisa esfriar a cabeça.

— Me desculpe, mas eu preciso ir.

E nada seria capaz de pará-lo, ninguém poderia controlar a fera enjaulada que rugia para se libertar e deixar que o mundo ruísse e o consumisse.



As paredes brancas do corredor silencioso pareciam querer **comprimi-lo**, sufocá-lo, refletir sua confusão. Cambaleante, fez o mesmo caminho que conhecia bem, que fizera tantas vezes que até já tinha perdido a conta. Era ali o seu refúgio quando o peso do mundo ruía em seus ombros. Naquele quarto de hospital, Dean ao menos sentia sua presença, não importando que os médicos dissessem o contrário. Ele tinha uma certeza, ela não se fora...

Ele parou em frente à porta do quarto, ouvindo o bip ininterrupto dos aparelhos funcionando enquanto a mulher de pele branca como a neve permanecia deitada, inerte, com um tom fantasmagórico ao seu redor. A

sonda que a alimentava estava conectada, assim como tantos outros aparelhos e, apesar da imagem o consumir, ele acreditava que Livia ainda estava viva, lutando internamente para voltar.

A passos lentos, caminhou até o leito e segurou a mão fria e magra da esposa. Mesmo com toda a situação, ele jurava ainda sentir a maciez de antes, a pele vivaz e cheirosa. Ilusão? Talvez... Na verdade, todos poderiam ter razão e tudo não passava de uma ilusão, algo criado por ele para atenuar sua culpa e sua dor.

Ela pode ou não acordar... Temos chances, porém Livia pode vir a acordar com sequelas, como falta de memória e até mesmo de personalidade. Infelizmente, apesar de chegar lúcida ao hospital, sua esposa teve complicações e tivemos que ir até as últimas consequências na cirurgia em seu cérebro.

Foi o que ouviu do médico quando ainda estava no quarto, preso ao seu leito e aquilo não parecia fazer sentindo, ela acordaria, claro que sim. Só que aquela certeza aos poucos se perdeu, restando hoje apenas um fio pequeno de esperança que, naquele instante, lutava com sua lucidez e as palavras ditas naquele dia nunca saíram da sua mente.

Ainda de pé, Dean olhou o rosto já quase que irreconhecível de Livia, devido à palidez e à profundidade que tanto tempo no hospital lhe trouxera.

— Hoje ela fez um desenho, amor. E você estava nele... — Dean falou baixo e riu em meio as lágrimas ao lembrar-se de sua doce menina. — E, bem, o desenho não era dos mais bonitos, claro, mas éramos nós três. Tivemos a criança perfeita, Livia, como você sempre sonhou... — falou e, sem soltar a mão de Livia, puxou uma poltrona que estava ao lado da cama e se sentou, levando a mão dela aos seus lábios e deixando um beijo suave. — Mas você disse que seriam no mínimo três, se lembra? E precisamos que

acorde, amor. Preciso que volte para nós, que volte para mim, para terminar o que prometemos um ao outro. Minha vida perdeu a cor sem você, seu sorriso me faz falta, seu cheiro não sai do nosso quarto. Eu... eu não vou conseguir sem você, não vou. Não posso te deixar ir, não posso desligar tudo isso que te ajuda a se manter viva, não posso. Eu não consigo... eu preciso de você para me guiar. Se lembra? Você mesma disse que sempre seria minha direção e agora eu estou perdido, Livia... perdido.

Sua voz já não saía mais ao final da fala e sua testa foi ao encontro da mão dela, enquanto internamente pedia a Deus ou a quem quer que fosse o ser superior lá em cima que o ajudasse, que lhe mostrasse o caminho.

Após alguns minutos, deu-se conta de que, aparentemente, a resposta não viria e já não sabia a quem recorrer. Levantou a cabeça e olhou a mulher de forma profunda, apaixonada. Sim, o amor não mudou, não diminuiu, nada estava diferente, a não ser que, com todo esse amor, estava também a esperança de que ela voltasse para a família. Pobre Dean.

Aos poucos, ele se pôs de pé e deixou um beijo suave na testa da esposa, dando um último olhar demorado para ela antes de sair do quarto após horas ali. Dirigiu-se ao seu carro, notando só então que já era tarde. Lembrou-se de Cecília e foi até a casa dos pais, a fim de pegar a menina e voltar para o seu apartamento, que passara a ser inóspito sem ela.

Como previra, não foi diferente das outras vezes e encontrou a menina dormindo, agarrada ao cãozinho, a pequena se cansava fácil após um dia inteiro de brincadeiras. Ali, olhando a cópia perfeita de Livia, sentiu o olhar de sua mãe pesar sobre si e olhou-a por cima do ombro.

— Eu sei com quem falou, Dean. Eu ouvi.

Ele continuou de costas para a mãe, voltando a olhar para menina, que ressonava na cama da avó.

— E como sempre, sei que não gosta de falar sobre o assunto, filho, mas se fosse eu e seu pai no lugar dos pais dela...

— Ela faria o mesmo — disse, firme, sem sombra de dúvidas. Acreditava que não importaria quanto tempo passasse, sua Lívia jamais desistiria dele. — Ela lutaria por mim, ficaria ao meu lado e não me deixaria partir.

— Mas seria isso que você iria querer, filho? Iria querer que ela virasse um zumbi, uma casca do que já foi? Que ela se dividisse entre sua filha, o trabalho e a preocupação com você? Que passasse noites e noites ao lado de um corpo já sem alma, sem chances, que fosse quase à loucura...

— Mãe! — rugiu, baixo. Era um aviso de como aquilo o machucava. A verdade doía, não era?

— Me desculpe, meu filho, mas só me diga: você gostaria? Gostaria de ver seus pais sofrendo como eles sofrem?

— A senhora não sabe o que diz — disse, amargurado, pegando a menina da cama e aconchegando-a em seus braços.

— E você, filho? Sabe o que faz? Tem certeza disso?

Ele não respondeu, fazia muito tempo que não sabia, não quando o assunto era Lívia, naquele caso sempre era levado pela emoção. Àquela altura de sua vida, Dean só tinha uma certeza, o amor pela criança em seus braços e nada mais. Levou Cecília consigo e, antes de passar pela porta, olhou para a mãe com pesar.

— A senhora tem razão, eu não sei o que estou fazendo, estou perdido, pois dei a ela o poder de me guiar e tenho medo de não suportar viver em um mundo que ela já não respire, mãe.

Dean ainda pôde ver a piedade transbordar nos olhos marejados da mãe e sabia que não eram só ele e a família de Lívia que sofriam, sua mãe também

sofria por ele, no fim, todos estavam presos à sua decisão. Reféns de uma situação que ninguém tivera culpa, senão ele, ou assim tinha se convencido.

Carregou a menina pelas escadas, passando pela irmã que, pelo jeito, acabara de chegar da empresa e estava com uma cara nada boa. Ela ainda tentou jogar em cima dele sua insatisfação por Dean ter sumido a tarde inteira, mas desistiu ao ver a feição do irmão. Anita, a mulher alta de cabelos curtos, chegou a abrir a boca para tentar dizer algo, mas desistiu e apenas acenou de leve, inundada pela pena. Àquela altura, os dois se completavam e se conheciam apenas pelo olhar, era tão fácil a comunicação entre os dois, mas nem isso permitia que os segredos mais profundos fossem expostos.

As palavras de sua mãe rondaram sua mente por todo o caminho até ele chegar em casa, era impossível bloqueá-las. Foi direto para o quarto e, após aconchegar seu pequeno pacote de amor na cama, Dean tomou um banho rápido. Ainda colocando a regata branca, saiu do quarto e atravessou o corredor, parando em frente à porta no outro extremo e suspirando audivelmente antes de abri-la.

Entre aquelas quatro paredes estava tudo que o casal tinha vivido, os momentos mais felizes e únicos. Dean respirou fundo, apesar do tempo, o mesmo perfume cítrico de rosas permanecia no local ou talvez fosse apenas uma fantasia de sua cabeça.

Seus olhos percorreram o local que deixou de usar, aquele espaço o oprimia sem ela. Seu olhar parou no pequeno pedaço de pano rosa sobre a cama, a camisola preferida de Lívia, à qual ele recorria em momentos como aquele. Quantas vezes passou a noite afogando o rosto naquela peça, relembrando cada segundo ao lado dela, muitas vezes sentindo-se arrependido por não ter aproveitado mais.

Andou até a cama e se sentou, pegando o tecido em suas mãos. A seda

suave escorregou entre seus dedos, fazendo-o lembrar como era tê-la no corpo da esposa. Dean levou a peça ao nariz e inspirou profundamente, lembranças e mais lembranças misturando-se em sua mente. Por quanto tempo mais aguentaria tudo aquilo?

E naquele quarto, mais uma vez, estava ele sozinho em busca de respostas, refúgio e consolo, agarrado a um pedaço de pano que tinha muito significado para ambos. Pois assim como nunca deixara de usar o perfume que ganhou no primeiro Natal que tinha passado ao lado do seu amor, Livia nunca abandonou a camisola velha dada por ele na lua de mel.

Ah, como a saudade doía. A verdade era que o amor transformava, fortalecia, mas, infelizmente, às vezes podia nos levar à loucura.

Um bom soldado sabia a hora de desistir, de deixar o campo de batalha e seguir em frente, aceitar a derrota. Ser um bom perdedor em momentos difíceis, também fazia parte da vida, do ser humano. E era ali que estava a pergunta de um milhão: como enfim dizer adeus? Como escolher? Como refazer a vida, uma em que talvez, só talvez, não existisse outro amor para ser sentido. Algumas vezes não havia beleza no amor, pois aquele mesmo sentimento nos tornava cegos e egoístas quando o mundo ao nosso redor deixava de existir...



— **E**i, preguiçosa, acorde — chamou, com a voz doce. — Minha luz... vamos ou vou me atrasar — chamou mais uma vez a menina de forma amorosa, após algumas tentativas de acordá-la para a escola.

— Não quero ir, papai... quero dormir — falou Cecília em meio a um bocejo.

— Vamos, Lia, não pode faltar a escola por preguiça, meu amor.

— Hum... — gemeu a menina, abrindo um dos olhos e vendo o pai sentado ao seu lado na cama, já de banho tomado, com a formal calça social preta, uma camisa social azul e os cabelos ainda úmidos.

Um sorriso tímido surgiu no rostinho infantil, fazendo duas covinhas se abrirem enquanto se espreguiçava. Sentiu os braços do pai ajudando-a a se levantar e seguir o ritual matinal de tomar banho para ir à escola.

Já de banho tomado, Dean colocou Cecília sentada no móvel da

penteadeira e se pôs a pentear seus cabelos, tentando fazer o penteado que a filha lhe pediu, uma trança como a da Rapunzel. Distanciou-se alguns centímetros para olhar seu trabalho e se sentiu orgulhoso pelo feito, ao menos não ficara torta como das outras vezes.

— Papai? — chamou ela, olhando-o pelo espelho.

— Oi, amor.

— O senhor demorou ontem. Estava com a mamãe?

Ele sentiu o coração saltar, respondendo de forma despretensiosa:

— Estava, Lia, fui visitá-la.

— Hum... eu queria ter ido. Vamos vê-la amanhã? Amanhã não tem aula, né?

— Não, filha, não tem, mas amanhã não poderemos ir, pois o papai tem algo a resolver.

— A tia Ane não pode me levar? Eu adoro ficar com a titia.

Dean ficou alguns segundos calado, sem saber o que dizer.

— Não, filha, é melhor não.

— Então vamos domingo? — Ela não iria desistir, ele sabia.

O homem ficou embaraçado, não sabia como explicar tudo o que estava acontecendo para a filha, a criança que ele tinha feito acreditar que a mãe logo acordaria e estaria com ambos. Agora, aquela esperança morria até mesmo dentro dele.

— O papai verá, filha. Agora vamos tomar o café da manhã, temos que ir.

Ainda distraída e puxando um pedacinho de linha solta no uniforme azul, Cecília seguiu o pai e pareceu estranhar aquele comportamento. Mesmo tão

pequena, ela entendia que tinham como ritual visitar a mãe aos finais de semana. Dean sempre fez questão de falar sobre Lívia para a filha, de plantar e alimentar a semente do amor no pequeno coração e fazê-la entender que a mãe a quis desde o primeiro momento e que, apesar de estar *dormindo*, a mãe a amava mais que qualquer coisa no mundo.

A verdade era que, na noite anterior, o homem não tinha dormido, repetindo e repetindo todo o dia anterior em sua mente. Tentando achar forças e razão no que vinha fazendo e, para ser sincero, ele já não estava achando. Repassou em especial as palavras da mãe e, não, ele não queria que Lívia estivesse em seu lugar, sofrendo daquela forma por ele. Iria querer que ela lhe dissesse adeus e tentasse seguir sua vida, encontrar em outro alguém um amor.

Pensando assim, era fácil decidir o que deveria ser feito, mas quando invertia aquela situação, colocando-se no lugar de dizer adeus e seguir em frente, ele não conseguia, pois tinha a certeza de que jamais poderia encontrar o amor novamente, jamais conseguiria amar alguém como tinha amado aquela mulher.

Sentou-se à mesa e se serviu apenas de café, observando a menina ao seu lado, enquanto Eleonora, a governanta, servia seu café da manhã, mimando-a com o que mais gostava de comer. Ele assistiu à filha comer com vontade enquanto seu apetite tinha sumido de vez.

Após o café, pegou o paletó deixado ao lado e saiu com Cecília, que parecia calada demais no caminho para a escola. Vez ou outra, a olhava pelo retrovisor, sentada na cadeirinha balançando as perninhas gorduchas. Deixou-a na escola e, após se despedir, seguiu para empresa, talvez lá conseguisse esquecer o furacão dentro de si.

Após cumprimentar poucas pessoas ao atravessar o corredor da

presidência, adentrou a sala e encontrou Anita sentada no sofá de descanso, as pernas longas cruzadas em uma postura elegante, como era de costume, e aquele olhar o qual ele conhecia bem. Fingiu não sentir a presença dominadora da irmã e foi em direção à sua mesa, pegando o telefone e levando-o ao ouvido.

— Fernanda, não quero ser atrapalhado por ninguém esta manhã, não passe nenhuma ligação, nem se for o Papa. — Parou para ouvir por alguns instantes o que a secretária lhe dizia e revirou os olhos. — Não, Fernanda, se for do hospital pode passar, de resto, transfira tudo para Anita e, sim, na reunião das 14h, eu estarei presente.

Desligou o telefone e olhou de relance para irmã, que tinha os olhos presos nele.

— Bom dia. Algum problema, Ane? — perguntou tentando soar despretenso, mas a irmã o conhecia bem.

— Não sei, tem? — perguntou, na voz seguia um leve tom de sarcasmo.

— Sabe que odeio quando começa com esses jogos. Vá direto ao ponto, Anita, não estou com paciência hoje. — Sentou-se na cadeira atrás da grande mesa de vidro, desabotoou o paletó e ligou o *notebook*, dando uma olhada na foto da mulher de olhos negros brilhantes e sorriso fácil, que estava sobre a mesa. — Como sabe, não vim ontem para a empresa e tenho muito o que fazer, diga logo o que quer e vamos ao trabalho. — Foi firme, ou tentou...

— Sabe que esse seu tom não cola comigo, Dean, não funciona como funciona com nossos funcionários, tampouco esse vinco em meio às suas sobrancelhas terá efeito comigo, o máximo que conseguirá é uma linha terrível de expressão na testa. — Anita tinha um jeito próprio de ser e sabia como impor sua presença.

Dean desistiu de tentar se livrar dela, Anita não iria desistir assim. Jogou

sobre a mesa uma pasta que tinha pegado e se recostou na cadeira, olhando enfim para irmã a fim de analisar seu rosto com atenção, e odiou o que enxergou em seus olhos.

— Vamos, diga logo o que quer.

Anita ficou calada por alguns instantes, analisando o rosto masculino cansado, a barba por fazer, as olheiras profundas e escuras e o quão magro o homem se tornava a cada dia.

— Não sou sentimental, sabe disso... — começou ela.

— Anita! — ele tentou pará-la, mas foi em vão e ela levantou a mão, impedindo-o de continuar.

— Me deixe falar, sabe que irei fazê-lo de qualquer forma, você querendo ouvir ou não — disse firme, levantando-se do sofá negro e parando em frente à mesa de Dean, usando um perfeito vestido preto tubinho, a elegância em pessoa. — Não sou dada a sentimentos, muito menos a me meter na vida de quem quer que seja. Sermos do mesmo sangue e termos compartilhado meleva quando criança não me dá esse direito. Mas quero que saiba que eu entendo você, Dean, de verdade, e admiro o que tem feito, sua resistência, como tem se desdobrado por Cecília e Livia... — Ao dizer isso, ela jogou um papel sobre a mesa, que Dean pegou e abriu em seguida, descobrindo que era uma intimação.

Antônio não estava de brincadeira e tinha sido mais rápido do que ele esperava.

— Você abriu? — Anita deu de ombros, pouco se importando com aquela acusação muda na voz do irmão.

— Continuando... Mas também quero dizer que entendo a família dela, Dean, eles estão lutando pelo que acham certo, assim como você. — Dean

não entendia aonde a irmã queria chegar. — O que quero saber é se você quer mesmo levar isso adiante? Quer perder o direito de decidir e dar isso a um juiz, quer vê-lo te dizer o que deve fazer em relação à sua esposa? É uma luta em vão, eu sei, você sabe... Os médicos já disseram, meu irmão. Talvez seja realmente hora de parar. Entenda, não quero me meter, mas, Dean... são quase cinco anos, foram tantos e tantos médicos, os melhores...

Anita viu o irmão engolir em seco, tentando segurar a emoção. O homem abaixou a cabeça e levou as mãos ao rosto em uma confusão profunda. O coração da mulher apertou, sentindo aquela dor transbordar. Com poucos passos, se aproximou dele e pegou-o de surpresa, puxando-o para um abraço.

Dean a segurou como se ela fosse seu bote salva-vidas, agarrando-a fortemente e deixando-se levar pelo momento, tentando se lembrar de quantas vezes tinha prometido não chorar mais, não fraquejar.

Foram tantas... mas com o tempo entendeu que o choro preso na garganta não era fraqueza, mas sim coragem de pôr seus sentimentos mais profundos para fora. Dean chorou agarrado ao corpo magro de Ane e sentiu a irmã também tremer em seus braços. Sabia que, apesar do seu jeito, se ela pudesse, pegaria a dor dele para si, mas ninguém tinha aquele poder.

Absortos no momento tão íntimo, bonito e ao mesmo tempo tão doloroso, não perceberam que mais alguém se fez presente na sala. Nicolas estava estancado à porta, olhando os irmãos, uma cena incomum demais, jamais vista por ele, nem mesmo nos piores momentos de Dean, logo após o acidente da cunhada, quando lhe disseram que ela poderia não voltar.

Guiado pelo que nem sabia explicar, juntou-se aos dois em um abraço triplo, cheio de amor fraterno, comunhão e carinho. Foi como se o tempo tivesse parado. Família, sim, o bem mais precioso no mundo.

Aos poucos, Dean levantou o rosto do ombro de Anita e se afastou

brevemente, olhando os dois ali à sua frente, abraçando-o, os olhos transbordando a mesma dor. Ele limpou o rosto, os olhos teimando em continuar embaçados pelas lágrimas e a aceitação transbordando em seu coração.

— Obrigado — disse, em fraco sussurro, desfazendo o abraço aos poucos, a sala refletindo a emoção.

— Sei o que seu coração pede, meu irmão, mas, desta vez, após quase cinco anos, use a razão — pediu Ane, levando a mão ao rosto dele. — Pode não dizer em voz alta, seu coração pode não aceitar, mas eu o conheço e sei que até mesmo você sabe que já é hora de deixá-la ir.

Ele apenas meneou a cabeça, concordando, não tinha mais o que dizer.

— E Cecília? — Nick fez a pergunta óbvia, naquele momento a menina era o mais importante.

Foi Anita quem disse o necessário:

— Continuaremos dando todo o amor a ela; e Dean, a disciplina. Somos tios; e nossos pais, avós. Nosso papel é amá-la e mimá-la e continuaremos fazendo isso em dobro a partir de agora. Cecília é uma criança inteligente, faremos de um jeito que ela entenda o que está acontecendo e tentaremos suprir toda a sua carência. Não é justo mentir para ela.

— Sabem que é só por ela que eu vivo, sabem que é a minha menina que me faz levantar e respirar todos os dias. Meu sol nasce e se põe no brilho daqueles olhos.

Dean conseguiu enfim dizer e aquelas palavras tocaram o coração de Anita e Nick.

— Estamos aqui com você, Dean. Sabe que pode contar conosco — o irmão mais novo disse com pesar.

— Eu sei e não sabem o quanto agradeço. Acho que nunca disse isso, mas vocês foram meu alicerce, minha base. Quando vejo você rolar no chão com Cecília, Nick, meu coração falha uma batida ao sentir o seu amor por ela, me faz lembrar do garoto magricela que eu tinha que proteger na escola e Ane, obrigado. Obrigado por amar minha menina, por deixar de lado essa armadura quando está perto dela e dar todo o amor que uma mãe daria e não só uma tia. Eu sei que falhei muito, talvez tenha sido cego, mas...

— Não precisa dizer nada, Dean, nós entendemos — Anita o interrompeu. — E sabe que trocaríamos de lugar com você se preciso fosse. Não é necessário agradecer, sabemos o que esconde aí dentro, é para isso que servem os irmãos. Sofreremos juntos e nos levantaremos juntos, estamos aqui para o que precisar, irmão.

Ele se sentiu amado, abraçado. Pela primeira vez em todo aquele tempo, Dean olhou tudo com outros olhos, se pôs no lugar de cada um ao seu redor, em especial Lívia. Ouviu de novo a voz do pai dela ao dizer que a filha tão alegre e cheia de luz não merecia jazer em uma cama de hospital, se já não tinha esperanças. Enfim, parecia ter chegado a hora de dizer adeus...

— Obrigado! — Só pôde dizer isso por fim.

Anita se recompôs, alinhou a roupa, limpou os olhos e, colocando a mão levemente no ombro do irmão, saiu da sala, deixando os dois sozinhos. Nick não sabia bem como agir ou o que dizer, sempre fora bom em provocar risos, não sabia como agir em momentos como aquele. Aproximou-se de Dean, que tinha voltado a se sentar em sua cadeira, deixou um beijo na testa do irmão e saiu sem dizer nada, sentindo o peso do que acabara de acontecer ali.

Dean se recostou a cadeira e olhou o papel jogado sobre a mesa, pegando em seguida o porta-retratos. Uma decisão tinha sido tomada e, por mais doloroso que fosse, tinha chegado o momento de dizer adeus.



Na segunda logo cedo, Dean estava adentrando a empresa do sogro.

O homem era um grande engenheiro, vindo de uma família bem-sucedida, e era dono de um império. Os olhares de quem ali o conhecia e sabia das fofocas que rondavam a família se voltaram para ele à medida que ia em direção ao elevador privativo, sendo levado direto ao encontro de Antônio.

Não se dera ao trabalho de informar que iria, não tinha se apegado àquele detalhe, tampouco faria diferença para ele. Tinha ido enfim dar sua resposta final e acabar com tudo aquilo. Arcaria sozinho com a dor que lhe restaria, pois jamais se imaginou fazendo o que estava prestes a fazer dentro de alguns minutos.

Após ser anunciado, Dean adentrou o escritório do pai de Livia, tirando

os óculos escuros e olhando nos olhos do homem mais velho, que carregava no rosto uma carranca, com uma pequena confusão, que logo sumiu de seu semblante.

— Creio que tenha recebido a intimação... — disse e Dean concordou meneando a cabeça. — Bom, então sabe que, como você, também não estou de brincadeira e se está aqui...

— Irei deixar que desligue os aparelhos — disse, firme, fazendo o sogro perder as palavras.

— O que disse?

— Concordarei em desligar os aparelhos que... enfim, irei assinar todos os papéis necessários, respeitando a vontade dela em doar os órgãos em um caso como esse.

Antônio estava perplexo, não sabia o que tinha feito o genro mudar de ideia, jamais o tinha esperado ali, dizendo tudo aquilo. Viu-o resistir durante aqueles anos, foram discussões e mais discussões em que quase chegaram às vias de fato, com direito a intervenção policial e ali estava o genro de quem nunca tinha gostado, dizendo que enfim cederia. Não fazia sentido.

— O que quer em troca, Dangelo? — perguntou e viu com espanto Dean rir, gargalhar, mesmo que sem vontade alguma.

Na verdade, o sangue lhe fervia nas veias, o coração parecia não caber no peito e tudo só piorou ao ouvir aquelas palavras, sentir que, de fato, aquele homem não se importava com nada.

— Eu? Acha que quero algo de você? — rugiu, sentindo-se ferido. — Acha que quero seu dinheiro porco? Não, não me julgue por si, Antônio. Não sei que tipo de sentimento você nutria por sua filha, mas eu daria tudo, tudo o que tenho apenas para vê-la abrir os olhos, daria minha vida por um dia a

mais com ela, eu... — Parou de falar, levantando o rosto em desafio. — Não adianta, você não entenderia. Acha que sabe o que é amar, mas não sabe. Enfim, vim apenas dizer que irei concordar com o que quer, mas em meus termos e condições.

— Só me faltava essa...

Dean fingiu não ouvir e continuou, alto e claro:

— O Natal, após o Natal poderão desligar as máquinas e doar os órgãos. Doaremos tudo, até mesmo a pele, ela gostaria disso. Só peço que espere até o Natal para que possamos ficar esse dia tão especial com ela.

— Dia 26 então. Você tem 20 dias — proferiu Antônio, sentindo alívio dentro de si.

Dean olhou o homem à sua frente com o rosto de quem acabara de ter uma vitória, uma tolice. A verdade é que, para Antônio, Livia já estava morta havia muito tempo, para todos, ela já não estava ali, pareciam até mesmo já terem passado pelo luto. Apenas Dean não desistira de seu amor.

— Como vocês quiserem. Dia 26, então, deixarei tudo pronto.

— O velório... — Antônio começou a dizer e Dean o fez parar com um gesto.

— Não irei fazer parte disso. Não quero vê-la em um caixão, não quero ver minha mulher... — Parou de falar e engoliu em seco, o coração apertado no peito. — Não vou enterrar minha mulher. Quero guardar as lembranças dela de quando estava viva, apenas essas.

— Ela já está morta — tripudiou o velho e talvez nem fosse por mal, para ele era apenas um fato. — Pode deixar que assumo tudo o que for necessário a partir daí. Será rápido e simples.

Dean meneou a cabeça em concordância e, sem dizer mais nada, saiu da

sala, voltando a colocar os óculos escuros enquanto o coração parecia em pedaços em seu peito. Tinha vontade de gritar, correr, se esconder, era uma confusão sem sentido algum.

Saiu a passos largos, entrando no carro e indo direto para o hospital. Naquele fim de semana, pediu à mãe que cuidasse da filha, pois queria um tempo para pensar, aceitar sua própria decisão. Deixara nas mãos de Anita a responsabilidade de levar Cecília para ver a mãe no domingo, ainda tentando se preparar para dizer a menina que a mãe não voltaria mais. Que, durante aqueles anos, ele tinha mentido para ela e para si próprio. E não esconderia nada da filha, aquilo jamais, diria a ela a verdade e procuraria a melhor forma de usar as palavras.

Entrou silencioso, cumprimentando quem via pelos corredores, evitando encarar cada um de frente, odiava que tivessem pena dele ou que o considerassem louco por não desistir.

Parou em frente ao quarto e ficou próximo à porta, vendo a enfermeira cuidar de sua esposa, injetando a medicação no soro preso ao suporte. A mulher de cabelos claros era jovem, bonita, parecia ter 27, talvez 28 anos. Já a tinha visto por vezes a fio no hospital, fora ela quem o acompanhou certa vez, logo no início, quando sua mulher tivera uma parada cardíaca e ele achou que enlouqueceria preso a uma cadeira de rodas. Gostava em especial da moça.

— Oh, o senhor está aí? Bom dia, Dean — falou ela, levando a mão ao coração.

— Bom dia, Sandra. Como vai?

— Bem, e o senhor?

— Dispensso o senhor, sabe disso, e vou bem.

— Claro, me desculpe. Eu só estava...

— Eu sei, alimentando o soro.

A moça sorriu de forma bonita, corando levemente. Pegou a bandeja e foi em direção à porta do quarto.

— Algo mudou? — Dean a fez parar. — Estou perguntando sobre os exames que pedi que fizessem com urgência.

— Eu não posso dizer nada, mas...

— Nada mudou, não foi?

Sandra nada respondeu e Dean a deixou ir, aproximando-se da cama hospitalar onde o corpo inerte estava. Apesar de alguns desistirem, ele exigiu que uma fisioterapeuta especialista em casos assim atendesse Livia três vezes por semana, mesmo que dissessem que era um exagero.

Daquela vez, nada disse a ela, apenas se sentou ali próximo e focou sua atenção no rosto da mulher, o bip ininterrupto fazendo-se ouvir insistentemente. Entrelaçou sua mão a dela e assim permaneceu.

Virou o rosto em direção ao pequeno aparador próximo ao leito. Nele estavam algumas fotos que ele trouxera e ficou observando-as. Em uma delas, Livia parecia radiante enquanto segurava a imensa barriga de sete meses com ambas as mãos.

Dean sorriu consigo mesmo lembrando-se daquele momento, foi ele quem tirou a foto. Estavam tão felizes, nada se comparava ao que sentiam e o sorriso dela, ah... aquele sorriso sempre foi sua perdição. A felicidade dela estava estampada em cada poro de seu rosto bonito, assim como a dele.

Dean balançou a cabeça como se pudesse se livrar das lembranças. Não podia, nunca poderia, as levaria para o túmulo assim como todo o amor que sentia por aquela mesma mulher e não resistiu mais as lembranças que

teimavam em encher sua mente, não o abandonavam e se deixou levar para quando tudo começou...

Os dois tinham se casado nove anos atrás e viveram os quatro anos mais felizes e intensos de suas vidas. Lívia era linda, tanto por dentro quanto por fora, aquele tipo de mulher apaixonante por natureza, de coração puro e temperamento intrigante.

Uma mistura deliciosa aos olhos de Dean, que se apaixonou quando pôs os olhos nela pela primeira vez, ainda na rua da casa de seus pais. A garota de pele clara, corpo alto e cheinho — como ela mesma dizia — estava descendo do carro do pai dela, estacionado em frente à grande mansão.

Dean, por sua vez, estava voltando da faculdade e, naquele momento, teve de parar, abaixar os vidros e observar a jovem de olhos risonhos e sorriso fácil. E quando aqueles olhos focaram o rapaz que estava dentro do carro, do outro lado da rua, Dean teve a certeza de que estava perdido. Poderia parecer loucura... e parecia mesmo, mas aquela garota seria sua, aquela certeza ele teve quando um sorriso tímido curvou os belos lábios vermelhos, o primeiro dos muitos que recebeu dela.

Dois meses depois, apenas dois meses foram precisos para que os dois engrenassem um namorico que, de início, nem ao menos foi levado a sério pelos pais de ambos. Doce engano aquele... Seis anos depois, após os dois estarem formados e com vidas estabelecidas, Dean estava no altar esperando a mesma moça de cabelos negros e olhos risonhos passar pelo tapete vermelho, a imagem da perfeição.

Ele a amava... não, ele a venerava, assim como Lívia fazia com ele. Daquilo ninguém duvidava.

Ali, em meio àquele quarto, Dean se mantinha ainda na posição, com o corpo rígido enquanto seus pensamentos viajavam pelo passado. Momentos

felizes, inesquecíveis e o pior de suas vidas.

Deixou os ombros caírem e não mais impediu o passado de se fazer presente, voltando para a véspera de Natal, quase cinco anos atrás.

Naquele dia, o casal estava voltando de uma viagem de férias. Estavam muito ansiosos, indo para os oito meses de gestação de sua primeira filha, que fora planejada com o máximo de amor e cuidado possíveis. Voltavam cantando *Jingle Bell*, que tocava na rádio, e brincando, enquanto Dean dirigia a picape, que escorregava veloz pela pista.

Lívia adorava o Natal, assim como as irritantes músicas natalinas e ainda cantava todas em voz alta, balançando-se no assento aos olhos atentos e apaixonados do marido.

Dean, por outro lado, não era muito ligado naquelas tradições, apesar de comemorar todos os anos com sua família. Mas, ao lado de Lívia, até tomou gosto em sair todos os anos e escolher a maior e mais bonita árvore que encontrassem, sentia-se bem em fazê-la feliz e aquilo bastava para o Natal se tornar diferente e especial para ele também.

O celular dele tocou naquele momento, quando já estavam próximos da cidade. Mais cedo, ele havia dado o aparelho a Lívia para que colocasse em sua bolsa, quando estava organizando a bagagem no porta-malas, algo corriqueiro.

— É melhor atender, amor. Pode ser importante, pode ser seu pai, por exemplo — disse Lívia, abaixando o som do carro.

— Droga, pegue para mim, vida — pediu ele, de forma despercebida.

O celular tocava sem parar e Lívia tateou o assento de trás, mas não alcançou o objeto dentro da bolsa, ficava difícil com a barriga daquele tamanho. Tirando o cinto de segurança para facilitar os movimentos, Lívia se

virou, ficando meio de lado no banco, quase de joelhos sobre seu assento, alcançando por pouco a bolsa.

— Livia, não faça isso! Coloque o cin... — Dean não chegou a terminar a frase, pois um animal, que não conseguiu identificar, atravessou a estrada molhada, desestabilizando-o completamente.

O homem freou com tudo que tinha e seus instintos foram todos para a mulher ao seu lado. Ainda tentou levar o braço para a frente do corpo de Livia, mas era tarde demais.

O veículo perdeu o controle, rodando na estrada e descendo a ribanceira sem nenhuma estabilidade, enquanto Dean ouvia, com horror, Livia chamar seu nome e só então sentiu o impacto do veículo indo ao encontro de uma árvore e, por mais que tentasse resistir, a escuridão o tomou.

Quando voltou a si, a primeira coisa que sentiu foi o cheiro forte de sangue, algumas vozes e seu corpo todo gritando com dor, até que...

— Livia? — falou, desnortado.

Abriu os olhos com rapidez, procurando por sua mulher e a cena que viu lhe tirou o ar, o fôlego sendo drenado de seus pulmões sem pena, enquanto assimilava tudo à sua volta. Descontrolado, tentou se mover ao ver que, com o impacto e por não usar o cinto, Livia tinha atravessado o para-brisa, ficando apenas com parte do corpo dentro do veículo, seu dorso largado sobre os destroços.

A bile lhe subiu à garganta, o medo lhe gelou a alma e o desespero aumentou quando notou o vestido rosa esvoaçante, repleto do sangue que lhe escorria pelas pernas.

— Não, não, não... Livia, amor? Livia, não, alguém ajude a minha mulher. Minha filha! — gritou e tentou se mover em vão, urrando de dor em

seguida.

Sirenes soaram, pessoas se aglomeraram em volta do veículo, bombeiros e paramédicos começavam a trabalhar juntos e, antes que pudesse perceber, antes que pudesse dar socorro aos seus bens tão preciosos, estava ele mesmo perdendo os sentidos mais uma vez.

Dean acordou um dia depois, já no hospital, completamente atordoado e foi informado que tinha passado por uma cirurgia, tendo que operar a perna e engessar o braço esquerdo. Mas aquilo para ele era o de menos, queria mesmo era saber delas, de sua esposa e de sua filha. Só então recebeu a infeliz notícia de que sua esposa estava em estado crítico na UTI, depois de passar por três difíceis cirurgias.

O chão lhe faltou ao ouvir o médico e pouca alegria pôde sentir por causa do nascimento de sua primeira filha, sua pequena princesinha, que também se encontrava na UTI neonatal.

Era demais para ele, foram incontáveis cirurgias, mas não foi suficiente e, apesar de sua dedicação e perseverança, aos poucos todos perdiam a esperança de uma possível recuperação. O cérebro de Livia já não respondia a nada e Dean se sentiu morrer, sentiu sua alma ser drenada de seu corpo ainda em vida, restando apenas uma luz: Cecília.

Sentiu uma lágrima escorrer por sua face, voltando ao momento atual. Tinha aceitado enfim que sua garota feliz, risonha e espalhafatosa já não estava ali e sentiu o peito arder com cada lembrança. Como viveria sem ela? Não sabia a resposta.

— Eu a deixarei ir, meu amor. Te deixarei descansar em paz... Sei que estará comigo para sempre e prometo que o nosso último Natal será perfeito. Só não esqueça que sempre a amarei!



Nos dias que se seguiram, Dean sentia que se aproximava o momento mais difícil de sua vida e não sabia o que faria, nem se aguentaria. Mas, ao mesmo tempo em que seu coração dizia que não aguentaria vê-la partir, sua razão o lembrava de Cecilia, o ser mais adorado por ele, a criança que trouxe luz aos seus dias. Ele sabia que, por ela, suportaria tudo como fizera durante todo aquele tempo e vinha ensaiando dias a fio como contar para a filha que ela teria que se despedir da mãe, embora ele tivesse jurado que, assim como a Bela Adormecida, Livia acordaria.

Tentava se convencer de que a pouca idade ajudaria a menina a se

esquecer daquele momento, da mãe. Bom, o certo era que ele teria que dizer a verdade a Cecilia pois faltava pouco para o Natal, data que também era o aniversário de sua pequena e Dean, apesar da dor, queria comemorar como sempre fizera nos anos anteriores.

Desde que Livia entrara em coma, em todos os Natais, ele saía com Cecilia e procurava a árvore mais bonita, os enfeites perfeitos, ia para o hospital e sempre encontrava ajuda. Na verdade, até arrancava suspiros de muitos pelo fato de estar ao lado da mulher, mesmo depois dos médicos não terem lhe dado muitas esperanças. Sandra, a enfermeira que sempre era gentil e cuidava particularmente de Livia com tanto carinho, sempre o ajudava e, não importava o quão pequena Cecilia era, ele a levava e cultivava aos poucos a curiosidade e o amor no coração da menina.

Com o passar dos anos, Dean começara a explicar para a filha sobre a magia do Natal, sobre o nascimento do menino Jesus e que, em comemoração a isso, o Papai Noel sempre viria lhe deixar um presente. No caso dela, deixava dois para comemorar em dobro por ser também seu aniversário.

Com o passar dos dias, uma tradição nascia e o que aconteceu acabou aproximando e unindo ainda mais a família de Dean. Ali, naquele pequeno quarto de hospital, acontecia de fato a magia do Natal.

A família se reunia ao redor de Livia e acontecia a união, o amor, a renovação, a fé e a esperança. Naquele hospital, ocorria o que não acontecia nos Natais de muitas famílias que comemoravam tal data de forma banal e vazia. Não, naquele espaço acontecia de fato um renascimento, em especial o renascimento da fé de Dean de que a esposa logo estaria bem, que acordaria. Era esse seu pedido todos os anos, todos os dias.

Agora, infelizmente, esse pedido não teria mais sentido, a esperança enfim o deixou ao entender que sua decisão não repercutia apenas em si e na

sua filha, mas em todos ao seu redor e as palavras de sua mãe fizeram sentido, pois Dean jamais iria querer que a esposa passasse pelo que ele estava passando. Agora ele estava tentando se conformar, inventar desculpas para acalmar o próprio coração.

Congelou a tela do *notebook* e colocou os cotovelos sobre a mesa do escritório, escondendo o rosto entre as mãos. O cansaço o tomava, um cansaço físico, mental e, principalmente, emocional. Dean ouviu a porta se abrir e então levantou o rosto, vendo a irmã entrar na sala com uma pasta negra nas mãos, assustando-se ao vê-lo ali.

— Ainda aqui?

Só então Dean olhou o relógio em seu pulso e, de fato, passara do horário e já não encontraria sua menina acordada quando chegasse.

— Sim, o que é isso? — perguntou, tirando o foco da irmã do horário, ou pelo menos tentando.

— Quantas vezes Cecilia já ligou perguntando que horas iria para casa?

Dean sorriu, não conseguia lhe esconder nada.

— Contando com a última, foram seis, mas acabou se contentando quando deixei que me esperasse dormindo em minha cama. Tinha que terminar isso aqui para a reunião de amanhã.

— Sei, já sabe que ela dará uma ótima mulher de negócios, já a vejo sentada aí, sabia? Com a sua perspicácia e minha inteligência... ela vai longe.

Dean chegou a gargalhar e a irmã o olhou com uma sobrancelha perfeita arqueada, em uma indagação muda, acabando por jogar a pasta sobre a mesa do irmão.

— Você não tem jeito, já está fazendo planos para minha filha de quatro anos — disse, passando a mão pelo cabelo e olhando a irmã dar de ombros.

— Claro, aquela menina terá um futuro brilhante, tem o coração gigante da mãe, além da beleza e da sagacidade — disse e viu o sorriso do irmão diminuir, mas os olhos continuavam brilhando.

Sim, ela tinha tudo isso, o espelho do que fora a mãe.

— Talvez ela queira ser médica. Já pensou nisso?

Anita fez um muxoxo, trocando o peso do corpo de uma perna para a outra.

— Já pensei, mas enfim... o que ela quiser ser, será um sucesso, mas continuo apostando em vê-la gerindo tudo isso aqui, como você e eu.

— Ou talvez um filho seu, temos essa possibilidade também — Dean disse ainda com um meio sorriso e viu a expressão da irmã morrer aos poucos, o semblante mudar repentinamente e ela engolir em seco, a face tornando-se branca. — Está tudo bem, Ane? — perguntou, notando a mudança em seu humor.

— Claro que sim, mas prefiro apostar em Nick e Will como segunda opção. — disse, referindo-se aos outros dois irmãos e mudando de assunto em seguida. — Bom, ia deixar esses papéis aqui para que assinasse amanhã bem cedo, mas, como ainda está aqui, assine agora, por favor.

— Precisa mesmo ser agora? — perguntou, sua atenção ainda presa na expressão de Anita.

— Sim, não vou agora para casa, preciso adiantar alguns relatórios.

Dean notou o quanto tinha deixado a irmã desconfortável ao destacar que poderia ser ela a dar o herdeiro que iria gerir o futuro da empresa, só não entendia bem o porquê. Sem indagações, assinou os documentos e entregou a ela, que se virou em direção à saída, parando antes de chegar à porta.

— Ah, Dean... Já contou a ela?

Ele sabia do que ela falava e seu coração se apertou no peito.

— Ainda não, mas o farei amanhã.

— Diga de uma vez, não falta muito, também precisa prepará-la. Boa noite, irmão.

— Boa noite, Ane.

Ele assistiu à irmã sair, deixando algo estranho no ar. Negou com a cabeça, deveria ser apenas impressão. Fechou o *notebook*, levantando-se e pegou o paletó, que estava sobre o encosto da cadeira, sua pasta e saiu da sala em seguida, indo enfim para casa, procurando pensar em algo que não fosse a saudade que o corroía por dentro.

Entrou no apartamento e jogou suas coisas sobre o sofá, indo direto ao quarto enquanto se livrava da gravata cinza, dobrando-a com carinho e colocando-a sobre o criado-mudo, encontrando, em meio aos lençóis, seu pacote mais precioso de amor ressonando baixinho, com os pequenos lábios rosados entreabertos.

Ele sorriu e debruçou-se sobre a menina, beijando sua testa levemente. Embrulhou-a com cuidado e voltou à sala, encontrando Eleonora à sua espera.

— Quer jantar, senhor?

— Não, Nora, e não precisava me esperar. Pode ir descansar.

— Não me dará trabalho algum esquentar seu jantar, não deve ter comido muito agora à noite — permitiu-se dizer, tendo a intimidade que anos de trabalho lhe dera.

— Obrigado, mas não precisa, estou sem fome. Tomo um leite mais tarde antes de ir para cama e estarei satisfeito, não se preocupe.

A mulher assentiu, sentia pena do homem e da mulher que jazia na cama

de hospital, trabalhava para ambos havia tempos.

— E Cecília? Como passou o dia? — perguntou antes que ela fosse se recolher.

— Muito bem, falando muito do Natal e do aniversário, tentou até suborno para que eu descobrisse o que seria seu presente.

Dean sorriu e se perguntou o que faria, se sentia-se feliz ou entregava-se à tristeza. Afinal, no dia seguinte a uma data tão querida para sua menina, ele perderia de vez sua esposa.

— Que bom, ela irá gostar dos presentes. Agora pode ir, Nora, vá descansar.

— Boa noite, senhor e descanse também.

— Boa noite!

Assim que ficou sozinho, Dean se levantou e foi ao pequeno bar no extremo esquerdo da sala, pegando a garrafa de *Bourbon* e enchendo o copo retangular em sua mão. Talvez uma bebida bem forte o ajudasse de alguma forma, o fizesse esquecer. Levou o copo à boca e, antes que a bebesse, olhou para o lado, para a sala havia muito tempo decorada e que ele insistia em não mudar nada de lugar.

Voltou a colocar a bebida intocada sobre a bancada. Em que o álcool o ajudaria? Nada jamais aplacaria aquela dor. A passos largos, foi em direção ao quarto, tomou um banho e, cuidadosamente, se deitou ao lado de sua pequena luz, sentindo o cheirinho de laranja em seu cabelo. Ele a adorava e a menina parecia reconhecê-lo até mesmo em seu sono, pois se acomodou ainda mais perto do pai. Aquela seria uma noite longa em que, mais uma vez, Dean não dormiria, pois até mesmo sonhar lhe trazia dor.



Apesar dos afazeres, reuniões e visitas às obras nos dias que se seguiram, Dean não conseguiu se concentrar direito no trabalho e, naquele dia em especial, ele passou o dia à espera do horário de ir para casa e contar a sua pequena sobre o que tinha decidido. Não poderia postergar mais, menos ainda omitir.

Tentou realmente mergulhar no trabalho naquele dia, mas era impossível. Já à tarde, um tanto mais cedo do que de costume, ele saiu da empresa, passando no hospital e demorando-se ao lado de Lívia. Olhou-a com adoração, beijou seu rosto e, sem dizer nada dessa vez, foi para casa. Tinha chegado o momento tão difícil para ele e pela primeira vez maldixou o trânsito por estar livre naquele horário e por fazê-lo chegar cedo em casa.

— Não, eu acho que ele vai me dar a casa da boneca ou da árvore. —
Ouvindo a voz infantil assim que abriu a porta e entrou na sala.

— Só está se esquecendo de que não temos árvore, doçura. — Ouvindo
Nora adverti-la e sorriu.

— Mas na casa do vovô tem, tia. E o Papai Noel pode me dar uma casa
na árvore lá, porque o meu outro presente vai ser muito especial.

— Ah, é? E o que pediu? — Dean disse ao entrar na cozinha e assustando
a pequena, que estava sentada sobre a bancada da cozinha, repleta de lápis de
cor e papéis rabiscados.

A menina sorriu e, ficando de pé, jogou-se nos braços do pai.

— Ainda bem que chegou, papai, porque aí vai dar tempo de brincar
comigo depois de jantar.

Ela sabia bem como começar uma conversa e ganhar o coração do pai.

— Primeiro você deixa o papai tomar banho?

A menina fez um biquinho e fingiu pensar. Como ele amava aquela
pequena criatura.

— Só se não for demorar, porque já estou com fome.

E ali estava a razão dos seus dias. Por que era tão fácil sorrir quando
olhava aqueles pequenos olhos e aquele sorriso perfeito? Ele não saberia a
resposta, pois não poderia explicar em palavras o amor de pai! Contemplou
cada traço delicado da criança e beijou sua testa.

— Será rápido — disse, dando-lhe uma piscadela e bagunçando seus
cabelos ao colocá-la no chão.

O homem saiu rumo ao quarto, mas sentia o coração palpitar no peito, um
aperto doloroso em que se via dividido e não adiantava nada daquilo, não

poderia mais protelar. Tinha dado sua palavra, tinha, enfim, cedido e agora precisava dizer à filha.

Como prometido, Dean tomou um banho rápido e voltou para sala. Tendo sua atenção presa em Cecilia durante o jantar, seu carinho foi redobrado para a menina naquele momento. Ao final, tiveram direito a sobremesa à vontade e Dean se rendeu ao desejo da menina após deixar a mesa de jantar, sendo conduzido para o quarto de boneca.

Fez a vontades da filha, brincou de casinha, de boneca e tudo o que ela quis, até tê-la bocejando. Tinha chegado o momento.

— Luz da minha vida, o papai tem algo para conversar — começou e foi interrompido por ela.

— É o Natal da mamãe? Porque o senhor disse que a gente ia decorar tudo igual da outra vez e até agora nada, né? Como ela vai acordar e ver tudo branco? Não pode, papai... — disse, despercebida, penteando o cabelo de uma das bonecas e coçando os olhos sonolentos.

— Como assim, princesa? — perguntou, o coração batendo forte no peito.

— Ué? Esse ano eu fiz dois pedidos para o Papai Noel. Pedi minha casa na árvore de presente de aniversário e para o Natal, que é o mais importante, pedi que ele fizesse a mamãe acordar. — Dean engoliu em seco, perdendo as palavras e a coragem, o sangue gelando em suas veias, a covardia ganhando a batalha, enquanto Cecilia continuou: — Aí, eu pedi que, se ele não pudesse me dar os dois, então podia ser só a mamãe, porque aí eu peço para o senhor fazer a minha casa na árvore, né? Daí ia ser um presente para mim e para o senhor, papai. Não seria bem, bem legal? E a mamãe ia ver tudo brilhoso e uma árvore bem grandona, porque nós vamos deixar o quarto dela todo brilhoso. Ela vai gostar. Quem não gosta do Natal, né? É tão legal. Eu gosto e

o senhor disse que a mamãe também ama.

O homem tentava, mas não conseguia conter as lágrimas que insistiam em se formar no canto de seus olhos.

— Ceci... — tentou, mas conhecia a pequena maritaca que tinha.

— Daí, eu podia ter o dia das mães né, pai? E a gente ia comprar um presente bem legal para a mamãe. Igual o que a Malu deu para tia Luma. Eu quero, por isso pedi ao Papai Noel e para o Papai do Céu, igual a vovó me ensinou.

Ambos ficaram calados, a menina engajada em fazer um novo penteado sem perceber a comichão que suas palavras causaram no pai e Dean sem poder se conter, amaldiçoando-se por plantar tanta esperança na filha.

Agora entendia seu erro. Antes era diferente, a menina ainda não compreendia o que a falta da mãe fazia em sua vida, mas agora ela sabia bem. Via as coleguinhas de escola com suas mães e, aparentemente, ele já não bastava. Pior, ele a fez esperar algo que não poderia vir e agora como diria a verdade a ela?

— Filha, e se a mamãe não acordar? — disse, embargado.

— Não pode. — A resposta foi imediata. — As princesas sempre acordam no final da história. O senhor mesmo falou. Lembra da Bela Adormecida? É como a mamãe.

— Princesa, o papai falou com os médicos e talvez a mamãe não fique mais aqui conosco. O Papai do Céu irá levá-la para morar com ele — disse, por fim, tentando usar o máximo de cuidado possível.

Ele tentou segurar a emoção, não choraria na frente da menina, que o olhou com certo espanto ao ouvi-lo.

— Ela não vai acordar, papai?

— Não, quer dizer, talvez...— gaguejou, embaraçado com as palavras.

Sentindo uma mão pequena lhe tocar a face, viu Cecília se levantar, ficar quase na sua altura e olhar fundo em seus olhos.

— Não se preocupe, papai, a mamãe vai acordar, eu sei, eu pedi com muitaaaaaaa vontade e... como é que a vovó fala? É pequenininha a palavra. Ah, fé. Pedi com fé.

E beijando-o no rosto, a menina o calou, tirando todas as palavras ensaiadas de sua boca, pois não estava preparado para aquilo. Ficou ali, sentado no chão, abraçado a ela e perguntando-se quando foi que sua filha tinha crescido tanto e ficado tão inteligente e ciente do que acontecia ao seu redor.

Ele não pôde mais falar, na verdade, não soube como e não quis acabar com as esperanças da menina. O que poderia dizer? Que Papai Noel não existia e que era ele que entrava às escondidas em seu quarto e lhe dava o presente que tanto queria? Que pedir com vontade e fé já não adiantava, pois já tinha feito aquilo por vezes a fio?

Não, não poderia acabar assim com a ilusão infantil, não sabia o que fazer, mas falar, naquele momento, não era uma opção. Logo após o Natal e o seu aniversário tentaria, com a ajuda de sua família, explicar a menina o que tinha acontecido, daria um jeito de dizer a ela que, mesmo indo, a mãe tinha ajudado muitas pessoas. Que pessoas sobreviveriam porque Livia sempre quis ajudar o próximo e era doadora de órgãos, que a amou incondicionalmente enquanto a teve em seu ventre.

Sim, não era hora ainda, deixaria para depois. Era o melhor a se fazer naquele momento, ou achava que sim. Queria apenas livrar-se do fardo de contar a filha que a mãe não voltaria a acordar ao menos naquele dia.

Que viesse o Natal, a sua tradição em família e depois tentaria dizer a ela,

da melhor forma possível, que sua mãe tinha ido e supriria ainda mais a falta que ela viesse a sentir. Seria pai, mãe, companheiro de brincadeiras, amigo, confidente e a amaria duas, três, quatro vezes mais que o necessário. Faria de tudo para que o seu bem mais precioso fosse feliz.

Naquele instante, Cecília o olhou e sorriu, deixando à vista as covinhas nas bochechas e os olhos apertadinhos, brilhantes. Dean nada pôde fazer senão retribuir aquele simples afeto com tamanho carinho, segurando a emoção que aquele momento trouxera ao seu coração. Sim, aquela criança doce seria feliz e ele, bom, ele seria feliz por vê-la feliz e tentaria seguir adiante...



Nos dias que se seguiram, Dean tirava algumas horas do seu tempo para, além de estar com Cecilia, se empenhar na decoração de Natal do quarto de Livia e, ao final, ficava um tempo contando sobre o dia dos dois. Naquele momento, ele estava colocando a menina em seus ombros para que Cecília colocasse a estrela dourada no topo da árvore de Natal, em pleno dia 24.

— Ficou bom, papai?

— Perfeita — disse, dando um breve sorriso ao saber que, quando Anita chegasse, consertaria a estrela um tanto torta. A irmã tinha um tipo de toc com coisas assimétricas.

— Agora a gente se despede da mamãe e vai para casa do vovô?

— Isso, minha luz, pois amanhã estaremos aqui com ela o dia todo, logo cedo.

— Tenho certeza de que ela vai gostar quando acordar — a menina disse de forma natural, infantil e se aproximou do leito, subindo na escada para estar o mais próximo que conseguisse da mãe. — Mamãe, eu pedi que o Papai Noel te ajudasse a acordar e decorei todo o quarto... — disse e ouviu o pai pigarrear atrás de si, fazendo-a revirar os olhinhos. — Está bem, o papai e até a tia Ane ajudaram, mas foi bem pouquinho. O mais importante eu fiz, que foi colocar a estrela que brilha quando liga na tomada. Vou deixar ligada, talvez te ajude a abrir os olhos, o papai disse que não consegue dormir com a luz ligada. — A menina se viu rindo. — Estranho, né? Eu gosto da luz, acho que é por isso que o papai me chama de luz.

Dean viu a cena encantado, era sempre assim, mas ali, naquele momento, havia um Q de despedida que fazia seu peito pesar, comprimir-se. Viu com sofreguidão a menina se debruçar com esforço, beijar a face branca da mãe, em seguida descer com rapidez da escada e acenar para o corpo inerte de Lívia. Ele se aproximou da mulher e falou ao seu ouvido:

— Bom, sabe como ela é apressada. Amanhã estarei aqui para comemorar nosso Natal e o aniversário da nossa luz. — E beijando os lábios secos e sem vida de Lívia, Dean se despediu segurando Cecilia pela mão e saindo do quarto.

O homem estava mais do que ciente de quantas pessoas se beneficiariam com a morte de sua esposa e que era exatamente aquilo que ela iria querer, mas não era o suficiente para ele. Dean achava que, àquela altura, após quase um mês tentando colocar em seu coração que ela não voltaria mais, seria mais fácil, mas não estava sendo, ao contrário, a cada hora enfiavam em seu

coração uma nova faca, maior e mais afiada.

Seguiu confirmando o que a filha dizia sentada na cadeirinha no banco de trás do carro enquanto voltavam para casa. Se lhe perguntassem, não saberia dizer uma palavra do que a filha tinha falado, por mais que tentasse.

Amanhã.

Ele só teria mais um dia, o grande dia. Tentou imaginar como teria sido aqueles quatro últimos natais, se tudo houvesse ocorrido como o planejado há exatos cinco anos. Se ele não tivesse insistido para que esperassem mais um dia e passassem mais tempo naquele paraíso só deles. Ou talvez se não tivesse pedido a ela que pegasse seu aparelho celular na bolsa, ou o tivesse desligado, ou não tivesse voltado a atenção para ela, perdendo por instantes a visão do que poderia surgir à sua frente, na pista molhada.

Eram muitos se's, uma infusão deles e nenhum o ajudaria a mudar o passado. Chegou em casa, pediu a Nora que arrumasse Cecilia e seguiu para o banho, daquela vez indo para o quarto de casal que há muito não era usado senão em momentos da mais pura angústia por ele. Foi em direção ao *closet* enquanto se livrava da camisa em seu corpo. Olhou as peças ali dispostas e, após poucos segundos, pegou um vestido vermelho rodado que se ajustava ao busto com perfeição. Ela adorava aquela roupa! Pegou uma peça para si e, voltando ao quarto, esticou o vestido sobre a cama.

Olhava com adoração para a peça enquanto terminava de se despir e seguiu, enfim, para o banho. Estava tentando ser forte, não choraria, não faria como nas tantas vezes em que usara a água corrente do chuveiro para camuflar suas lágrimas. Era um dia de comemoração, afinal, no dia seguinte Cecilia faria cinco anos.

Cinco anos...

Tomou banho, vestiu uma camisa polo de cor vermelha e, pegando mais

uma muda de roupa para si e o vestido que separou, saiu do quarto, encontrando uma Cecilia pronta e ansiosa, balançando as perninhas para lá e para cá, usando um vestido de princesa rodado, em uma mistura delicada de branco e vermelho. Sim, a família seguia a tradição das cores do Natal, ao menos ele passara a seguir após Livia.

— Vamos, Lia?

— Vamos! Estou doida para abrir os presentes, são tantos! — exclamou colocando ambas as mãos nas bochechas rosadas.

— Você não tem jeito, Cecilia — repreendeu sem segurar o riso.

— Eu sei, papai, vamos comemorar também o nascimento do menino Jesus, mas também...

— Mas também tem os presentes — ele completou.

— É isso aí!



Na mansão Dangelo tudo estava impecável, com a ornamentação simples mas não menos bonita em tons de dourado e vermelho, o dourado se sobrepondo ao vermelho sangue. O que chamava mesmo a atenção era a imensa árvore rodeada de presentes no canto direito da sala. Cecilia estava certa, seria o Natal perfeito... ou quase.

Assim que chamaram a atenção de quem ali estava, Nick foi o primeiro a se levantar, indo em direção à sobrinha.

— Pronto, não falta mais ninguém — disse o moreno de olhos verde-água, piscando para a sobrinha, que mostrava o vestido comprado pela tia com orgulho. — E vamos aos presentes! — exclamou em alto e bom som, Cecilia

tinha a quem puxar.

— Eba! Viu, papai, o tio Nick também gosta de presentes e vamos logo abrir todos.

— De novo iremos abrir os presentes antes da ceia? Sendo voto vencido por esses dois aí mais uma vez? — Disse uma voz rouca, mais grossa que o comum.

Cecília e Dean viraram-se, vendo o homem alto, elegantemente vestido em uma camisa social bem desenhada ao corpo, saindo pela porta à esquerda da sala, onde ficava a biblioteca, com um sorriso perfeitamente alinhado na boca bonita, bem ornamentada por um cavanhaque perfeito.

— Tio Will! O senhor veio — quase gritou a pequena, correndo em direção ao tio e agarrando-se às suas pernas.

— Não me magoe assim ao achar que eu não viria, seu padrinho não faltaria ao Natal e menos ainda ao seu aniversário, mesmo tendo que atravessar todo um oceano para isso.

A menina ficou de fato lisonjeada, cheia de toda aquela atenção, o que a fazia se sentir o ser mais querido do mundo e Dean, que assistia a tudo calado, se aproximou dos dois, dando um meio abraço no irmão. Tinha oito meses que não o via, o irmão que deu sequência à prole bem-sucedida dos Dangelo, sendo William o terceiro da geração, vindo logo após Anita. E por falar nela...

— Vamos, não é porque passou meses enfiado no polo norte, sul ou sei lá o quê, que vai roubar toda atenção da minha sobrinha. Afinal, eu também sou a madrinha e estou aqui presente todos os dias.

Era sempre assim, a festa girava em torno da pequena princesa da família e eles tentavam compensar a falta da mãe. Enquanto os avós se juntavam ao

saudoso abraço e às saudações, como se não tivessem visto a neta dois dias atrás, William olhou bem para o irmão, parecia procurar algo no homem à sua frente, que não sustentou seu olhar.

— Como foram os últimos meses? — perguntou Dean, tentando uma conversa que não girasse ao seu redor.

— Os meus foram produtivos. Novas espécies, uma de grande e extrema importância... tudo indo bem — disse alisando a barba bem desenhada e, por alguns instantes, nenhum dos dois nada disse. — E você? Nosso pai já me contou dos últimos acontecimentos, de sua decisão... Está mesmo certo disso? Não é do seu feitio desistir, é Livia naquela cama, Dean.

E os dois se olharam por tempo demais, Dean chegando a estranhar a intromissão do irmão. Will não era de demonstrar grandes preocupações, talvez por não querer chamar atenção para seu próprio umbigo.

— Não é mais Livia. E agora sei que tenho que aceitar esse fato. — O homem parecia mesmo vencido.

— Isso é o que disseram nossos pais e seus sogros? Ah, e os médicos... ia me esquecendo. Mas e você? O que pensa? Vamos, diga o que está preso aí.

— Bobagem, William, estou tentando ser racional, não use de sua ironia comigo, não é o momento.

E se bem conhecia o irmão, aquela reprimenda não seria suficiente e não foi:

— Sabe, um dia achei que meu casamento se igualava ao seu, era quase tão belo quanto. Eu me enganei, você sabe, e só eu não vi, não foi? Você mesmo tentou me avisar certa vez... Enfim, o meu não era, mas se aquela ban... Se Vanessa fosse a metade do que Livia era, eu jamais permitiria que ela partisse, nem o Papa me faria mudar de ideia.

— Eu... — Dean tentou falar, mas foi impedido.

— Não precisa me explicar, eu entendo, não concordo, mas entendo. Se acha que será o melhor, siga o seu coração.

— Não estou agindo com o coração, Will, e sim com a razão.

— Sempre há um meio termo — disse por fim.

Entregando um copo de licor para o irmão, Will se virou para a festa e gritaria ao redor da árvore de Natal, enquanto Dean ficara introspectivo, calado, pensando no que o irmão tinha acabado de dizer. Não, não voltaria atrás, não poderia. Seguiria o planejado...



A noite passada foi como o esperado e, quando todos dormiram, Dean seguiu a tradição de deixar o presente de Cecília aos pés de sua cama, demorando-se ao olhá-la por tempo demais. Porém aquele não era o presente do Papai Noel, era o seu. O do Papai Noel seu pai entregaria a ela, já que ele tinha cedido a árvore para que fosse feita uma belíssima casa, como ela tanto pediu. Seria uma manhã feliz para sua filha e deixou seu presente ainda na madrugada, pois não conseguiu dormir. Quando todos estavam dormindo, lá estava ele voltando para o hospital.

Entrou no quarto silencioso e ficou ali, calado ao lado dela, segurando a

mão delicada e fria. Em um dado momento, a cabeça cedeu sobre a mão feminina e deixou o sono roubá-lo, levando-o para um lugar especial, o dia do seu tão sonhado casamento.

Tudo foi preparado com esmero pela noiva. Apesar de independente e dona de si, Livia tinha o sonho de se casar na igreja com toda pompa e circunstância que merecia ao achar seu príncipe encantado.

O dia de nervosismo para ambos chegou e, por não ser um homem dado a acreditar nas falácias humanas, quando já estava trajando sua camisa e a calça do *smoking*, seguiu calado até o quarto da noiva, na casa dos sogros, parando na porta e ouvindo antes se tinha barulho de alguém lá dentro com ela. O casamento seria na casa de inverno da família dela e ouviu a voz doce lhe responder ao bater:

— Entre, mamãe, vamos ver se a segunda fita fica melhor.

Ele entrou e teve um vislumbre da perfeição que o esperaria por toda a vida parada em frente ao espelho. Tendo o desfrute de sonhar com uma vida traçada sobre uma firme rocha, construída pelos dois com muito custo e amor.

— A fita rosa ficará melhor com certeza! — disse sem esconder o sorriso na voz.

Livia se virou com espanto ao vê-lo parado ali, a barba bem-feita, o maxilar quadrado estampando um belo sorriso masculino, aquele de canto de boca que ela adorava. Ainda tentou bobamente tapar o vestido mas foi impedida quando, pegando-a de surpresa, ele a imprensou contra o grande espelho na parede e lhe roubou um beijo ardente.

Livia não poderia resistir e se entregou ao momento enquanto sua língua procurava a dele com sofreguidão e paixão. O gosto doce espalhando-se por sua boca, o cheiro amadeirado entrando em suas narinas, era único e, ainda

que fosse perfeito, ela enfim o empurrou e deu tapinhas em seu ombro, uma recriminação nada convincente.

— Ora, Dean Dangelo, enlouqueceu? E a tradição, agora nada vai dar certo, o noivo não pode ver a noiva antes do casamento. — De certa forma ela acreditava no que dizia e o fez rir.

Dean se aproximou e segurou seu rosto entre as mãos, deixando um beijo leve nos lábios rosados.

— Será tudo perfeito e sabe por que eu sei disso? — Ela negou, um sorriso querendo escapar. — Porque seremos você e eu naquele altar, sua boba. — E roubando mais um beijo, ele saiu do quarto deixando-a ainda tonta.

E foi perfeito exatamente pelo que ele disse, porque naquele altar tinha o mais puro dos amores verdadeiros. Um sentimento que poucos podiam sentir, que poucos tinham a chance de desfrutar...



— Senhor Dangelo.

Dean sentiu um toque gentil em seu ombro e levantou os olhos ainda sonolento, vendo Sandra à sua frente. Deu-se conta que era um sonho, seria sempre um sonho.

— Oi, acho que o sono me roubou — disse baixo, esfregando os olhos.

A moça riu do embaraço do homem e assentiu, satisfeita.

— Não se preocupe, vim fazer o asseio de sua esposa. Trouxe o vestido? — perguntou, sabia que ele sempre trazia.

— Sim, claro. Sandra, o doutor Mark está aí?

Recriminou-se por perguntar, era Natal e sabia que o médico tinha família, não deveria estar no hospital àquela hora da manhã.

— Sim, senhor. Chegou tem algumas horas, cirurgia de emergência. Creio que esteja no consultório agora.

— Obrigada, Sandra, estou indo para lá.

— Sim, senhor.

Dean sentiu o peito inflar e foi em direção a sala do médico após um pequeno afago nos cabelos de Lívia. Estava com as palavras do irmão dando voltas em sua mente.

Não poderia voltar atrás, não poderia. Ou poderia?

Bateu na porta de madeira e, antes que o mandassem entrar, ele a abriu, dando com o homem de pele negra atrás da mesa de escritório, ainda vestindo roupas cirúrgicas. Ele escrevia algo e levantou o rosto másculo dando atenção a Dean.

— Bom dia, Israel.

— Hora, já estava indo à sua procura — disse levantando-se e estendendo a mão para ele. — Preciso que assine os últimos termos, pois não pretendo voltar hoje para o hospital, apenas amanhã. — E só então olhou o homem abatido à sua frente, percebendo a situação desesperadora com que Dean estava lidando. Achou que um dia o homem desistiria, seguiria em frente, mas ali estava ele com o mesmo olhar de dor como no dia que recebeu a notícia de que sua mulher talvez não acordasse, cinco anos atrás. — Me perdoe, sei o quanto é difícil para você, é que a profissão nos deixa...

— Acostumados, eu entendo — Dean completou.

— Isso. Eu sinto muito, Dean. Queria ter feito mais por sua esposa — o

neurocirurgião disse e sentia mesmo. Ele, mais do que qualquer um, viu o desespero de anos daquele homem.

— Sobre os papéis, eu...

— Não quer voltar atrás, quer? — cortou-o antes que ele terminasse de falar, conhecia aquele olhar. — Olhe, Dean, eu serei sincero com você como tenho sido por todos esses anos. Livia se foi. Não há atividades, nada. Você pode protelar e o máximo que conseguirá é um desgaste a mais, sabe que seus sogros têm chances grandes de ganhar a causa que querem mover — terminou, por fim, dando de ombros. Tratar momentos como aquele com o máximo de sinceridade possível fazia parte da profissão.

Dean abriu a boca para dizer algo, mas por instantes a fala não saiu.

— Claro, me dê os papéis. Eu assino. — Perderá a batalha por fim. — Ficarei aqui como nos anos anteriores e, a partir de amanhã, Antônio assumirá. Ele já tem a procuração e cuidei de tudo — proferiu, pegando os papéis e assinando-os.

Jesus! Estava assinando a morte definitiva de sua esposa... aquilo parecia um pesadelo.

— É só isso? Agora vou voltar para a sala, minha família deve estar quase chegando. — E não ousou olhar para o médico enquanto dizia isso.

— É apenas isso e, mais uma vez, sinto muito. De verdade.

— Obrigado e feliz Natal.

O homem saiu da sala ainda ouvindo o médico lhe desejar o mesmo e, ao voltar para o quarto, lá estavam todos, todos de sua família, claro. Olhou para a árvore de Natal, vendo a estrela dourada já em seu devido lugar, Livia em seu vestido vermelho e Cecília sentada na cama ao seu lado. Vez ou outra arrumava o cabelo da mãe e olhava para ela sem parar, cutucando-a em

alguns momentos. Ele sabia por que fazia aquilo e sentia tanto.

— Papai, o senhor não sabe o que eu ganhei — exclamou com um baita sorriso ao vê-lo parado à porta e Dean fingiu surpresa enquanto ela contava em detalhes como era sua casa na árvore, enquanto seus irmãos riam com ele. Não era surpresa, já que fora ele quem desenhara a planta minuciosamente. — E tem tapetes vermelhos, papai e uma chaminé! Aposto que o papai Noel vai descer por ela ano que vem, né, tio Will?

— Tenho certeza de que sim!

A menina riu, contente, a imagem estampada da felicidade. Ele não poderia reclamar, Deus lhe dera a melhor criança do mundo.

No decorrer do dia, a conversa fluía, em especial sobre as aventuras de Willian em suas pesquisas recentes. Will era um grande cientista e tinha alguns anos que ele se escondia nas geleiras, usando a desculpa de buscar novos ares, aventuras. A verdade era crua e negra, ele apenas fugia do passado.

Com o passar das horas, Dean notava que Cecília aos poucos murchava, já não sorrindo ou brincando com Nick. Deus! Ele tinha plantado tanta esperança na menina que se sentia quebrantado, não só por ele, mas por ver a tristeza nos olhos de criança. No fim da tarde, com a proximidade da hora de irem embora, seus parentes deixaram Cecília e ele sozinhos no quarto. Tinha chegado o dia da despedida, a menina só não sabia ainda.

— Ainda é Natal, não é? — Cecília perguntou e Dean viu as lágrimas brotarem em seus olhos, refletindo as suas.

— Sim, amor. Ainda temos algumas horas de Natal.

Um sorriso fraco apareceu e ela se aproximou da mãe, deixando o delicado beijinho de sempre.

— Viu, mamãe, o Papai Noel só está muito ocupado agora. Mas a senhora vai acordar, eu sei. Acorde logo, mamãe, que amanhã eu venho te ver, está bem? Comprei um presente para a senhora.

O pai sentiu o coração sangrar ao ver a criança se abaixar e puxar uma caixa decorada debaixo da cama e colocar aos pés da maca da mãe. Ela tinha comprado um presente, um presente para a mãe.

Cecília não o esperou e saiu do quarto cabisbaixa, enquanto ele permanecia uma estátua. Era tudo culpa sua e não se conteve ao se aproximar, abaixar seu rosto próximo ao ouvido dela e sussurrar:

— Você ouviu? Sei que sim... volte para nós, amor. — Uma lágrima caiu, molhando a bochecha de cor de neve de Lívia. — Não esqueça que eu te amo, e sempre vou te esperar, nem que seja em meus sonhos. Descanse em paz, meu amor, eu cuidarei do nosso tesouro por você. Ela se tornou a minha luz, é ela quem me guia em meio à escuridão. — Voltou a beijar os lábios da esposa, ajeitando a postura em seguida. Precisava sair dali. — Até breve, nos encontraremos ainda, sei disso.

E deixando a mão fina escorregar da sua, ele saiu do quarto encontrando a família no corredor e, céus, era mesmo um velório.

— Cecília, a vovó levará você para casa dela, tenho certeza de que quer brincar na sua casinha na árvore, não é? — Todos o olharam e sua mãe chegou a sussurrar seu nome, em um pedido para que não ficasse sozinho, não se isolasse. — E matar a saudade do seu tio Will.

A menina ficou fitando-o, coçando os olhos e parecendo sonolenta.

— O senhor não vem?

— Hoje não, minha luz. Tenho problemas a resolver, mas ligo para você mais tarde.

— Vai me buscar amanhã cedo para ver a mamãe?

— Claro — mentiu ele.

— Então está bem. Boa noite, papai.

— Boa noite, minha pequena.

Ele os esperou sair, recebendo por último um abraço apertado de sua irmã por tempo demais. Ela parecia mesmo entendê-lo e por fim o deixou se afastar. Dean entrou depressa na BMW preta indo enfim para casa. Precisava ficar sozinho!



Sentado na poltrona ao lado da janela, Dean continuou por toda aquela noite... não conseguia dormir, não tinha sono, seu corpo todo doía, seu coração parecia sangrar e sua cabeça estava a ponto de explodir. Tinha bebido o que não bebera em toda sua vida, secando por inteiro uma garrafa de whisky e mal se aguentava sentado na poltrona que, àquela altura, já parecia pequena demais para comportar seu corpo.

Perdera as contas de quantas ligações tinha recebido de sua família. Ainda havia se dado ao trabalho de atender as primeiras, falar com Cecília, explicar o porquê de não ir vê-la logo, mas as que vieram depois não lhe interessaram. Posou a cabeça no encosto acolchoado e respirou fundo, sua mente traindo-o, mostrando exatamente a cena que ele estava evitando

presenciar, o que aconteceria no dia seguinte, quando os aparelhos que a mantinham viva fossem desligados.

Abriu os olhos depressa, tentando se livrar daqueles pensamentos, e soltou um urro rouco de dor, angústia, amor e decepção. A culpa parecia tirar seu ar. Sim, era aquilo o que sempre sentira: culpa. Talvez tivesse perdido mesmo a razão ao acreditar cegamente que ela voltaria, que Lívia um dia acordaria, mas tinha sido a culpa que ele sentia que o fizera agir assim.

Sim, pois assim poderia atenuar um pouco que fosse o peso sobre seus ombros. Se conseguisse se convencer de que ela voltaria, conseguiria viver consigo mesmo. Suportar aqueles dias de angústia.

O pior é que, além de lidar com seu coração em pedaços, teria que dar um jeito de colar também o de sua filha e tudo, mais uma vez, por culpa absoluta sua. Todos disseram, pediram que não mantivesse a criança tão próxima a Lívia, que não alimentasse sua esperança e a dela também. Mas ele parecia surdo, a razão o tinha deixado e naquele momento enxergava o mal que tinha feito à sua filha, como a decepçionaria...

Ele chorou, voltando a fechar os olhos. Merecia tudo aquilo, merecia sentir que a vida acabara, pois tinha certeza de que jamais conseguiria amar alguém como amava Lívia. Recriminou-se até aquele pensamento o sufocar e deixou que o cansaço o dominasse pouco a pouco.

De repente encontrou-se em um lugar estranho, escuro, incomum... Não, aquele lugar não era estranho e ele conhecia bem. Era a casa de inverno que tinha comprado para fazer uma linda surpresa à sua esposa na véspera de completarem um ano de casados. Estranhou estar ali, sentado à beira da piscina, olhando o horizonte e parecia estar sozinho.

Olhou para ambos os lados e sentiu a solidão o engolir, o medo engolfá-lo. Quis gritar, mas sua voz não saía, quis se levantar, correr, porém suas

pernas não lhe obedeciam.

O horror o comprimiu, fazendo-o chegar a tremer, era como estar amarrado em uma camisa de forças, largado para morrer à própria sorte. Deus do céu, queria socorro. Tudo ficou escuro e chegou a pensar que morreria ali, estava perdendo o ar, seu coração acelerado, os olhos arregalados, o desespero tomando forma e então ele parou. Parou de tentar e, por instantes, pensou o quanto aquilo lhe conviria no fim das contas e quis se entregar de vez à escuridão que parecia abraçá-lo.

Olhou a água calma da piscina e chegou a ver seu reflexo, era deprimente, estranho até para ele mesmo. Foi aí que algo chamou sua atenção, um foco pequeno, algo crescente encadeando toda a escura noite o fez sentir o que não sentia havia muito tempo: paz.

Era inexplicável, bom, único e parecia deixar seu corpo leve, flutuando, aquela luz parecia querer limpar até mesmo sua alma. Era a luz, uma luz incandescente que levava aos poucos a escuridão embora, trazendo renovo ao homem tão quebrantado. Dean olhou para todos os lados, depois virou o pescoço e, em plena luz, enxergou Lívia, com uma mão estendida para ele, usando o mesmo vestido de ontem, a peça que ele tinha escolhido.

Dean sorriu e seu coração parecia palpitar quando aquele rosto bonito e tão vivo lhe devolveu o mesmo sorriso. Como aquilo era possível? Onde estavam?

— Lívia... — Sua voz saiu fraca, mas audível.

— O que está fazendo aqui, Dean?

Ele chegou a fechar os olhos absorvendo aquela voz aveludada que não ouvia tinha tantos anos e, em meio ao bolo que se formava em sua garganta, ele disse:

— Eu quero desistir, acho que não consigo viver sem você.

— E quem disse que não me terá? Ande, levante, vamos. Acorde, Dean, preciso de você. Venha para mim, lute por mim, por nós, não desista. Até o fim, se lembra? Ainda não é o fim, meu amor. Eu estou aqui, vamos, chame por mim, não me deixe ir assim, por favor, não é o momento, ainda não vivemos tudo o que temos para viver.



— LÍVIA! — gritou Dean, assustando-se com a própria voz. O que fora aquilo? Um sonho? Não, não podia ser, era real demais. — Lívia... — sussurrou.

O telefone tocou alto, daquela vez foi o residencial. Não ia atender, não podia, queria entender o que estava acontecendo, precisava de tempo, a emoção ainda estava viva demais. Aquela luz...

A ligação se foi, o aperto em seu peito aumentou e, segundos depois, o telefone voltou a tocar. Pondo-se de pé, ainda tonto e com a cabeça latejando, insatisfeito, ele pegou o aparelho e levou ao ouvido.

— Alô.

— Bom dia, senhor Dangelo?

Ouviu uma voz mansa do outro lado da linha com um Q de alívio.

— Sim, é ele.

— Falo do hospital Alceu. Tentei ligar inúmeras vezes em seu celular, mas não consegui. Finalmente encontrei um número residencial em que pudesse entrar em contato. É sobre sua esposa, senhor...

Dean sentiu o sangue gelar. Era aquilo, não, não, não. Não poderia deixá-la ir, ela mesma tinha pedido. O telefone caiu de sua mão sem que ele ouvisse o que a mulher dizia na linha. Correu até o aparador, pegou as chaves, a jaqueta jogada no sofá e saiu de casa como louco. O sonho estava fazendo sentido, ou talvez fosse ele querendo que fizesse. Entrou no carro e o ligou às pressas, olhando no relógio. Era tarde, talvez tarde demais.

Por favor, Deus, por favor, pediu em pensamento, orando para que não fosse tarde demais, para que ela já não tivesse ido. Nunca deveria ter dado ouvidos a ninguém, prometera a ela, seria para sempre.

Dean mal viu quando arrancou com o carro pelas ruas pouco movimentadas, o sol começando a se pôr. Tampouco soube como estacionou em frente ao grande prédio, só pareceu estar em si novamente quando entrou no hospital como um louco, correndo pelos corredores, enquanto sua visão era embaçada por lágrimas. Deveria estar com uma aparência péssima e aquilo pouco o importava.

Ouviu alguém chamá-lo, algo como *o senhor não pode ir entrando assim*. Sequer deu ouvidos, nem viu quem era.

À medida que se aproximava do quarto, sentia as pernas querendo lhe faltar, o ar sumir e sua alma sair do corpo ao notar a movimentação estranha logo à frente.

Não, não, não. Não poderia ser tarde demais.

Dean correu ainda mais, derrubando uma bandeja das mãos de uma das enfermeiras, mal parando para pedir desculpas ou ajudá-la.

O homem parou em frente à porta do quarto, esbaforido e achou que estava preparado para o que veria, mas nada no mundo o prepararia para aquele momento, na seria capaz de suportar a emoção que sentiu ao adentrar o pequeno quarto e ir ao encontro daqueles olhos — que tanto adorava —

completamente abertos.

Viu-se estancar no lugar, levando a mão à boca e fazendo algum som. Foi aí que a atenção da mulher meio deitada na maca do hospital, um pouco desengonçada e sem jeito se voltou para ele. Lívia olhou para e Dean achou que ela estava confusa, tinha um ar amedrontado, os olhos arregalados. O homem achou que seu peito seria rasgado, que seu coração sairia pela boca naquele momento.

Sua Lívia estava ali, ela tinha acordado, estava viva e foi aí que Dean se permitiu explodir em um choro aliviado e copioso, surpreendendo algumas pessoas que estavam no quarto ao cair no chão de joelhos, com olhos fixos em sua esposa. A mulher que tanto amava tinha voltado para ele, tinha certeza. Lágrimas escorreram por seu rosto, ele não poderia dizer em palavras o que estava sentindo.

Sua mulher tinha voltado, seu amor, seu primeiro amor estava bem à sua frente. Ele a viu abrir a boca, forçar a fala, olhar para os lados. Percebeu a mãe dela logo ali, olhando-o. Sua atenção se voltou para Lívia, que parecia querer dizer algo, enquanto ele nem ao menos conseguia se mover.

— Quem, quem... é, você?

E ao mesmo tempo em que seu corpo se enchia de regozijo, Dean sentiu o chão lhe faltar mais uma vez ao ouvir o que ela disse.



A emoção transbordava do homem ajoelhado no chão e a surpresa em seus olhos ao ouvir a pergunta assustada de Livia fez com que ele a encarasse com a mesma confusão que transparecia no olhar dela. Dean queria levantar-se, falar quem era, abraçá-la, mas não podia se mover, parecia estar preso ao chão, colado de forma covarde. Esperou por tanto tempo e por que diabos agora não conseguia ao menos falar? O bolo em sua garganta o impedia.

Só então percebeu o sogro se aproximar dele com rapidez, a passos largos, e pegá-lo pelo braço, puxando-o e pedindo ajuda de um enfermeiro presente no quarto para tirá-lo dali. Dean quis resistir, mas viu algo no rosto

de Livia que o petrificou de vez, aceitando ser levado para fora. Ele viu medo, viu alguém que parecia a ponto de gritar, caso pudesse, e o homem só queria entender o milagre que estava acontecendo. Se ele estava, mais uma vez, dentro de um sonho.

— O que pretende? — Ouviu Antônio perguntar, pondo-se na sua frente e então voltou ao momento. — Fraco, sempre foi fraco, Dangelo. Não está vendo que a assustou com todo esse show!

Dean mal o ouviu e se sentou no jogo de cadeiras disposto no corredor, levando a mão ao rosto e esfregando-o com força. Não era um sonho ou então ele já teria acordado. Livia estava mesmo ali. Mas como?

Em um impulso, levantou-se, indo novamente em direção ao quarto, mas foi impedido por Antônio, que se pôs à sua frente, colocando as mãos em seu peito.

— Saia! — rosnou, mas o homem mais velho não se moveu.

— Ela não se lembra, não percebe? — disse de uma vez. — Está piorando as coisas com essa sua maneira irresponsável de agir.

— Ela... Livia não se lembra de nada? Nada mesmo?

— Não. Nem do nome. Acordou e precisou de sedação, hidratação e sei lá mais o quê. Não consegue falar com clareza, não se lembra de ninguém. Está perdida e ficou muito nervosa ao acordar!

Dean se sentou novamente. Aquilo era verdade? Fechou os olhos por um instante e tentou colocar a cabeça no lugar, mas estava difícil, ela parecia girar. Lembrou então que o médico dissera, ainda lá no início, que sua mulher poderia acordar desmemoriada, com sequelas graves, poderia até mesmo acordar e se tornar um vegetal, perder até mesmo sua personalidade.

Bom, aquilo não importava mais, nada importava, pois o maior milagre

acontecera. Ela simplesmente acordara!

— E os médicos? O que disseram? — perguntou, ainda confuso.

— Ficaram abismados, assustados até. Sei lá, talvez com medo de um possível processo mais do que qualquer coisa. Nós também, claro — falou e não encarou Dean ao proferir isso. — Eles pareciam não acreditar que ela tinha acordado e que parecia entender tudo ao seu redor, muito agitada até. Foi uma mobilização e agora a junta médica está vendo os exames. Fizeram inúmeros.

— Quando ela acordou?

— Ontem pela madrugada.

— Por que não me ligaram? Deveriam ter ido à minha casa! — disse, entredentes, e viu o sogro revirar os olhos, o velho não percebia o quanto fazia seu sangue inflamar.

— Tentaram, mas você não atendeu! — disse apenas e Dean tentou digerir o que acabara de ouvir. Sua atenção não seria gasta com o velho miserável, focaria em quem realmente importava.

Ela tinha voltado. Deus do céu... sua amada acordou e ele se viu rindo. Uma alegria cega, sem igual inflando seu peito!



Onde ela estava? Quem eram aquelas pessoas e por que estava em um hospital? Não conseguia nem ao menos falar, pior, não conseguia se mover. Parecia sem forças e estava sonolenta, mole, só não queria e não podia dormir, pois precisava saber o que estava acontecendo.

Notou uma mulher pequena, na faixa dos 50 anos, de pele clara e cabelos

curtos se aproximar dela e segurar sua mão, sorrindo, afável.

— Está tudo bem, filha. Logo teremos os resultados dos exames e tenho certeza de que se lembrará de tudo.

Não!

Tinha vontade de gritar. Como poderia se lembrar se, pelo visto, não lembrava nem da mãe. Aquela mulher era sua mãe... e o senhor arrastando o homem desequilibrado disse que era seu pai, mas nem lembrava o nome dele.

Espere, o desequilibrado... Quem era aquele maluco? Quem entrava assim em um hospital? Um homem alto demais, forte e bagunçado, totalmente fora de contexto. Deveria ter fugido da ala psiquiátrica...

Tomara que não o deixassem se aproximar dela outra vez. E se ele a agredisse? Sentiu o rosto coçar e, em vão, tentou levar a mão ao local. Mal conseguia levantá-la, menos ainda, mover os dedos. Só queria saber o que estava fazendo ali. A pergunta veio na ponta da língua e lembrou-se de que teve vontade de gritar de dor quando se esforçou para falar com o estranho, como poderia falar algo mais? Era melhor não.

Sentiu sede e a senhora ao seu lado pareceu entender seu olhar ao pegar o copo e aproximá-lo de sua boca. E como foi orientado há pouco pelo médico, ela sugou devagar. Era estranho e a água, apesar de machucar, trouxe certo alívio à garganta arranhada e ardida.

— Sei que está confusa, mas não fale, não se esforce. Logo vamos lhe esclarecer tudo, melhor, tenho certeza de que logo irá se lembrar de tudo. Só fique calma, Vivi. Hum... e lembra algo sobre mim?

Lívia apenas negou fracamente e teve de volta um olhar triste como resposta. Mas o que ela poderia dizer? Nada e, além de não conseguir ter os próprios movimentos, sentia dor pelo corpo e muita vontade de fazer xixi.

— Não se preocupe, logo o médico virá. Tenho certeza de que trará boas notícias. — E ouvindo isso, recebeu palmadinhas na mão.

Aquela era mesmo sua mãe? Parecia estranha... mas gentil. Já o homem que dizia ser seu pai... ela não podia dizer o mesmo, ao contrário, era... hostil.

Viu o pai voltando para o quarto, acompanhado de dois médicos, e mais alguém entrou logo em seguida. Era o louco e ele a olhava de forma estranha. Parecia mais contido, porém os olhos estavam avermelhados. Olhos verdes, percebeu apesar da vermelhidão e do inchaço. Seria um drogado? Ou era da sua família? Um irmão talvez? Ele não parava de olhar para ela, mas seu foco mudou quando o médico começou a falar.

— Lívia, fizemos os primeiros exames e não temos outra explicação a não ser dizer que você é um milagre. — Houve um momento de silêncio enquanto ela viu o homem que se dizia seu pai bufar em desgosto. — Sinto muito, mas não há explicações concisas ainda. Exames periódicos foram feitos durante cinco anos para que pudéssemos chegar a um diagnóstico preciso e passá-lo à sua família.

O médico parou de falar ao ver a palidez sem igual que tomou o rosto dela e o quanto arregalou os olhos em choque.

— Perdoe-me, Lívia, estamos todos em estado de alerta ainda por você ter acordado e pensei que sua família já a tinha deixado a par de tudo o que aconteceu. — Ela o viu olhar para o homem mais jovem encostado na parede, que ainda mantinha os olhos nela. Ele deveria ter uns 35 anos e de repente Lívia se perguntou quantos anos ela tinha. Não sabia. — Você sofreu um acidente há exatos 5 anos, Lívia, e perdeu a consciência após a primeira cirurgia. Bateu a cabeça, fraturou o crânio e, por conta do inchaço no cérebro, precisamos de várias cirurgias para estabilizá-la. Mas, apesar dos esforços de

toda a equipe, os dias se passaram e você não acordou. Após um tempo, os exames não acusavam atividades cerebrais, o que nos levou ao diagnóstico de morte cerebral.

A mulher sentiu o coração palpitar, o medo lhe permeou a espinha. Ela... ela estava morta... dormiu por cinco longos anos. Como? E sua vida? O que fazia? Onde morava?

— Eu sinto muito, Lívia. Já voltamos a olhar cada exame e, não, o resultado não mudou, foi morte cerebral, apesar de hoje novos exames acusarem um diagnóstico diferente. Por isso ainda não sabemos como acordou, não podemos explicar, não a princípio. — O dr. Mark terminou a fala com um pedido mudo de desculpas no olhar.

— Vocês são uns inúteis! — rugiu o velho ali próximo. — Cobram uma fortuna, disseram que tinham feito tudo por ela e, por fim, garantiram que minha filha estava morta! Morta... vocês iriam matá-la hoje!

Lívia ficou ainda mais perdida ao ouvir aquilo e o pai parecia a ponto de uma explosão. Como assim eles iriam matá-la?

— A essa hora eu deveria estar enterrando minha filha, minha única filha. Entendem o que é isso? — O velho estava mesmo nervoso.

Só então Lívia pôde ouvir a voz do estranho pela primeira vez, quando ele se desencostou da parede, se pôs em uma postura confiante e altiva e se dirigiu ao pai dela, o tom de voz sendo uma reprimenda disfarçada.

— Creio que não é o momento de explodir, Antônio. Siga seu próprio conselho e se contenha, não assuste Lívia mais do que ela já está. Já liguei para Mendes, ele está vindo para o hospital, certifiquem-se de dar a ele todo o suporte necessário.

Deu a ordem de uma forma que não aceitaria contradição e, virando-se

para ela, segurou sua mão com delicadeza, fazendo-a sentir a quentura de sua palma e olhou em seus olhos, começando a falar pausadamente:

— Mendes é um dos melhores especialistas do país, Lívía. Foi ele que a atendeu após a primeira cirurgia, talvez ajude a nos dar uma resposta — disse de forma calma, pausada e controlada. — Me entende?

Lívía apenas assentiu como pôde e viu um sorriso doce, meio de lado se abrir brevemente no maxilar quadrado e a mão que estava sobre a sua vir ao encontro do seu rosto, parando antes de tocá-lo. Viu-o limpar a garganta, disfarçar algo e se voltar para o médico, colocando sua mão sobre a dela novamente.

— Quero tudo, tudo o que há de melhor no país e fora dele. Reúna a melhor junta médica que puder, não importa o valor, quero respostas. Queremos saber também, antes de qualquer coisa, a condição de Lívía agora, porque ela não se lembra de nada ou ninguém, enfim. Como pretendem começar?

Alguns segundos se seguiram em que ninguém disse nada, até Mark achar a própria voz:

— Vamos entrar com a fisioterapia, mas antes faremos mais exames, queremos estudar todo o corpo de Lívía. Como esses anos ela foi atendida periodicamente pelo fisioterapeuta, cremos que logo os movimentos irão voltar gradativamente, assim como a fala. E é natural que não consiga falar no momento, não se assustem quanto a isso.

Ela estava perdida ainda, completamente perdida. Mas ao menos algo tinha sido esclarecido ali e o estranho tinha lhe passado segurança na forma de falar com ela.

— Entendi. Quero o melhor tratamento e entender o que aconteceu. E quero isso logo.

— Claro, Dangelo. Vamos providenciar o melhor!

Lívia sentiu uma leve mudança no homem ao seu lado, percebendo que, mesmo débil, aquele era um homem acostumado a dar ordens. Esforçou-se para examinar seu perfil, os olhos pareciam em brasa, o corpo retesado e o aperto em sua mão tinha aumentado levemente. Parecia alguém raivoso.

— E mandem tirar essa coisa do quarto.

Lívia ouviu o pai dizer, referindo-se à enorme árvore de Natal decorada com esmero no canto do quarto, tão perfeita que ela teve vontade de gritar para que não a tirassem e alguém pareceu ouvir seus pensamentos.

— Não! A árvore fica. — A voz do estranho soou firme. Por fim, ele a olhou e já não havia qualquer rastro de raiva ou urgência.

Teve vontade de bocejar, queria saber mais, fazer perguntas, ter respostas, mas um sono sobre-humano a saturou e não conseguiu evitar que o sono a roubasse. A última coisa que enxergou foi o rosto masculino gentil e os lindos olhos verdes.



Se perguntassem a Dean o que ele sentia, o homem não saberia dizer. Enquanto via Livia se entregar ao sono aos poucos, seu peito apertava com o medo incomum de que ela não voltasse a acordar. Ficou ali, olhando-a enquanto deixava que o sogro gastasse todo o seu latim com os médicos. Entenderia depois o que estava acontecendo, naquele momento só queria aproveitar a alegria que inflava seu peito, disputando lugar com a preocupação e decepção por ela não se lembrar dele, ou melhor, de nada.

O que estava falando? Estava maluco de alegria de ter recebido um verdadeiro milagre. Livia tinha acordado, a falta de memória não queria dizer nada, se ela estava ali com uma chance real de viver!

— Dean...

Ele olhou para o lado e viu a mãe de Livia. No olhar dela, tinha uma mistura de gratidão e vergonha.

— Obrigada, filho. Obrigada por nunca ter desistido dela. Se não fosse você... — disse e um soluço escapou de seus lábios, enquanto o pegava desprevenido em um abraço apertado.

Foi desconcertante para ele, pois sentia no peito que não merecia aquela gratidão, pois tinha falhado com Livia, desistido, nem que fosse por poucos dias. Prometera nunca a deixar, prometera amor eterno e deixou outros ditarem o futuro de ambos, quase condenando-a à morte. O sonho de mais cedo lhe veio à mente, era o universo trabalhando a seu favor pela primeira vez após anos.

— Ela voltou para nós... — falou apenas e a senhora se distanciou do genro limpando o rosto. Um bolo se formou na garganta do homem, que pigarreou ao falar: — Antônio me disse que estão aqui desde ontem, devem estar cansados, podem ir descansar. Ficarei com ela.

A senhora o olhou por um tempo demasiadamente grande, os olhos cheios de lágrimas.

— Tenho medo, medo de sair e...

— Isso não vai acontecer — ele a interrompeu, não queria ao menos cogitar tal hipótese. — Vão descansar, fiquem tranquilos.

Ela anuiu, sim, estava mesmo cansada e aliviada. Após o médico ligar para o pai de Livia e dizer que Dean tinha ido e assinado todos os papéis necessários, ambos vieram para o hospital a fim de cuidar dos trâmites legais. Tudo já estava certo, até a celebração fúnebre, quando por fim, poucos minutos antes da meia-noite, aconteceu um verdadeiro milagre e a

mulher que jazia sobre a cama abriu os olhos negros de pronto, assustada!

Foi uma verdadeira comoção, o inesperado aconteceu. Porém, nem tudo era perfeito quando se tratava da vida real e, infelizmente, a mulher de nada, absolutamente nada, parecia se lembrar. Nem mesmo do nome.

— Eu vou, filho. Estou mesmo precisando dormir. Fique com Deus e obrigada outra vez, sei que fomos injustos com você, com Cecília, mas...

— Não precisa falar disso, não vamos voltar a esse assunto, não agora.

— Tudo bem, até amanhã!

Viu a sogra sair a passos lentos e ficou sozinho com Lívia. Algo inflamou seu peito, algo que ele não poderia explicar, ninguém poderia e então o choro veio. Saiu com força, carregado de anos de esperança, solidão, amor e alívio. Seu coração parecia não suportar tanto, ele parecia estar em um sonho ainda. Sentou-se na poltrona ao lado do leito e, escondendo o rosto entre as mãos, deixou o pranto rolar, aquele que vinha prendendo há dias.

Memórias passaram por sua mente, momentos, principalmente todo o desespero sentido. Era um sonho, só poderia ser...

Após um tempo, acalmou-se e então viu sua real situação. Quando foi o último banho tomado? Não se lembrava. Pegou o celular e fez uma ligação para a pessoa prática da família: Will.

— Droga, Dean — esbravejou assim que atendeu. Cumprimentos para quê? — Sei que está sofrendo, mas não é necessário enlouquecer todos dessa forma. Estávamos indo para o seu apartamento atrás de você!

— Ela acordou! — Foi só o que conseguiu dizer, calando William. — Ela acordou, Will.

— O que disse?

— Lívia, minha Lívia acordou ontem!

Houve um silêncio na linha, nada era ouvido senão a respiração dos dois irmãos.

— Eu, eu... ela está bem?

— No primeiro momento, pareceu não se lembrar de nada, nem do nome. Mas o médico disse que pode ser passageiro, agora ela dorme, mas, eu não sei Will. Enfim, na verdade, quero pedir algo.

— Claro, peça o que quiser!

— Diga a minha menina que falou comigo, avise que mais tarde ligo para falar com ela e dizer que a amo. E peça para a nossa mãe separar uma roupa qualquer minha que esteja aí e traga para o hospital. Saí de casa como estava.

— Chego aí em poucos minutos!

Will desligou e Dean recostou-se a poltrona. Olhou o milagre dormindo à sua frente e começou a agradecer a Deus pela bênção recebida e tão esperada.



O cheiro naquele momento era diferente. Não era apenas o cheiro acético sentindo por ela mais cedo e, aos poucos, estranhando à luz, ela voltou a abrir os olhos. Lentamente olhou ao seu redor, a parede branca, a árvore grande de Natal enfeitada no canto do quarto, até chegar a poltrona ao lado de seu leito onde o homem dormia sentado, a cabeça pendendo sobre o encosto e ela percebeu que o cheiro que sentia emanava dele, algo familiar, cítrico. Era ele, o mesmo maluco de mais cedo, mas naquele instante o homem parecia estar mais alinhado — se assim pudesse dizer.

Ela tentou se mover como se por instinto, mas não conseguiu e um

pequeno gemido lhe escapou. O som fez Dean pular no lugar abrindo os bonitos olhos verdes e focando sua atenção em Livia.

— Você acordou! — disse o óbvio e para ela parecia bobagem, claro que acordaria. Então se lembrou de que tinha dormido por longos cinco anos, ao menos foi o que o médico dissera, então não era tão absurdo assim a afirmação dele. — Quer água? Sente algo?

Tentou dizer sim, mas a garganta lhe doeu e apenas um chiado saiu. Dean, que já estava de pé, pegou o copo com água sobre o olhar atendo dela e cuidadosamente colocou o canudo entre seus lábios.

— Sei que não é o momento, mas... se lembra de algo, Livia? De mim? — Ela podia dizer que havia esperança naqueles olhos verdes tão diferentes e que o sentimento pareceu morrer quando ela negou.

Antes que pudesse perguntar por que ela se lembraria dele em especial, um homem alto, de cabelos loiros e idade avançada entrou no quarto. Aquele médico era diferente e Dean explicou a ela pausadamente que ele era um dos melhores neurocirurgiões do país, que foi ele que a atendeu quando sofreu o acidente. Livia viu nos olhos do médico o olhar de uma criança ao ganhar um brinquedo de Natal. Ele estava radiante por vê-la acordada e tinha tantas perguntas a fazer.

O homem lhe pediu licença e começou a fazer vários exames enquanto ela, vez ou outra, focava sua atenção em Dean, que estava reparando em cada pequeno movimento do médico.

Ela se sentia mal... perdida, o coração vez ou outra acelerando sem permissão. Vontade de falar, perguntar, saber mais do que um simples *você sofreu um acidente e dormiu por exatos cinco anos*. Mas o pior era a confusão em sua mente, peças soltas e perguntas de quem realmente era.

Era inacreditável.

— Bem, você me parece normal. Claro, há a dificuldade de movimentos — o doutor começou a falar olhando para Dean e não para ela, como Livia esperava, e aquilo a incomodou. — E tem a fala. Pelo que me disseram e pelos exames que vi até agora, posso dizer que é melhor evitar esforços nos primeiros dias, mas esperamos que ela volte logo ao normal, já pedi um fonoaudiólogo para ajudá-la com essa questão. Quanto ao cérebro, verei os resultados dos novos exames que estão para sair, assim poderei lhe dar um melhor diagnóstico, Dean.

Ela estava lúcida pelo que entendia, então por que era para o estranho que ele se dirigia?

— Eu, eu... — tentou falar e engoliu a saliva a seco. — Pode fa-lar co-migo. Estou a-qui.

Estava raivosa e viu o médico rir.

— Viu só, Dean? Ela está realmente de volta. Me desculpe, minha querida, foi apenas a força do hábito de passar toda e qualquer informação ao seu esposo.

— Estevão... — Dean tentou pará-lo, mas era tarde demais, ele já tinha dito e Dean viu, com o coração aos saltos, o espanto tomar conta do rosto que começava a ganhar mais cor e o monitor ligado ao peito dela disparar!

Ela estava em choque... o médico dissera mesmo esposo?



Foram segundos em que o tempo parecia ter parado e foi angustiante. Dean não sabia o que dizer senão:

— Calma, Livia. — E teve medo da reação dela, na verdade, do olhar que lhe dirigia.

— Deus, Dean! Não havia dito a ela ainda? — Aquele era um péssimo momento, o médico percebeu assim que as palavras saltaram de sua boca e o olhar gélido do homem moreno veio de encontro ao seu.

Dean naquele momento sentiu raiva, uma raiva quase irracional.

— Não, não tivemos tempo.

— Me desculpem, não foi minha intenção, com licença — pediu com certa urgência.

Ambos assistiram ao médico sair e, apesar de Dean abrir a boca para falar, nenhum som saía. Foi por pouco tempo, mas tempo suficiente para

pensar em mil coisas a serem ditas, mas nenhuma parecia boa o bastante.

— Somos casados há onze anos, Livia.

E lá estava ela, paralisada, perplexa, sua cabeça dava voltas. Tentava de alguma forma se lembrar de algo, se lembrar dele, do homem bonito, alto e de expressão um tanto severa. Mas, se eles eram casados há onze anos, quer dizer que... ela tinha ficado em coma cinco desses onze anos, era isso?

Procurou a mão esquerda dele com seu olhar e lá estava a aliança grossa no dedo anelar. Seria do casamento deles? Ou Dean teria se casado novamente, seguido com a vida enquanto ela estava naquela cama definhando?

— Livia. — Dean deu um passo em sua direção e parou quando a viu se afastar minimamente como uma forma de defesa, sem conseguir se mover com rapidez. — Tem mais uma coisa... — disse chamando sua atenção, optando por falar tudo e ela voltou a olhá-lo, enxergando a confusão e as lágrimas em seus olhos. — Tivemos uma menina, uma filha de cinco anos.

Aquilo foi demais, a desestabilizou completamente, sua cabeça latejou e, por mais que sua garganta doesse, ela quase gritou:

— Sai, sa-ia da-qui.

— Livia... — O desespero o tomou e ele não soube o que fazer, não foi assim que imaginou que seria.

— Saia! — As lágrimas rolaram pelo rosto feminino, a dor apertou seu coração e o ar lhe faltou.

— Enfermeira, enfermeira! — Dean gritou com urgência, enquanto a via tentar tomar ar e se debater.

Enfermeiros adentraram o quarto e, enquanto a comoção começava, ele tentava ajudar de alguma forma, mas não podia fazer nada. Aparentemente

sua presença fazia mal a ela.

— Se afaste, senhor! — Ouviu de um dos enfermeiros.

Os médicos logo vieram e Dean se viu sendo levado para fora do quarto, acompanhando com o olhar os médicos tentarem acalmá-la. Era difícil assistir a tudo aquilo, ainda parecia um sonho, era difícil de acreditar. O destino realmente adorava pregar peças nele.

Sentou-se na cadeira no corredor do hospital e enfiou a cabeça entre as mãos, tentando acalmar seu coração. O que estava acontecendo, por que tudo era tão difícil? Sentiu a presença de alguém e levantou os olhos, vendo Ane ao seu lado, o braço delicado passando por cima do seu ombro, tentando lhe dar consolo.

— Ela não se lembra de nada — desabafou em voz baixa, continuando na mesma postura. Não olhou para a irmã, mas sentiu o olhar piedoso em sua direção.

— Ei, você tem que ser forte. É hora de mostrar toda aquela fortaleza, se lembra? Seja forte por ela, por Cecilia e por você. Deve estar sendo ainda mais difícil para ela, Dean.

— Contaram a ela que somos casados, precisava ver como me olhou... foi como se...

— É natural, Dean. Você é um estranho, todos somos...

E sentiu-se então culpado. Sim, parecia estar olhando apenas para sua própria dor.

— Estou sendo irracional, não é?

— Talvez...

E um fraco sorriso lhe escapou, era bom tê-la ali. Aos poucos, viu os médicos saírem do quarto, Mark veio falar com ele e não teve meias palavras.

— Sei o que deve estar passando, mas é ainda pior para ela, Dean. Sandra está com Livia agora, ela era a enfermeira de plantão e foi a primeira pessoa que sua esposa viu antes dos pais. É natural, nesses casos, que o paciente tenha mais confiança em quem viu primeiro ao acordar.

Dean pensou e absorveu cada palavras, chegando a uma conclusão.

— Eu não passei nenhuma confiança a ela quando nos vimos na primeira vez, sei disso.

— Não, não passou, talvez a tenha deixado ainda mais confusa.

E como ele se arrependia de todo aquele descontrole.

— Não queria que ela soubesse agora, assim. Queria primeiro passar algo bom.

— Sabemos, uma pena Estevão não estar ciente disso, mas não tinha como ele saber, foi uma fatalidade. Entenda... Livia teve uma crise respiratória, a pressão subiu devido aos acontecimentos, mas agora já a estabilizamos. Reclamou de dor de cabeça, o que não é um bom sinal, mas, por ora, ela está mais calma. Não se preocupe e acreditamos que a perda da memória é passageira.

Ah... naqueles cinco anos os médicos disseram que acreditavam em tantas coisas que Dean já não sabia se confiava no que diziam.

— O que eu faço agora?

— Por ora, eu indicaria deixar que Livia se acalme e tente assimilar o que está acontecendo. Vá para casa, veja sua filha e a prepare também. Todos precisarão lidar com tudo isso. Logo mais ela terá uma sessão de fisioterapia, cuidaremos dela por você. Falhamos, e sabemos disso, mas prometo que isso não acontecerá novamente.

Dean sabia que sim, mas não a deixaria e Ane sabia disso.

— Vá, eu fico aqui. Depois entro no quarto de fininho e fico por ali assistindo à fisioterapia.

— Posso até arrumar um uniforme para você para que ela não estranhe.

Era bom poder contar com pessoas amigas, em especial, a família!

— Ótimo, viu só? Pode ir ver Cecília, aproveite e mate sua saudade — disse a irmã.

— Qualquer coisa me ligue, por favor.

— Pode deixar!

E sentindo-se vencido, confuso e desanimado, Dean saiu do hospital. O pior era que se sentia mal por se sentir assim, mas não podia evitar a decepção. E se ela nunca mais recuperasse a memória?



Dean chegou à casa dos pais e, após um grande interrogatório, o silêncio se fez presente na sala, onde todos permaneciam perplexos. Ele ainda não tinha falado com Cecília, pois a filha estava dormindo naquela tarde e sentia que em seu coração faltava algo.

— E se ela não se lembrar?

— Nicolas! — a mãe repreendeu a pergunta que Nick fez, a pergunta que na verdade rondava a cabeça de todos, mas que ninguém ousava dizer!

— Mãe, temos que pensar em tudo, em todas as hipóteses.

— Ainda é cedo, filho...

— Não, não é... — Dean disse e toda a atenção se voltou para ele. — Ela

pode não se lembrar, infelizmente, há chances de tudo acontecer. Mas o importante é que Livia acordou e está lúcida.

— A mamãe acordou pai? — Cecília disse adentrando a sala, cortando a fala do pai, correndo e parando em frente a um Dean atônito. — É verdade? A mamãe acordou? Eu sabia, eu sabia! — comemorou a menina, jogando os braços para cima, animada e começando a correr pela sala.

— Eu sabia, o papai Noel não ia esquecer! Ele só se atrasou. Vamos, pai. Vamos ver a mamãe!

Dean não se moveu, ninguém se moveu a não ser a serelepe e saltitante Cecília!

— Ué! Levante, papai. O senhor veio me buscar para ver a mamãe, não foi?

— Venha cá, minha luz. Papai tem que conversar com você.

— A gente conversa no hospital, papai. Eu quero ver a mamãe agora!

— Venha cá primeiro!

Ela se aproximou nada satisfeita e ele a pegou, sentando-a em seu colo, abraçando-a e deixando um beijo em seu rosto.

— O papai sentiu saudades.

— Eu também, agora podemos ir? — Os olhinhos brilhavam em expectativa.

E se Livia realmente não se lembrasse? O que seria de Cecília?

— Sim, Lia, sua mãe acordou, princesa. Mas... bem, ela ainda precisa de cuidados antes que você possa ir vê-la.

— Como assim? Ela não está querendo me ver?

— Claro, digo... é complicado, meu amor.

— Coisa de adulto? — perguntou, a expectativa dando lugar à tristeza.

— Sim, quer dizer, não. Deixe-me tentar explicar. A mamãe acordou, mas, devido ao acidente, ela levou uma baita pancada na cabeça e está confusa, não se lembra de muita coisa.

A menina olhou para o chão, sem dizer nada até que seus olhos luminosos se voltaram para o pai.

— Ela não lembra de mim?

— Não, ainda não. Mas escute, os médicos disseram que é passageiro, é porque sua mãe acordou recentemente, entende?

— Sim... e se...

— E se?

— Nada, não... — Um bico se formou nos lábios rosados e Dean podia entender perfeitamente, ele mesmo sentia-se assim.

— Ei, não chore, meu amor.

A menina foi incapaz de segurar as lágrimas que rolaram pelas bochechas cheias e rosadas. De que adiantava a mãe acordar se não se lembrava dela? Se não se lembrava, não poderia ser sua mãe, certo? Eram aquelas perguntas que ficaram em sua mente infantil e ela se agarrou a camisa de Dean, escondendo o rosto e se pondo a chorar!

— Não chore, amorzinho. Logo poderá ver sua mãe, talvez ela se lembre logo e ver você será a primeira coisa que ela irá querer fazer! Tenho certeza disso. Só tenha paciência, o milagre já aconteceu, ela acordou. E depois, podemos ajudá-la a se lembrar...

E com aquelas palavras ele não estava apenas confortando o coração da

filha, mas também o seu. Aquelas palavras trouxeram alento ao seu coração machucado, pois encontrou a saída para o que ele mesmo faria, ajudaria Livia a se lembrar e, se preciso fosse, conquistaria sua esposa mais uma vez. Sim, acabara de traçar um novo plano!



No dia seguinte, logo cedo, a rotina voltava a se ajustar. Cecília estava de férias, mas seguia ainda com algumas de suas atividades extras, o pai era bem rígido com aquilo e não abria mão. Dean continuava a ir para o hospital, buscava notícias e talvez um segundo milagre, algo que fizesse sua esposa voltar de vez para ele. Mas, aparentemente, nada mudou nos dias que se passaram. Ele não entrou no quarto desde o último episódio, apesar de estar no hospital todo o tempo, deixando até mesmo a empresa de lado, nas mãos da irmã.

Mais exames foram feitos, novas formas de estudos foram iniciadas, o

caso estava se espalhando, mas ninguém, ninguém tinha uma explicação do porquê ela acordara repentinamente se o diagnóstico final já tinha sido dado e, por mais incrível que parecesse, o erro não estava nos exames, parecia não haver um culpado.

Naquele dia, Dean voltaria ao quarto dela pela primeira vez após o surto que tivera, ela teve certa resistência em recebê-lo nos dias anteriores. Livia não tinha aceitado bem a ideia de ser casada com ele, menos ainda de ter uma filha!

Estava nervoso como nunca se sentira antes, acuado, e não sabia como reagir, o que dizer, como dizer. Para piorar, não acreditava que os sogros tivessem ajudado em algo em relação a ele, a sogra talvez... já Antônio... Adentrou o corredor devagar, calado, o coração aos saltos e por sorte a encontrou sozinha no quarto, olhando para o nada.

Dean parou no batente da porta e ficou observando-a por instantes, sem que ela pudesse notá-lo ali. Para ele, era perceptível a mudança em seu semblante em tão pouco tempo, a pele, os cabelos, a cor voltando ao rosto magro, mas o olhar... continuava vazio. Fosse quem fosse, algo era certo: aquela não era mais a sua Livia e aquilo lhe dava ânsia!

Ela por fim virou o rosto e focou sua atenção nele, o semblante ficando levemente assustado. Nada disseram um ao outro, o olhar falava por ambos. No dele, via-se o medo da rejeição, sem que ao menos pudesse tentar algo; no dela... nada, senão um resquício de curiosidade.

Naqueles dias, Livia tinha tentado e tentado se lembrar de algo, achar respostas em sua mente vazia, mas nada lhe vinha à cabeça e não fazia sentido que fosse casada e tivesse uma filha, não se imaginava como tal mulher. Pelo que buscou saber — e buscou muito — ela era médica pediatra e tinha uma carreira em ascensão, o que para ela, naquele momento, também

era uma escolha que não fazia sentido. Tinha horror a sangue, ao menos agora tinha.

Talvez o médico estivesse certo, não tinha perdido apenas a memória, mas também parte de sua personalidade, gostos...

Estava tão confusa, a cabeça doendo de tanto forçar lembranças e aparentemente seus pais pareciam não querer que ela voltasse a ser o que era, pois não faziam questão de aprofundar informações sobre o passado, marido ou filha. Ela perguntou, quase brigou, se irritou, mas o pai lhe dizia a mesma coisa: *descanse, é melhor não forçar a mente com banalidades agora.*

Mas como assim banalidades? Era um marido e uma filha, sua família, o homem que escolheu para dividir uma vida. Não fazia nenhum sentido e o homem que se dizia seu pai também não estava disposto a ajudá-la, talvez não se importasse tanto quanto dizia, já que havia dois dias que não voltava ao hospital para vê-la ou lhe dar respostas. As únicas informações que conseguira vieram de sua mãe e arrancara algumas migalhas de algumas enfermeiras.

Agora lá estava ele, olhando-a de forma insondável. Será que viera por fim dizer que, apesar de ela ter acordado, nada mudava em sua vida? Que queria o divórcio? Que tinha encontrado alguém e que continuaria com sua nova mulher, que sua filha estava sendo criada por outra e era melhor que continuasse assim, caso ela preferisse. E ela preferia? Talvez sim...

Não iria dizer que não tinha pensando nisso, se pegara ontem à noite perguntando-se se ele seguira sua vida como se ela não mais existisse após um tempo. Ao menos foi o que entendeu mediante a reação de quem estava com ela naqueles dias e a dele. A forma atropelada com que disse que tinham uma filha ou talvez o modo que parecia querer esconder o vínculo com ela.

— Bom dia, Lívia. — O timbre rouco reverberou pelo quarto e um

pequeno arrepio sem explicação subiu por sua espinha.

— Bom... dia.

O homem continuou onde estava, talvez esperasse uma reação de rejeição, talvez não. Honestamente, era aquilo mesmo que Dean estava esperando, uma rejeição evidente. Foi preciso mais alguns segundos em que ambos se olharam para, só assim, ele adentrar o quarto vagarosamente e se sentar na poltrona ao lado, não tão perto de sua esposa como gostaria. Ah, como queria abraçá-la, dizer o quanto a amava, o quanto sentiu sua falta e tinha sofrido na escura solidão sem ela, mas se controlou, não a queria assustar como das últimas vezes.

— Os médicos me disseram que você teve progresso, um ótimo, por sinal.

Ela apenas anuiu, ainda lhe custava certo esforço falar, apesar de já não sentir tanta dor.

— Isso é maravilhoso. Acho que...

— Com... — cortou-o e o surpreendeu, parando e limpando a garganta. — Como nos conhecemos? — disse, por fim, devagar.

Lívia estava curiosa além do possível, queria saber como tudo aconteceu, como por fim ela aceitou se casar com aquele homem, pois para ela aquilo era quase impossível.

O coração de Dean palpitou ao ouvir a pergunta e sentiu a curiosidade cintilar em seus olhos. Foi inevitável que um pequeno sorriso nascesse em seus lábios, aquele de lado, destinado apenas para ela.

— Foi numa quarta-feira à tarde — começou ele, de forma calma. — Seus pais tinham acabado de se mudar para minha rua, para a frente da minha casa na verdade. Eu estava voltando da faculdade e tive problemas pela primeira vez ao acionar o controle do portão da frente da mansão, foi quando

te vi. — Olhou-a, percebendo seu interesse por mais. — Você tinha acabado de descer do carro de seu pai e estava rindo de algo que sua mãe dissera. Estava usando uma blusa de alcinha rosa escuro e uma saia rodada, esvoaçante, perfeita. Os cabelos bagunçados não impediam a beleza da tua face e eu fiquei com o carro estacionado em frente ao portão, te olhando enquanto andava, ou melhor, saltitava em direção à entrada da tua casa.

Lívia estava paralisada com todo aquele relato minucioso, ou melhor, com a maneira apaixonada com que ele era dito.

— Foi aí que seu pai chamou sua atenção para algo, você virou o rosto e então me viu, me pegou no flagra, petrificado, te olhando e não pude ao menos disfarçar. Vi pela primeira vez seu sorriso direcionado a mim e foi como se o sol nascesse novamente naquele fim de tarde. — Dean sorriu, parecia ter viajado para aquele momento. — O engraçado é que você disse que apenas retribuiu meu sorriso, que eu parecia um bobo ali te olhando, mas, para dizer a verdade, não me lembro de minha reação, apenas do meu coração querer sair pela boca e a minha pele esquentar. Me ganhou naquele instante, Lívia.

Aparentemente ela tinha sido contagiada pelo mesmo mal que o afligia, pois sentia seu coração palpitar no peito e um bolo se formar na garganta.

— Nos amávamos? — perguntou de pronto, sem pensar.

— Não sei. — E a resposta de Dean a pegou desprevenida, talvez decepcionando-a. — Não posso dizer, com toda certeza, que você me amava, poderia até mesmo parecer que estou me aproveitando da situação, mas posso falar por mim e, sim, eu te amava, Lívia.

Amava... no passado, acabara por baixar o olhar. Por que aquilo a decepcionava? Por que algo parecia fora de contexto? Não se lembrava dele, de nada... então não fazia sentido.

— E continuo te amando — disse por fim.

Lívia voltou a olhá-lo, vendo o pomo de Adão subir e descer, os olhos dele umedecidos e o rosto com uma expressão dura, estava decidido a não demonstrar emoção.

— Nestes cinco anos, vo-cê voltou a se relacionar, digo se ca-sar? — ela perguntou e sentiu o peito apertar.

Que sensação estranha, incomum. Como sentir expectativa com aquilo, se nem ao menos sentia atração pelo homem à sua frente. Sim, era um homem bonito, muito bem arrumado usando aquele terno alinhado em seu corpo, mas não chamaria sua atenção se o encontrasse por aí.

— Não!

Ouviu-o e naquele simples *não* foi fácil captar um tipo de ofensa muda naquela negativa tão incisiva. Dean segurou seu olhar, fechando o rosto minimamente, o maxilar travado.

Ela o tinha ofendido?

— Há anos sou um homem que aceitou o destino, Lívia, que sabia que apenas uma mulher faria meu coração pulsar, me causaria desejos irrefreáveis. O fato de ela estar em coma não mudou isso. Você continua sendo a única mulher por quem meu coração palpita, é para você meu primeiro e último pensamento do dia. Nem mesmo ao aceitar que você não voltaria mais, deixei de amá-la ou me sentir culpado por desistir de te esperar. Os anos aqui só serviram para me fazer entender o verdadeiro sentido do *na saúde e na doença*. Não tive outra mulher, não pensei em outra mulher. Ou melhor, cheguei a pensar em uma... mas ela tem cinco anos e tem o seu sorriso.

Os olhos dela transbordaram com as palavras ditas. Era verdade? Como?

Cinco anos, foram cinco anos e não cinco dias ou meses. Não era possível e foi aí que o final da frase chamou sua atenção em especial.

— Como ela é? — indagou rápido e sentiu a garganta doer.

— Idêntica a você, de mim, ela tem apenas os olhos...

Lívia prendeu seu olhar aos olhos de Dean, talvez, pela primeira vez, verdadeiramente. Eram diferentes, não se lembrava de algo parecido, na verdade não se lembrava de muita coisa, mas eram perfeitos. Verde-água, claros, transparentes e com cílios negros e longos. Eram realmente de chamar a atenção, ainda mais naquela composição, com a pele morena e os cabelos negros. E menina nascera com os mesmos olhos, deveria ser perfeita como o pai. Não, ele não era perfeito, os olhos apenas.

Ambos se olharam e um brilho diferente passou pelo olhar feminino. Lívia sorriu, talvez tentando imaginar uma menina com aqueles olhos.

— Ela, a menina, sabe de mim? Qual o nome dela?

E agora foi ele quem estranhou. Esperava que, àquela altura, ela soubesse ao menos o nome da filha. Ninguém nada lhe dissera?

— Cecília, o nome dela é Cecília Vitória. Você estava grávida quando sofremos o acidente.

— Isso me contaram... apenas isso. E ela nunca me viu?

Dean bufou!

— Claro que sim, Lívia! Você é a mãe dela e Cecília sabe disso. Em momento algum, ela deixou de querer estar próximo de você. Todos os finais de semana venho com nossa filha e passamos nossos domingos com você. De início, apenas vínhamos e eu contava nossa semana juntos, como era trocar fraldas e sujar a mão com aquele cocô fedido e amarelo. Ainda não entendo como uma coisa tão pequena e fofa, que bebe apenas leite, pode fazer tudo

aquilo e feder tanto. — Ele a fez rir, rir verdadeiramente naqueles poucos dias acordada. — Ah, e não posso esquecer da primeira vez que comemos cocô, eu e ela claro.

Lívia arregalou os olhos e Dean se empolgou com a lembrança.

— Eu estava cansado depois de um dia exaustivo na empresa, Cecília tinha nove meses, estava na melhor fase e passar os dias longe dela me trazia uma necessidade sem igual de aproveitar cada minuto. Parecia que estar perto de Lia me trazia conforto. Eu a peguei naquela noite logo após o banho, enquanto ressonava e a pus em nossa... em minha cama. Não era o certo, ela já estava se sentando, rolando para todo lado, mas tenho um sono leve, acordaria a cada pequeno mexido. Ou achei que tinha... me enganei, dormir demais e acordei com pequenos risos, ou melhor, gargalhadas! Ao acordar, lá estava aquela bolinha de fofura, não tão fofa assim naquele momento, coberta de cocô. Tinha tanto que vazou da fralda e não bastando isso, Lia se divertia com a massa amarelada. A boca estava suja, as mãos, a barriga e claro... eu. A pestinha tinha esfregado aquela merda fedida em toda minha cara!

Lívia começou a rir, contagiada pelo momento. Podia ver aquele momento com precisão e se viram rindo juntos.

— Tenho a foto! — ditou.

— Mentira. Não, pode, ser... não pararia para tirar foto. Iria logo brigar, assustá-la e se lavar. — A possibilidade que ela levantou o fez rir.

— Não, Lívia! Isso era o que eu ia fazer... mas aquelas gargalhadas me contagiaram e, se eu me assustasse, acabaria assustando-a também e a faria chorar. Cecília sempre foi uma criança sensível. Busquei logo o celular ao lado, tentando não respirar ou abrir a boca e tiramos uma foto. Minha cara não saiu boa, já ela... perfeita como sempre! Óbvio que essa foto nunca foi mostrada a ninguém. Estava guardada para mostrar a alguém especial, tinha

certeza de que esse momento chegaria, Livia, que você acordaria. — E logo foi levado pela emoção. — Talvez esse não seja um bom momento, eu sei... prometi que não falaria nada hoje, que esperaria seu tempo... mas quero que saiba que você irá ditar o ritmo. Tudo... não vou apressar as coisas ou forçar minha presença, se não estiver pronta. Espero que possa se lembrar, quero tanto... mas não irei forçá-la, nem poderia. Só quero pedir que me aceite por perto, que me deixe visitá-la. Você não me ama, isso é um fato, claro, sou um estranho agora, mas Livia... me deixe te reconquistar.



Era admirável tal postura e Lívia concordava com Dean, era cedo demais. Os poucos momentos que ele lhe contou pareciam perfeitos, até mesmo irrealis. O brilho nos olhos masculinos tinha até mesmo mudado mediante o que dizia, porém, apesar de por alguns instantes ele ter aquecido seu coração, sua mente continuava no escuro e seus sentimentos... também. Lívia sentiu o coração bater mais forte com aquela constatação, um aperto no peito e lágrimas lhe vieram aos olhos. Não sabia dizer o porquê, só deixou uma delas rolar pelo rosto.

Pensou por um instante que um homem bonito, de aparência e porte

perfeitos estava ali, à sua frente, jurando-lhe amor eterno. Ao contrário do que imaginara, parecia que Dean a tinha esperado por longos cinco anos, não havia perdido as esperanças — ao menos assim dissera —, mas, por outro lado, não parecia ela a mulher daquela história, não se imaginava como a garota relatada em frente ao portão de uma casa nova, nem a mulher que deu à luz a garotinha perfeita em um dos piores momentos de sua vida.

A pergunta era: Livia queria aquela vida de volta? Aquele homem e uma filha já de cinco anos com a qual não tinha vínculo algum? Achava que não... estava confusa e viu o que as lágrimas que rolaram em seu rosto fizeram com Dean. Viu-o se levantar depressa e vir para o lado de seu leito, preocupado, segurando sua mão apressadamente:

— Livia? Desculpe, eu...

— Não, tudo bem — cortou-o, acabaria logo com aquilo. — Eu, eu só... Não sou eu nessa história. Sinto que não sou a garota ou a mulher em cada relato perfeito como esse, não consigo imaginar. Algo me diz que coisas assim não acontecem na realidade, que casais perfeitos não existem. Me desculpe, só não sou mais ela, entende? Eu não sei explicar... mas talvez, a mulher dessas lembranças tenha morrido no dia daquele acidente. Desculpe...

Os olhos de Dean se arregalaram como pratos, pareciam a ponto de pular do rosto enquanto o pomo de Adão subia e descia em sua garganta. Sua vontade era se ajoelhar aos pés dela e pedir que não dissesse tal loucura, que ele não era um mentiroso, que o deixasse lhe mostrar que o relacionamento deles era, sim, perfeito, bonito, feliz e para sempre. Mas o máximo que conseguiu foi assustá-la ainda mais, atropelando os momentos. Seu esforço foi sobre-humano para que ela não derramasse lágrimas de desespero.

— Eu entendo, entendo completamente, Livia. Acho que me precipitei, me deixei levar pelo momento.

— Me desculpe... — choramingou.

— Não, não peça desculpas. Desculpas pelo quê? Se alguém teve culpa em tudo isso, fui eu, Livia... Bom, Cecília pediu para que... — Ele engoliu em seco ao lembrar do pedido da filha, ou melhor dos inúmeros pedidos e o coração queimava como o inferno. — Ela quer te fazer uma visita.

— Não. — Saiu de pronto, sendo ela incisiva em sua resposta.

Estava presa naquela cama, com poucos movimentos, memória alguma, confusa, perdida ainda mais após aquela visita, como poderia querer conhecer a criança naquela situação? Deus, era sua filha... ela tinha mesmo uma filha? Dormiu por cinco anos, deveria ter perdido tanto tempo...

— Ao menos não por ora.

— Claro...compreendo.

Compreendia? Sim, se fosse racional compreenderia, mas caso se deixasse ser levado pela emoção, aí não, não compreenderia. Pois se o caos pudesse ser levado a tais pensamentos, veria que também era egoísmo de certa forma, não? Que culpa aquela criança tinha? Nenhuma, apenas ele tivera culpa de alimentar seu pequeno e bondoso coração com a expectativa da volta da mãe. Era ele o adulto e tutor ali e foi ele quem permitiu que ela alçasse voo com relação às esperanças de uma mãe que poderia, ou melhor, que já era certo que não voltaria. E agora iria quebrar o coraçãozinho tão miúdo, Cecília era alguém inteligente, uma hora saberia o que realmente acontecia.

— Dean, para mim, é como estar em uma encruzilhada sem saber qual direção seguir, o pior é que nem ao menos tenho motivos para seguir. Eu não sei explicar.

— Tem a nós, Livia. Pode não se lembrar agora, mas sempre terá a mim.

Só quero que saiba disso, sempre terá a nós, sua família.

— E é suficiente? — deixou escapar sem ao menos conseguir segurar. — Me desculpe, mas no momento não é suficiente para mim.

Uma batida na porta os tirou daquela bolha com tons de despedida e decepção, quebrando o contato de ambos. Sandra, a enfermeira, entrava no quarto com um sorriso amável no rosto, que morreu um pouco ao ver que tinha atrapalhado algo importante.

— Hora do banho, Lívia. Como vai, senhor Dangelo? Desculpe, não sabia que estava aqui ou teria retardado um pouco mais.

— Vou vem, Sandra, e não se preocupe com isso. E você, como vai?

Tentava disfarçar sua recém-desilusão, talvez fosse ele o único egoísta naquela história.

— Bem, senhor. E como pode ver, Lívia está tendo uma ótima recuperação, é o nosso milagre.

Ele sorriu com aquelas palavras, sim, era o seu milagre, apesar de que... não importava, ela sempre seria o seu milagre, independentemente de qualquer coisa. Só precisava vê-la bem.

— E não sabe como estou feliz com isso — disse e não se atentou ao fato de que a enfermeira preparava o banho da esposa enquanto conversavam brevemente, nem ao fato de que teria que sair do quarto, já não era mais comum vê-la assim.

— Vai ficar aqui? — perguntou, entrecortado, levantando uma sobrancelha.

Dean a olhou sem saber ao certo sobre o que falava, só então se deu conta, não tinha mais intimidade com aquela mulher. Era como se não a conhecesse, seu jeito mudou, fora embora com aquele acidente e talvez ela

tivesse razão, não voltaria mais e ele teria que criar um outro plano, mas, por hora, faria sua vontade.

— Ah, não. Preciso ir — disse, passando a mão no bolso, tentando ver se estava tudo com ele e não a olhou quando perguntou: — Posso voltar outro dia? — Era ridículo...

— Melhor não. Digo, não no momento, espero que compreenda. — E mesmo que não a olhasse, Livia percebeu a decepção sair em ondas do homem, tanto quanto da enfermeira ali, assistindo à cena.

— Tudo bem, entendo, claro. Bom, acho que é isso. Melhoras, estarei aqui caso precise de algo, não sei... enfim. Estou indo, até mais, Livia, Sandra...

E ela o viu sair a passos largos. Nada sentiu, talvez pena? Não sabia, ficou sentada apenas observando a mulher baixinha preparar seu banho. Alguns instantes depois, ela era levada em silêncio para a banheira e o olhar de Sandra não encontrava o seu como antes.

— Está me julgando... — disse, chamando a atenção da enfermeira.

— Não, não é o meu papel, senhora.

— Diga, diga o que quer? Tem algo a dizer, não tem?

— Não posso, digo... não devo. Me desculpe.

— Confio em você, Sandra. Como o médico disse, pode ser que tenhamos criado um laço... então, por favor, diga.

Durante alguns segundos, nada foi dito em voz, senão pelo olhar.

— Me desculpe, mas a senhora tem a família perfeita, sabia? E não digo isso porque o homem que saiu do quarto é lindo, ou porque é um dos maiores empresários do país, digo porque, além disso, ele é um ótimo marido e pai. Porque, por cinco anos, vimos todos os dias ele entrar mudo, sair calado e no

dia seguinte estar aqui de volta. — Suspirou enquanto Livia era atingida por aquelas palavras. — O que quero dizer é que não foi o hospital que preparou os quartos para o Natal como deixaram a senhora pensar, foi ele. É uma tradição só dele e da menina, pois, segundo o senhor Dangelo mesmo disse, a senhora amava o Natal. E... e ainda tem a menina, uma que ele cria sozinho, cria mesmo. Não é como um enfeite de prateleira ou só para as redes sociais como esses grã-finos... Olhe, dona Livia, me desculpe, eu sei, ou melhor, não sei pelo que está passando, ninguém sabe, a não ser a senhora, mas... Viu os olhos dele? Aquele homem a ama, daria a vida pela senhora. Talvez se der uma chance ou permitir que ele fique por perto, isso possa ajudá-la a se lembrar ou fazer com que ao menos queira sua família de volta... — Tudo foi dito em um único fôlego, rápido demais até.

Uau... e como aquelas poucas palavras tinha entrado no coração de Livia. Naqueles dias, ela tinha pensado apenas em si, mergulhada na própria confusão, tentando culpar o destino e colocando-se no lugar de coitadinha, uma reles vítima. Queria mesmo esse lugar?

— Ele veio mesmo? Todos os anos? — deixou as palavras saírem.

— Não, senhora, ele veio todos os dias...

Livia engoliu em seco. Confusa e, agora, culpada.

— Sandra, pode apenas me ajudar no banho?

Sandra anuiu e, após um banho mudo, levou Livia de volta para a cama, vestindo-a e deixando-a deitada confortavelmente.

— Eu peço desculpas se fui longe demais...

— Não, eu pedi que dissesse. Obrigada, Sandra, pode ir.

Ela se foi e Livia fechou os olhos. A cabeça pesando pelo esforço feito durante o banho, por tentar se lembrar. Como alguém esquecia algo assim?

Deixou que o cansaço falasse mais alto e o sono a roubou naquela noite, um sono profundo. Quem sabe a ajudasse de alguma forma.



— Sabe, amor, ela está crescendo rápido demais, eu diria. Queria que o tempo fosse mais devagar, estivesse ao nosso lado, que você pudesse estar aqui em cada frase. — Um riso solto se seguiu. — Você tinha razão, minha lótus, nossa menina é perfeita, nossa Cecilia é linda como você, cada pequeno detalhe. É o nosso pacotinho de amor...



O cheiro acético estava de volta e ela sequer abriu os olhos ao acordar, fora um sonho? Fora tão real, estranho, podia ouvir tão bem aquela voz, apesar da sensação horrível de não poder responder, abrir os olhos. Então sentiu um leve susto, seu coração pulsar e um toque suave pousar em sua mão delicadamente, depois em seu rosto. Era algo tão bom e acolhedor que seu peito chegou a inflar. Seria ele?

Lívia abriu os olhos aos poucos e deu de cara com um rostinho rosado, risonho com direito a covinhas e percebeu olhos verde-água encarando-a com esperança e amor, algo tão único. Como um olhar poderia guardar tantos sentimentos? E então vieram as palavras:

Idêntica a você, de mim, ela tem apenas os olhos...

Aqueles olhos... Deus, era ela!

— Oi, mamãe! — a menina falou ao vê-la acordar e Livia a olhou com timidez, sem palavras...

Mamãe... ela tinha mesmo uma filha?

— Eu senti saudades, mamãe. — A menina parecia querer testar aquela palavra. Ao seu lado, descansando na cama, estava um grande embrulho de presente.

E sem esperar, Livia sentiu os braços gordinhos da menina circularem seu pescoço, enquanto o peso batia contra seu corpo, e mesmo não se lembrando de que tinha uma filha, Livia sentiu seu coração pulsar mais forte, querendo sair do peito direto para aquelas mãozinhas.

O que iria fazer?



Dean acordou naquela manhã como fazia em qualquer outro dia, não, era mentira. O homem acordou pior, bem pior, pois não tinha mais toda aquela certeza de que teria sua mulher de volta. Sim, ela estava viva, acordada, mas não era a mesma.

Parou por um instante. Aquilo o faria desistir?

Não, jamais, talvez lhe desse ainda mais motivos para continuar, mas, ainda assim, aquilo esgotava seu psicológico. E ainda tinha Cecília... a menina queria tanto conhecer a mãe. Mas devido à postura da esposa no dia anterior, ele sabia que a menina se decepcionaria e não queria aquilo.

Dean aguentaria qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, mas sua menina não.

Ele a procurou do lado da cama e não a encontrou, então se lembrou de

que ontem Cecília preferiu dormir em seu quarto, talvez pela primeira vez naqueles cinco anos. Achou estranho, mas cada dia a filha ficava mais independente.

Levantou-se, passou a mão na face usando certa força e foi direto para o banho. Após se barbear, voltou ao quarto e vestiu sua roupa, a calça social *slim* preta e a camisa azul escura.

Como Cecília estava de férias, deixaria que dormisse um pouco mais, apesar de querer sua companhia no café da manhã, suas perguntas inteligentes o faziam rir.

Estava tão aturdido em pensamentos que se assustou quando Dora adentrou seu quarto às pressas, esbaforida.

— Que diabos é isso Doralice? — esbravejou, tal cena jamais acontecera e então se preocupou quando notou o rosto suado e avermelhado da empregada.

— A menina Cecília, senhor. Ela não está no quarto, não está em lugar algum do apartamento.

Seu coração de pai saltou, mas preferiu tentar manter a calma.

— Como assim? Como não está em lugar nenhum? Pelo amor de Deus, Dora, ela deve estar brincando como sempre, procure melhor. Não precisa fazer esse escândalo sempre que Cecília resolver brincar de esconde-esconde pela manhã.

Viu a empregada engolir em seco, o medo estampava seu rosto e um arrepio lhe subiu à coluna.

— Eu juro, senhor, ela não está em lugar algum!

Dean se sobressaltou daquela vez e saiu a passos largos do quarto, calçando os sapatos de qualquer jeito enquanto esbravejava, levado pelo

desespero de Doralice.

— Lia, não é hora de brincadeiras. Vamos, venha tomar café!

Ele parecia mesmo esperar que a menina estivesse escondida em algum lugar, mas aquele não era o caso. O silêncio foi sua única resposta.

— Não irei chamar novamente, não estou para brincadeiras, Cecília.

Quase gritou enquanto adentrava o quarto de Cecília e não encontrava nada, apenas travesseiros onde a menina deveria estar deitada.

— Mas que inferno está acontecendo aqui? — Seu coração veio à garganta, a bile lhe azedou a boca pensando em um possível sequestro. — Droga!

Dean voltou correndo ao quarto, seguido de Doralice, que tentava se desculpar, mas ele mal a ouvia. E pegando o celular, fez sua primeira ligação do dia.

— Ezequias, as câmeras, quero as imagens. Rápido. Cecília sumiu... Sim, isso é impossível, sei bem, mas ela sumiu e eu as quero, AGORA! — rugiu inconformado, desligando o celular.

— Onde a pestinha se meteu? Não é possível, ela só tem cinco anos.

Dean voltou a sala e pegou as chaves do carro, a carteira e se pôs em direção à porta.

— Senhor? Aonde vai?

— A polícia.

— Mas...

Dean não deu tempo para que Dora terminasse sua fala, saindo às pressas e indo para a garagem. Entrou no carro e deslizou depressa na direção da rua, deixando marcas de pneus para trás. Já a caminho da delegacia mais próxima,

seu telefone tocou, era Ezequias retornando e esperava que ele lhe desse uma resposta aceitável.

— Oi, onde ela está? — A frase não dava brechas para erros de principiante e o empregado conhecia bem o patrão.

— Senhor, Cecília está com seu irmão. O senhor Nick veio buscá-la bem cedo, às 05:40h. Desculpe, não vi!

Dean ficou em silêncio por um momento, uma desconfiança passando por sua mente. Mas preferiu acreditar que o irmão seria incapaz dessa sandice.

— Onde eles estão?

— No hospital, senhor. Me des...”

Impropérios deixaram seus lábios ao desligar o aparelho. Quando sua família pararia de interferir?

Não, mas daquela vez Nick tinha ido longe demais, que ele fizesse qualquer coisa, mas não colocasse Cecília em suas loucuras. Ele era o pai e saberia o momento certo, sem falar que não dependia mais dele aquele momento e sim de Lívia. Ela não queria ver a criança e ele não queria decepcionar a filha ao forçar aquela aproximação.

Parou em frente ao prédio e entrou, mal vendo as pessoas ao seu redor, tinha um alvo — Nicolas — e não demorou a avistá-lo. Dean apertou o passo e o irmão o olhou assustado, claro, não o esperava ali. Não contava que sentisse falta da menina logo tão cedo.

Débil mental!

— Calma, Dean! — disse Nick quando o irmão se aproximou o bastante e não teve muito tempo.

Dean se deixou levar pela raiva e fez o que jamais fizera, nem quando eram crianças. Segurou o irmão mais novo pela gola da camisa polo,

jogando-o contra a parede e imprensando-o com força. O medo veio aos olhos azuis de Nick, pois nunca tinha visto o irmão daquela forma.

— Eu só irei perguntar uma vez. Onde minha filha está, Nicolas? Dessa vez você foi longe demais, moleque, precisa aprender quando parar e sou eu que vou te ensinar essa lição, seu débil! — rosnou, levantando o punho fechado.

Nick não iria nem ao menos se defender, estava ciente do que fizera e merecia aquilo... mas o soco não veio, apenas o som de uma voz contente que saiu alto além da conta, ultrapassando a porta do quarto entreaberta.

— Oi, mamãe. Senti saudades, mamãe. — E aquelas palavras tiraram todo o seu ar.

Cecília.

Dean largou o irmão, pronto para adentrar o quarto e tirar a filha de lá, mas foi impedido, Nick o segurou pelo braço. Talvez ele tivesse perdido de vez a noção do perigo, só podia ser aquilo.

— Deixe-as, Dean. Pare de tentar resolver tudo, deixe-a tentar...

— Seu infeliz, não sabe o que...

— Oi. Cecília, não é? — Essa era a voz dela, de Lívia.

O som que veio daquela voz o parou mais uma vez. E pensou que ela o odiaria após aquilo, pensaria que ele estava tentando sobrepor sua vontade a dela.

— Sim, e a senhora é a minha mamãe, sabia?

Aquela fala era típica dela e ninguém notou quando, a passos macios, se aproximou da porta, não se mostrando.

— Claro, seu pai me contou.

— Já se lembrou, mamãe? O papai disse que a senhora não se lembrava de nada, nem dele. A pancada na cabeça. Ele que disse, né?

Ouviu-se uma risada, uma verdadeira e ele mesmo se viu rindo daquela fala sem prepotência alguma.

— Eu acho, mas não. Ainda não me lembrei. Você é tão linda, sabia?

Dean arregalou os olhos ao perceber que na voz de Livia não havia recusa, talvez medo, e sentiu Nick se aproximar.

— Eu disse, deixe-a tentar. Ela pode tudo com aqueles olhos pidões.

Seu sangue ainda fervia pela intromissão do irmão, mas algo mais importante acontecia naquele momento e ele queria muito participar, mesmo que fosse como um ouvinte indesejado, e se viu vergonhosamente olhando pela fresta, deixando-se levar...

Ali, naquele quarto estava presente o verdadeiro instinto materno. Afinal, só podia ser aquilo que fazia com que o choro viesse à garganta de Livia daquela forma. Só podia ser... Com esforço, a mulher levantou a mão e tocou o rosto da menina, que ainda vestia um pijama de mangas compridas e uma calça estampada com sinos natalinos. Era tão perfeita aos seus olhos, como Dean mesmo lhe dissera.

— Eu trouxe um presente! Aqui.

— Pode me ajudar a abrir? — pediu, a voz já um tanto embargada e a emoção aumentou ao ver o sorriso da menina se ampliar!

A garotinha se ajeitou ao seu lado, deixando um beijo estalado na bochecha da mãe e abriu o pacote apressadamente, enquanto Livia não conseguia tirar os olhos dela. Era um álbum, Livia percebeu. Um bem grande e a menina a olhou antes de dizer:

— Eu sabia que o Papai Noel ia me dar a senhora, daí a tia Anita me

ajudou a fazer esse álbum de foto grandão. A gente roubou... não, a tia disse que isso é feio, a gente pegou emprestado da vovó, aí a senhora vai poder me ver pequena, ah, e o papai também! Ele é bonito né?

A menina começou a passar cada foto após abrir o álbum e, apesar de serem fotos lindas e espontâneas, a mulher não conseguia mesmo era tirar os olhos da criança ao seu lado.

Como era linda aquela menina, era a única coisa em que conseguia pensar. A pele era clara, com um toque moreno, cabelos escuros e espessos e os olhos... ele tinha razão, a menina puxara apenas os olhos do pai, e sim, era sua cópia. Como poderia? Se ela pudesse montar uma criança para os dois, seria exatamente daquele mesmo jeito e como Deus poderia ser tão perfeito ao lhe dar aquele presente, ou melhor, cruel de brincar daquela forma ao lhe tirar tudo aquilo por tantos anos.

Presente? Falara presente?

E se perguntou de onde saiu aquilo. Sentiu então confusão, medo, culpa... E Dean, onde ele estava? Não sabia dizer, mas o queria, precisava dele, precisava tanto. Pois queria abraçá-lo naquele instante, sentir o mesmo cheiro amadeirado, o conforto de seus braços, os cabelos grossos sobre sua palma... macios e o mesmo beijo acolhedor... Não sabia explicar aquele desejo.

— Mamãe? Está tudo bem? Quer que eu chame o médico? Por que você está chorando?

— Não, desculpe... — Lívia não tinha notado, mas lágrimas rolavam de seus olhos.

— Mas a senhora está chorando.

— Eu, eu... Ah, Cecília... — E cobriu o rosto com as mãos, estava nervosa, no escuro, algo se quebrava.

— Cecília! — A atenção de ambas se virou para o homem alto na porta, a preocupação estampada em seus olhos, pegando as duas de surpresa. — Venha, vamos para casa, Cecília!



Lívia não continha o choro preso em sua garganta e Cecília, pela primeira vez, sentiu medo do pai. Dean a olhava com algo nunca visto por ela antes e sentiu o peso da arte que fizera com a ajuda do tio. Será que Nick também ficaria de castigo? Não sabia, mas era certo que ela ficaria.

— Desculpe, papai... — pediu antecipadamente.

— Vamos. Se despeça de sua... de Lívia e vamos embora. Preciso trabalhar e tenho que falar com ela a sós antes de ir.

— Eu vou ficar de castigo, papai? — A menina perguntou, enquanto Lívia estava perdida na conversa e em sua própria mente também. — Eu não queria fugir, eu ia voltar rapidinho, o senhor não ia nem perceber, só que a mamãe demorou a acordar e eu queria tanto, tanto vê-la... — O bico rosado foi feito e começou a tremer, mas, apesar de Dean sentir pena, daquela vez

não a deixou amolecer seu coração.

— Sabe o que fez, Cecília. Agora se despeça e vamos! Não falarei uma segunda vez.

Lívia assistia a tudo muda, algo era tão familiar e ao mesmo tempo tão estranho e longínquo. Buscou apressada a mão da menina, levando a outra à face clara e enxugando as poucas lágrimas que escorreram. Não sabia de onde todo aquele sentimento saía, mas era palpável.

— Obedeça ao seu pai, meu pacotinho de amor.

E Dean paralisou ao ouvir aquilo, mas não se permitiu ter esperança. Deveria ter dito aquilo ontem ao contar alguns momentos patéticos, na vã ilusão de que a ajudaria a se lembrar, talvez só a tivesse confundido ainda mais.

— Pode voltar mais tarde, Cecília. Seu pai pode trazê-la, o que acha? — A menina olhou para o pai, que estava surpreso, tentando disfarçar o que sentia. — Não é, Dean? — Lívia o olhou com olhos vermelhos de chorar; e Cecília, com olhos pidões.

— Vamos, Cecília Vitória. Veremos isso depois, agora temos mesmo que ir.

Dean se aproximou da maca e pegou a menina apressado, colocando-a no chão e olhando de relance para o álbum. Era uma foto deles, ele e Lívia, que na ocasião estava grávida de seis meses, tão felizes...

— Tchau, mamãe. Ah, e eu te amo, esqueci de dizer. O tio Nick vai brigar comigo, era isso que era para eu dizer...

Lívia soluçou e Dean sentiu vontade de fazer o mesmo quando viu a pequena sair do quarto de cabeça baixa, ressentida e envergonhada, nem mesmo chegou a olhá-lo. Acompanhou-a e fechou a porta, voltando-se para

Lívia, uma mistura de emoções passava por seu corpo. Como faria agora?

— Antes que pense que isso foi algo planejado por mim, não foi. Me dei conta do sumiço dela pela manhã, Nick a buscou em casa, você sabe o quanto ele é irresponsável e ... — Parou de falar quando um soluço forte demais deixou os lábios de Lívia, fazendo seu olhar cair sobre ela. — Meu Deus do céu, você está bem?

Quis se aproximar, mas ela o parou ao levantar a mão.

— Não, eu não estou, eu...

— Vou chamar o médico, espere, pelo amor de Deus.

— Não, Dean, não, por favor, não chame... — Ele estancou no lugar. — Você, me chamava de algo... não chamava? Tinha um apelido carinhoso, coisa de casal, só nossa. Eu, eu, acho que era... Deus, como era mesmo?

— Minha lótus... — disseram em uníssono e ela sorriu enquanto o coração dele tinha parado de bater.

— Isso. Minha lótus e Cecília, Cecília era o nosso pacotinho de amor... Guardado em um forninho...

— Não, em um bercinho de amor líquido. Era como chamávamos sua barriga.

— Isso. E nos amávamos, não era? Não, não, nos amamos, não é? Nos amamos. Somos e fomos felizes, planejamos o casamento, a gravidez, a casa... a casa no lago. Temos uma e fomos, para... Nova York para uma importante comemoração...

— Foi...

— Não, deixe-me dizer, está vindo! O casamento, ah sim. A lua de mel, sim, claro. A neve... o Natal... a volta e... Deus, Dean... o animal... Como ficou o animal?

Ele deveria estar sonhando e, se fosse um sonho, que o deixassem dormir para sempre e nunca mais o acordassem. Lívía, sua Lívía tinha voltado e estava preocupada com o animal!

— Você se lembrou! — Não era uma pergunta.

— Não entendo como pude esquecer. Pelo amor de Deus, venha cá, preciso tanto te sentir. Ah, Dean...

Dean correu para seu lado, puxando-a para um abraço apertado. Tinha sonhado tanto com aquilo, com aquele cheiro, aquele amor...

Deus, obrigado, obrigado! As palavras se repetiam em sua mente.

— Eu te amo tanto, minha lótus.

— Eu amo mais, muito mais. Me desculpe por ontem, desculpe por...

— Pare! Não ouse se desculpar.

— Traga-a de volta, por favor. Traga minha Cecília de volta. Eu tenho tanto para perguntar, tenho tanto para saber e dizer, Dean... — disse, tocando o rosto dele com desespero. Não era o mesmo rosto despreocupado, sem ruga alguma, mas era o seu Dean. Era o homem que a tinha esperado. — Eu te amo tanto... Senti tanta saudade! — O choro mal a deixava falar.

— Lívía... Antes de qualquer coisa, eu queria dizer que eu desisti, foi por poucos dias, mas eu desisti. Me perdoe.

— Do que está falando?

— Seus aparelhos seriam desligados, não havia mais esperança, os médicos disseram que não voltaria, anos se passaram e nada e... seu pai. Bom, ele queria poder te dar paz e eu cedi... Só pedi que esperasse o Natal, me perdoe Lívía.

Ela apenas sorriu.

— Não há o que perdoar... Você não desistiu, só pediu por mais tempo, o tempo certo. De alguma forma, você sabia. Só isso. Eu te amo, Dean Dangelo, e hoje sou a mulher mais feliz desse mundo, acredite! Ganhei novamente a vida e minha família... e ela é linda. Eu avisei que nossa filha viria com seus olhos!

Ambos riram entre lágrimas, enquanto ele tomava sua boca em um beijo acolhedor de reconhecimento.

E nada, nada poderia ser comparado àquele momento, àquele amor. Jamais se ouviria falar em tal milagre, ou talvez, esse milagre se espalharia por todo o mundo, ganharia novos corações, novas perspectivas, novos suspiros...

Como eu costumo dizer:

Ah... o amor...



2 anos depois...

Os dias tinham se passado e com eles vieram os desafios, tratamentos incansáveis e a certeza de que aquele casal tinha encontrado sua própria metade um no outro. Completavam-se, era fato. Não foi fácil, porém jamais impossível. Estavam juntos em uma só causa e, após meses de empenho e muito amor, conseguiram enfim se adaptar a cada mudança.

Lívia não ficou com sequelas que a prejudicasse tanto, senão a perna esquerda que não estava com todos os movimentos ainda e sua memória voltou como a luz do sol. Continuava fazendo fisioterapia, estava voltando

aos poucos ao trabalho e se dedicava a Cecília com afinco, tentando suprir os anos perdidos e agora até mesmo esquecidos. Já para a menina, não tinha ninguém no mundo melhor que a mãe... ou o pai.

Ah... falando em pai, tínhamos Dean... bom, deixamos que ele mesmo dissesse como se sentia.

“— É difícil... não sei explicar ao certo. Foi um milagre, é isso. A emoção passou a tomar conta de mim todos os dias, sem exceções. Cada novo movimento era uma vitória diferente, uma batida a mais em meu coração. E bom, passei a ter mais luz em minha vida, voltei a ver meu caminho com clareza. Além de tudo isso, entendi que Livia voltou para unir ainda mais nossa família! Foi difícil no início, principalmente quando descobriu a rejeição do pai quanto a Cecília, isso a magoou, a feriu até. Minha lótus se fechou para eles, como ambos se fecharam para nós. Mas o coração dela era grande demais para levar aquilo adiante, bastou um pedido de desculpas sinceras, lágrimas e ela já estava se debruçando em perdão. Acho até mesmo que é por isso a amo tanto assim, é por ser um ser único e de coração gigantesco. Quanto a mim... não, não vou esquecer de como tentaram me fazer desistir, mas, por Livia e agora por Cecília, que começou a ver os avós maternos de outra forma, tento ter uma boa convivência. Fiquei feliz que Antônio tenha reconhecido seu erro, mas não tenho um coração como o de Livia... ainda não esqueci completamente! Enfim... amo minha mulher, amo minha filha. Posso não ter a família perfeita aos olhos do mundo, mas tenho a família que Deus me deu, os dois seres mais perfeitos do mundo e que estarão para sempre ao meu lado.”

Relatou ele em uma das consultas com a psicóloga de Livia. Talvez não admitisse, mas também tinha um grande e lindo coração. Naquele momento, por exemplo, estava preparando uma surpresa para sua esposa e Cecília, esperava que elas gostassem, afinal tinha prometido ter uma família grande

como ela queria e, após um parto difícil, Livia não poderia mais engravidar. A notícia não foi recebida com alegria por ela, mas se conformou apenas em ter sua vida de volta. O respirar já era uma dádiva, acreditem.

Dean sentia o carro correr pela estrada enquanto Livia estava no banco da frente ao seu lado e Cecília no banco de trás. Ambas cantavam a canção Aleluia, com direito a combinação de segunda voz e tudo mais. Quando enfim a canção cessou, os três riram e Dean decidiu provocar a esposa:

— Como cantora você é uma ótima médica, amor!

— Não fale assim, papai. Somos ótimas, não é, mamãe?

Dean riu, sentindo-se satisfeito ao estar próximo ao seu destino com a família e o melhor, era véspera de Natal.

— Mas queremos mesmo saber aonde vamos e para quem são esses presentes, pai.

— Não seja curiosa, Lia. Já já saberá, minha luz!

Livia arqueou a sobrancelha, olhando-o de lado. Quando desceram a última alameda e deram de frente com um portão alto de madeira, que circulava aparentemente uma grande propriedade, Livia olhou o marido meio enviesado.

— O que está aprontando, Dean Dangelo?

Ele nada respondeu, deixou apenas um sorriso enigmático escapar, deixando-a curiosa, não só ela como também a pequena, já não mais tão pequena assim. O portão foi aberto e Dean seguiu pela estrada ladeada, dando de frente com o que parecia ser uma mansão velha, abandonada. Mas não estava, percebeu Livia ao vislumbrar melhor o local, pois tinha pessoas por ali.

— Dean... — sussurrou buscando a mão dele.

— Acalme-se, amor... — respondeu, mas aparentemente aquilo não era possível.

Estava muda, sem ação. Ao descerem do carro, foram recepcionados por uma senhora aparentemente não tão amigável, mas muito educada e foram conduzidos pelo lugar enquanto Lívia olhava cada detalhe.

— Ele mudou de quarto, senhor Dangelo — disse ela. — A chuva derrubou parte do telhado lá de trás. Mas fique tranquilo, sua doação veio em um momento ótimo!

Lívia o olhou e a adoração pelo marido era visível. Os três iam de mãos dadas, sem pressa, e Cecília tinha nos olhos um brilho curioso.

— Aqui, fiquem à vontade. Eu os deixarei sozinhos.

E dizendo aquilo a mulher de média estatura abriu a porta, saindo em seguida. Era um quarto pequeno, nele tinha dois berços no meio e algo se movia dentro de um deles. Lívia tentou ver, mas os olhos começaram a embaçar de lágrimas, e Dean apertou mais forte sua mão, conduzindo-a ao berço já gasto pelo tempo.

Em meio aos lençóis improvisados, tinha um pequeno bebê deitado. Não poderia ter mais do que quatro meses, tão pequenino. Era gordinho, cheio de dobras, a pele negra reluzia diante da luz do quarto e os cabelos encaracolados eram escuros e alguns já haviam caído dando espaço para outros. Os olhinhos eram negros como a noite, lembravam os olhos de Lívia, mas não tinham brilho. Ela estranhou.

— Esse é Guilherme, Lívia... — começou Dean sem jeito, com medo de ter atropelado os bois. — Estava assistindo ao noticiário, amor, quando uma notícia me chamou a atenção, era a história de um bebê deixado no lixo pela mãe, assim que deu à luz. Não se sabe se a cegueira é de nascença ou se foi devido à exposição a algum produto químico por conta da lixeira, mas ele

está para adoção.

Lívia soluçou vendo Cecília agarrada ao berço, dando o dedo para o bebê segurar, expressando baixinho:

— Ele tem força.

E quando Dean voltou a falar, estava emocionado.

— Guardei o segredo porque primeiro quis saber mais... Descobri que o bebê vinha para cá e fiz uma visita ao local. Enfim, lembro em especial de que em nossa lua de mel, você disse o quando queria uma família imensa, Lívia. E te daria a lua caso me pedisse, sendo assim, quero muito que pense com carinho em adotarmos Guilherme.

Ela continuava muda, de costas para ele e Dean a virou e segurou seu rosto molhado entre as mãos. Ela mal conseguia falar.

— Não sei se posso... não sei se consigo. Tenho limitações, Dean...

— Nós podemos tudo, Lívia! O que acha, luz?

— Eu posso brincar com ele? Posso? E... eu posso guiá-lo, não posso, pai? Isso! Vou ser os olhos dele. Ah, se bem que... ele vai voltar a enxergar, tenho certeza. — A menina abriu um sorriso largo e aquilo os encheu de orgulho!

Lívia beijou brevemente os lábios de Dean e se aproximou mais do berço, olhando cada detalhe do bebê e pegando-o em seus braços.

— Oi, Gui... bem-vindo ao mundo, meu filho!

Ali estava o momento perfeito, o casal perfeito, com filhos perfeitos. Não, me desculpem, caros leitores. Isso não existe, a perfeição é chata e monótona e por isso deixe-me corrigir. E ali estava um momento de superação, um casal que lutava, dia após dia, para vencer cada desafio e obstáculo e aquelas crianças seriam amadas, adoradas!

Agora sim... sabe, descobri que a perfeição não existe. O que é suficiente para você e até mesmo parece perfeito pode não ser aos olhos do outro. Não a busque, busque, sim, fazer o melhor que puder. Pode ser que descubra que o perfeito está muito abaixo do que é capaz. Seja maior, seja grande, seja o sol e viva feliz.



Eu sei, deveria ser primeiro a você, leitor. Sei bem disso e já chegarei a esse momento, mas antes deixe-me apenas agradecer mais uma vez a Deus, que foi o meu refúgio e fortaleza em momentos difíceis, a minha família que me sustentou e enxugou cada pequena lágrima que fosse. Nada eu seria sem vocês. São meu mundo e sou muito, muito mais feliz por tê-los. Obrigada minha mãe, sem ti nada sou. Na verdade, obrigada minhas mães, pois minha avó é também minha mãe e meu tão amado avô pai. Vocês foram e é são meus alicerces. Ah, e claro, vocês também, Mica e Nena. Amo todos

vocês.

Passei por percalços, e quem não passa, certo? Mas aqui estou e isso só é possível por todo amor e carinho que recebi de cada um de vocês. Agradeço a você, leitor, que não desistiu de mim, ou melhor, que não me deixou desistir, foi paciente, atencioso e amoroso. Amo vocês, amo mesmo e espero ter entrado em seu coração mais uma vez!

Agradeço às minhas vingadoras perfeitas, vocês foram imprescindíveis, às amigas-autoras que me entenderam quando ninguém mais entendia, que disseram: você consegue. Em especial a você, Wânia, e a Jack, que meu Deus! Elas chutaram minha bunda e fizeram possível esse lançamento. Agradeço à Bienal e às minhas amadas colegas de quarto, vocês tiraram meu foco de sentimentos vãos e transformaram aqueles poucos dias. E Sther, amei te conhecer pessoalmente, minha ranzinza favorita!

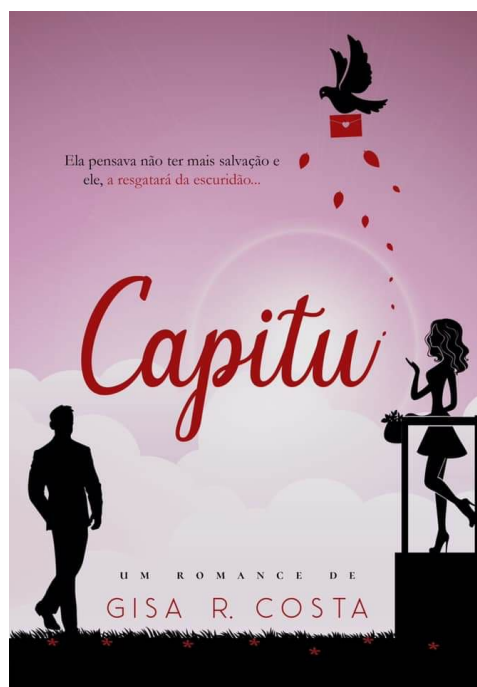
À minha amada Chris Prado... amo você, garota, foi uma amiga para todas as horas. Pera, não creio que ainda não citei minha Lucy Gostosa Foster... mas jamais te esqueceria, te amo gostosa, você foi nota 1.000, uma parceira sem limites.

E Jane, a você também vai um agradecimento especial por dizer: estamos aqui para o que precisar, conte comigo.

Ao meu grupo de leitoras que foram incisivas ao dizer: te amamos, leve o tempo necessário e só volte para nós. Era apenas disso que eu realmente mais precisava. Obrigada.

E obrigada a você que está chegando agora e conhecendo a Gisa pela primeira vez! Esta sou eu, uma apaixonada pela escrita e encantada com novos mundos. Obrigada por sua leitura.

Acho que é isso. Serei eternamente grata e até a próxima!



Link: <https://amzn.to/2QfoANg>

Sinopse

ROMANCE PARA MAIORES DE 18 ANOS. PODE CONTER GATILHOS, LEMBRANDO QUE ESTE NÃO É O INTUITO DO LIVRO!

Uma mente confusa, no corpo de uma jovem mulher de feições gentis e sorriso doce, que esconde em seu íntimo uma dor profunda. Romântica, Capitu procura um amor igual ao das páginas dos romances que devora, mas falha em sua busca.

Abandonada em um momento difícil e infeliz, ela não vê mais solução para sua vida e toma uma atitude drástica que mudará seu destino para sempre.

Tiberius é um homem de várias facetas, um leitor de romances inveterado, que tem a vida bem arquitetada e minuciosamente planejada. Médico dedicado, vai precisar pôr todo o seu conhecimento à prova para ajudar Capitu, a mulher que serpenteava seus sonhos, morava em seus pensamentos.

Dois caminhos diferentes, que se cruzam por acaso. Duas almas quebradas, mas que juntas encontram um no outro a sua redenção...

Introdução

Essa foi uma história criada para ajudar a iniciativa setembro amarelo, com a intenção de lembrar você, leitor, que este não é um tema para ser refletido apenas em setembro, e sim em todos os dias do ano. Também foi escrita com o intuito de auxiliar, nem que seja um pouquinho, milhares de pessoas e famílias que sofrem com a dor de doenças silenciosas, autodestrutivas e as perdas incomensuráveis que o suicídio nos traz.

Essa triste realidade vem arrebatando mais de 11 mil pessoas por ano, seja pelo desejo de fugir deste mundo em decadência, seja por desilusões, ou doenças emocionais e psíquicas. Tudo isso pode levar o indivíduo a tentar

ceifar a própria vida, na ilusão de acabar com todo o sofrimento que se torna mais insuportável a cada novo dia, a cada novo alvorecer.

Pensando nisso, desenvolvi uma ideia que foi crescendo mais e mais, tomando conta de mim, por isso, decidi fazer um romance em alusão ao setembro amarelo para que possamos trazê-lo para o nosso cotidiano e enxergar a dor do ser humano ao nosso lado.

Esta história é sobre uma mulher que se vê presa em uma redoma de sentimentos, traição, abandono e que se descobre refém do Transtorno de Personalidade Limítrofe, também conhecido como Síndrome de Borderline. É a partir daí que vamos acompanhar todo o sofrimento, a confusão e o desespero da nossa personagem.

Teremos aqui cenas fortes que podem causar desconfortos, mas deixamos claro que este não é o intuito do livro. O principal objetivo é mostrar que sempre temos de lutar por uma saída, buscar a luz, a fé e a esperança de dias melhores, de um mundo melhor, portanto, aconselho que abra seu coração e se livre de dogmas para que possa entender a complexidade do que será relatado aqui e que tenha, acima de tudo, empatia com a personagem, pois, se seu coração não estiver aberto a entender, compreender e ajudar, aconselho que não leia este livro.

Enfim, espero que acompanhem a história e seu desenrolar, assim como torço para que gostem, pois, aqui, iremos desenvolver uma história de superação, recomeço e claro, um lindo e único romance...

Prólogo

Abandono... para alguns pode não fazer um estrago tão monumental, mas, para outros, pode criar um buraco negro no coração do indivíduo, levando-o a

uma vida de inseguranças, medos e aflições...

— Mamãe! — A menina franzina chamou a atenção da mulher de pele clara e olhos tão verdes quanto os seus, enquanto a matriarca fingiu não ouvir e pegou algumas peças no guarda-roupa, enfiando-as na mala sobre a cama. — Mamãe, aonde vamos?

Não, a menina não sabia, mas não iria a lugar algum, nem naquele dia ou em outro próximo. Darla continuou o que estava fazendo, ignorando a garotinha de olhos grandes, que a assistia ainda próximo à porta do quarto do casal, segurando um urso velho preto em suas mãos.

Capitu se aproximou da cama, vendo a mãe colocar roupas dentro de uma mala vermelha apressadamente, mal notando a criança de sete anos ao seu lado.

— Não mexa em nada, garota! — ralhou, ao ver a menina alisar uma peça de cetim dentro da mala.

— É pra eu arrumar as minhas coisas, mamãe? Vamos viajar? — A voz infantil se fez ouvir mais uma vez, porém com certa hesitação.

— Não, Capitu, não é pra arrumar nada!

— Mas a senhora...

Darla perdeu a paciência com a filha e segurou o pequeno braço de Capitu, aproximando seu rosto da face da criança. O grande hematoma no olho esquerdo da mulher ficou evidente, e a menina notou o machucado, arregalando ainda mais os olhos no rosto magro.

— Pare de falar, só pare, tá legal? — disse, com a voz alterada, e sentiu os dedos leves da filha percorrerem sua face direita, que permanecia intacta.

— Ele fez de novo, mamãe?

A voz doce, chorosa pelo que a mãe vinha sofrendo, chegou aos ouvidos de Darla, mas não a comoveu.

— Vá brincar, Capitu — disse, ríspida, largando o braço da menina.

Capitu não entendia bem, mas sabia o que seu pai fazia com sua mãe quando achava que ela estava dormindo. Chegou a presenciar algumas vezes tal ato abominável, que a fazia se encolher em um canto e chorar por causa de todas aquelas atrocidades. Ela amava aquela mulher, mesmo sendo uma mãe omissa, sem carinho ou amor pela pequena criatura de olhos esmeralda.

De alguma forma deturpada, Darla culpava a filha por estar naquela situação, presa àquele casamento, afinal, foi por conta da gravidez que se casara com Adriano, pai de Capitu. Uma pena, a menina nada mais era do que uma vítima de toda aquela situação, de toda violência e descaso humano.

Obedecendo, a menina saiu do quarto e foi ligar a TV. Sentou-se no sofá, vestindo apenas um baby-doll dos Bananas de Pijamas, desenho que ela amava, e se entreteve com o Pica-Pau. Pouco tempo depois, viu a mãe sair do quarto com pressa em seu andar e ficou apreensiva.

Darla não esperava que Capitu acordasse cedo naquele dia, por isso, acreditava que sairia sem ser vista por ninguém. Para sua infelicidade, isso não aconteceu, e agora se encontrava em apuros. Aproximou-se da menina, agachou-se à sua frente, segurando o rosto da criança.

— Preste atenção no que direi, Capitu — disse, vendo os olhos da menina se encherem de lágrimas, de alguma forma, já prevendo o que viria. Algo estava muito errado naquela manhã. — Estou saindo, e quando seu pai chegar e perguntar por mim, diga que não sabe, que eu já tinha ido quando acordou.

— Mas... a senhora não vai me levar?

Darla negou, sentindo, por um breve momento, remorso em seu duro

coração, e a menina insistiu:

— Mamãe, quem vai cuidar de mim?

— Preste atenção, garota, e não faça drama. Você já é grande o suficiente para entender. Quando Adriano perguntar por mim, você dirá que, quando acordou, eu já não estava em casa e que não sabe pra onde fui.

— Vai me deixar aqui com ele? — Àquela altura, as lágrimas já começavam a descer em abundância pelo rosto infantil. — Não me deixe aqui, mamãe, por favor, não me deixe aqui com ele. Eu prometo me comportar, mamãe, por favor me leve.

Mas as súplicas de nada adiantaram, e Darla se levantou sem se despedir, sem um beijo ou uma palavra de afeto para a filha. Sem doar nada para aquele pequeno ser que ela mesma havia gerado e, por duas vezes, tentado abortar durante os longos meses de gestação. A menina viu com terror a mãe pegar a mala e ir em direção à porta. O desespero a tomou e ela se levantou do sofá, jogando o urso ao chão e atirando-se aos pés de sua mãe. Ela abraçou as pernas da mulher, tentando impedi-la de ir adiante.

— Por favor, mamãe, por favor me leve. Eu não quero ficar com ele, por favor, mamãe. O papai não gosta de mim, me leve, mamãe, me leve! — disse, entre soluços desesperados, de dar pena em qualquer ser humano com um pingo de amor possível no coração.

Darla soltou a bolsa e se agachou, arrancando a garota grudada em suas pernas com brutalidade e deixando-a sentada no chão.

— Me solte, Capitu! Droga. Você foi a pior coisa que me aconteceu, a culpa disso tudo é sua, só sua, garota! Não a quero comigo, não quero nada que me lembre dessa vida.

Dizendo isso, a mulher saiu pela porta com rapidez, enquanto ouvia os

gritos desesperados chamando-a, e mãos pequenas batendo na madeira, tentando inutilmente abrir a porta. O choro infantil ecoava por todos os lugares enquanto uma grossa chuva começava a cair, mas Darla não parou, apenas seguiu seu caminho sem olhar para trás.

Incrivelmente, se sentia feliz por, enfim, se livrar de pai e filha...

Capítulo 1

Emoções... Qual sentir primeiro? Qual deixar aflorar? Qual controlar? Talvez o indivíduo em questão não consiga diferir uma da outra. Nesse caso, tal ser humano tende a deixar todas as emoções virem à tona, sendo levado a um poço sem fundo, escuro e sem saída...

Assim foi para Capitu. Não a Capitu do nosso querido Bentinho, não essa. Mas a nossa Capitu esperta e amável que, até então, se considerava uma pessoa comum, invisível aos olhos dos outros. Se bem que, de certa forma, ela era. Neste mundo decadente em que vivemos, todos acabam sendo invisíveis de alguma forma, em algum momento, certo?

Em tempos de crise, essa invisibilidade era de grande valia, mas, em outros momentos, isso era o inferno na Terra, em vida. Ah, se ela soubesse o que a esperava... Ah, se ela soubesse o quanto sofreria. Talvez não tivesse entregado seu coração, seu amor e sua alma, pois guardem o que irei lhes dizer: pessoas vazias não merecem seu coração, porque elas mesmas não possuem um.

Pessoas sem alma não merecem ser amadas, não merecem paixão, afinal, não retribuirão e como poderiam? Eles não sabem o que é amar e,

consequentemente, acabam magoando e contaminando quem se propõe a lhes dar afeto e carinho. Não há redenção para quem não sabe o que é esse sentimento único, raro, arrebatador. Não há salvação para quem não quer amar e nunca haverá, pois precisariam de um coração para tal façanha...

Capitu se encontrava na sala, abraçando seu corpo magro, em meio a pensamentos distintos. Perguntava-se onde Lucas, seu noivo, estaria às 3h da madrugada. A preocupação tomava conta dela por causa da falta de contato. Aquela angústia já conhecida, uma inquietação sem tamanho, uma solidão descabida martelando em seu peito.

Tudo para Capitu girava em torno de sensações. Às vezes, chegava a se perguntar o porquê de todos os seus sentimentos serem vividos com tanta violência, com tanta intensidade. E sempre abandonava aquele pensamento, tentando se convencer de que era apenas um daqueles seres humanos intensos, plenos. Mas, no fundo, sabia que havia algo errado consigo.

Naquele momento, ela ouviu, no pequeno apartamento onde o casal morava, a chave rodar na fechadura. Um homem de estatura média, corpo esguio, cabelos e olhos escuros, vestindo um paletó amassado, entrou no apartamento com passos desordenados, completamente desalinhado. A mulher, ao vê-lo, correu e se jogou em seus braços, sentindo o alívio tomar seu corpo desde o mindinho do pé até as pontas do cabelo. Ele estava ali, Lucas tinha voltado para casa são e salvo e aquilo lhe bastava.

Mas, logo que essa constatação veio, Capitu sentiu um cheiro diferente invadir suas narinas, um odor adocicado. Um cheiro que não era o perfume extremamente masculino do homem à sua frente. Capitu se afastou dele, já sentindo a raiva invadir seu corpo centímetro por centímetro, camada por camada, pois era assim que se sentia, feita de camadas.

Os pensamentos se tornavam nublados, os nervos saltavam conforme seus neurônios começavam a trabalhar, formando conjecturas e imagens perturbadoras, o ciúme controlando-a. Aquilo não era justo, não podia estar acontecendo, não com Capitu.

— Onde estava, Lucas? — indagou, mas o noivo não parecia interessado no que a mulher tinha a falar.

Ele a deixou onde estava, próximo à porta, e caminhou lentamente, dando passadas tortas pelo meio da sala, em direção ao quarto.

— Estava em uma happy hour, Cá. Amanhã conversamos melhor, vá dormir e me deixe dormir também. — Mesmo com a voz arrastada, era possível perceber a sua determinação em fugir de qualquer conversa.

Ela, porém, não estranhou a falta de atenção de Lucas, mesmo após chegar bêbado e tarde da noite em casa, nem o perfume adocicado, que já tinha sentido em suas roupas outras vezes. A parte esquisita foi o homem se dirigir ao quarto de hóspedes para dormir e não ao quarto do casal, como era esperado. Antes que ela pudesse tomar satisfação com o noivo, ele fechou a porta do quarto, deixando-a parada no mesmo lugar, sem saber o que fazer, pensar ou mesmo sentir.

A pobre mulher sentiu um turbilhão dentro de si que não conseguiu explicar. Era sempre assim, uma confusão, um emaranhado de sensações e emoções desconhecidas, inexplicáveis. Levou as mãos à cabeça, a fim de controlar os pensamentos que a perturbavam, como se o ato pudesse ajudá-la a colocá-los no lugar. Naquele dia em especial, ela acordou bem, como não acontecia tinha muito tempo. Havia se levantado de bom humor, bem-disposta, alegre, satisfeita e agora se sentia nublada, na mais repleta escuridão.

Ela não queria chorar, mas seu esforço foi em vão. As lágrimas banhavam

seu rosto com tamanha abundância que a surpreenderam, querendo expor o desespero que crescia sem controle em seu interior. Se fosse honesta consigo mesma, Capitu já teria admitido o que estava acontecendo, teria aceitado que não era normal um homem chegar tarde da noite, quase todos os dias da semana, fedendo a álcool e mulher. E diria também que aquele homem já não lhe pertencia. O problema é que ela não tinha coragem, e o medo de um possível abandono desabou em cheio sobre sua cabeça, já cheia de pensamentos errôneos.

Abandono. Palavra que lhe trazia calafrios e lembranças nada boas, além de sentimentos pouco ortodoxos.

Abandono. Palavra que a arremessava ainda mais na escuridão, no passado.

Naquele momento ela só queria dormir, se esquecer de tudo, se esconder da realidade que a assolava, mas sabia que não conseguiria. Deste modo, recorreu mais uma vez aos remédios para que conseguisse relaxar e descansar. Remédios que, em momento algum, foram receitados por um médico, e como poderiam? A mulher simplesmente tinha trauma de médicos e hospitais. Um trauma que estava ligado às lembranças de quando o pai alcoólatra chegava à casa deles e, ainda vestindo a roupa branca, lhe batia. E lembrar-se daquilo era difícil para Capitu, ainda mais naquele momento em especial.

Sem mais opções e com os nervos à flor da pele, Capitu se trancou em seu quarto, não demorando dez minutos sequer para apagar de vez, ainda em meio ao choro. Ela queria ser uma daquelas mulheres fortes, que iam tirar satisfações e acabavam colocando tudo em pratos limpos, mas não era, não mesmo...

No dia seguinte, ao se levantar, Lucas bateu na porta do quarto do casal e nem ao menos foi ouvido. Não pensem que o interesse dele era conversar com a, até então, noiva. Longe disso. Ele só queria pegar seu terno, mas ficava difícil com a porta do quarto trancada e Capitu apagada. Pensou por um momento e se lembrou de que ela sempre guardava as roupas que julgava velhas no quarto que ele havia dormido. Assim, depois que tomou banho, foi até o cômodo e achou uma roupa que lhe serviria.

Em seguida, Lucas saiu do apartamento mordendo uma maçã, enquanto se deliciava com os pensamentos da aventura da noite anterior, acompanhado de uma colega de trabalho. O tolo chegou a sorrir sozinho, descendo as escadas do prédio, sorrateiro, sem se abalar, sem remorsos.

Enquanto isso, no apartamento silencioso, Capitu levantou-se de um salto e correu para o quarto de hóspedes em busca do seu futuro marido, mas nada encontrou, senão a cama bagunçada, com a toalha molhada em cima do colchão e roupas espalhadas pelo quarto. Ah, como ela se odiou naquele momento! Poderia ter diminuído a dose do remédio para, assim, conseguir acordar mais cedo do que Lucas e, então, conversar com ele.

Recriminando-se, ela foi até as roupas jogadas no canto do quarto e pegou o paletó. Era muita loucura e humilhação, mas não se segurou e levou a roupa ao nariz, cheirando-a. Sentiu náuseas de imediato, nojo e uma raiva cega misturando-se dentro de si devido ao ciúme.

Voltou ao seu quarto, sentindo o peito apertado e tomou banho, o tempo todo com os pensamentos em Lucas. Iria conversar com ele, perguntar o que estava acontecendo, dar uma chance de ele se redimir para voltarem a ser como antes. Sim, estava decidido o que faria, e tudo daria certo, eles ficariam bem. Tentou se convencer desse pensamento e acalmar seu coração e sua mente, como se fosse possível.

Preparou-se, então, como sempre, para fazer seu ritual matinal. Nunca foi de sair muito de casa, mas gostava de tomar um bom café na Fumaça na Xícara, a cafeteria em frente ao parque, que pertencia à sua prima, a quem considerava uma irmã. Gostava de saborear seu café, enquanto lia um de seus inúmeros romances de época e olhava as pessoas passearem de lá para cá nas calçadas. Umas andando apressadas para o trabalho, outras fazendo uma caminhada e até mesmo as mães dando um banho de sol em seus pequeninos. Embora, naquele momento, se sentisse um caco de pessoa, ela iria mesmo assim, pois aquilo a acalmava de alguma forma.

Já havia chamado Lucas inúmeras vezes para acompanhá-la, talvez para uma caminhada a dois pela manhã, mas ele sempre dizia a mesma coisa: que não tinha paciência para aquele tipo de passatempo, que era perda de tempo. Aquilo a machucava, mas, com o tempo, aprendeu a não tocar mais no assunto e, assim, evitar mágoas por causa da falta de interesse do noivo.

Por um pequeno momento em que nem soube o porquê, se lembrou da sua visita à psicóloga. Procurara a profissional quando estava sofrendo com insônia e andava ansiosa demais, por isso, achou que conversar sobre seus anseios e pensamentos mais secretos a acalmaria. Assim o fez em uma manhã de sábado chuvoso. Chegando ao consultório, a psicóloga em questão fez algumas perguntas, observando-a por tempo demais e anotando tudo o que era dito.

Aquilo começou a incomodá-la e, no fim do encontro, a psicóloga cismou em encaminhá-la para uma consulta com um psiquiatra, o que Capitu recusou de imediato, alegando não ser louca, pois mantinha a crença de que psiquiatra era médico de maluco. Ilusão, disso todos sabemos. Tudo só resultou em uma ira mal contida e 250 reais jogados no lixo, segundo a própria Capitu. Foi aí que decidiu se automedicar e conseguiu dormir como uma pedra, livrando-se de alguns demônios durante a noite.

Após um bom banho, Capitu saiu do banheiro e procurou uma roupa confortável para vestir. Decidiu-se por uma calça de montaria preta, com uma camiseta rosa de mangas curtas e sapatilhas. Passou apenas seu creme hidratante favorito de macadâmia, pegou o livro no criado mudo, a bolsa e saiu de casa rumo ao café. Era apenas uma pequena caminhada de dez minutos, nada de mais.

Antes mesmo de chegar, já notou que o lugar estava lotado e avistou Carolina, sua prima, na porta da frente do local. Carol sorriu como sempre fazia e notou as olheiras profundas no rosto da pequena mulher quando ela se aproximou o suficiente. E Capitu viu o sorriso da prima morrer aos poucos, dando lugar à preocupação costumeira.

— Cá! Estou guardando um lugar para ti, criatura. Hoje você demorou, estou reservando a única mesa vazia até o momento — falou, abraçando-a apertado.

Carolina parecia uma modelo de capa de revista. Alta, magra, de pele perfeitamente bronzeada e, ainda por cima, loira. Capitu sempre se perguntou por que a genética não foi tão boa com ela quanto foi com a prima, já que se achava comum, sem sal, como já dizia sua tia. Ao contrário da prima, a pequena mulher tinha a pele bem alva, cabelos castanho-claros abaixo dos ombros e tinha sofrido bastante com o sobrepeso quando jovem, ainda mais por ser baixinha.

— Me desculpe, Carolzita, é que dormi demais.

— Se dormiu tanto, por que essas olheiras aí, hein? O que o traste do Lucas aprontou desta vez?

Capitu rolou os olhos, em uma expressão de desdém diante do comentário da prima, sem querer compartilhar todas as suas desconfianças e aflições.

— Só perdi o sono e, por isso, dormi demais essa manhã. Cadê minha

mesa?

— É a mesma de sempre, pode ir que já peço pra Jane levar seu pedido.

Capitu ia seguindo em direção à mesa, quando se lembrou de algo e parou.

— Hoje vou mudar. Quero um bom chocolate quente, Carol. Está um pouco frio.

Ela viu Carolina lhe sorrir e voltou a caminhar em direção à mesa. O local era delicioso, aberto, com uma estrutura predominantemente de madeira e bem arejado. A decoração era feminina, com mesinhas de madeira branca dispostas no deck, à frente do local. O sonho de Carolina realizado, pensou Capitu.

Logo que se sentou à mesa, abriu o livro que trouxera na bolsa, que naquele dia se tratava de *Ligeiramente Perigosos*, de Mary Balogh. Era apaixonada por aquele romance da série em especial, que contava a história de um duque orgulhoso e uma viúva convicta e já era a terceira vez que o lia.

Naquela manhã, no entanto, nem mesmo o duque de Bewcastle estava conseguindo capitar a atenção de Capitu. Na verdade, achava que nem mesmo Mr. Darcy seria capaz de tal proeza. Seus pensamentos e receios eram todos de Lucas.

— Com licença!

Capitu se assustou com a voz grossa atrás de si e, quando se virou, o susto apenas cresceu.

— Eu cheguei há pouco — o homem continuou. — Não tem mesa vazia no local como pode ver e gostaria de dividir essa com você, se me permitir.

Por um momento, Capitu duvidou daquilo e deu uma rápida olhada no local, dando-se conta de que o estranho dizia a verdade. Só lhe faltava essa...

O homem, que permanecia em pé, tinha um sorriso de lado singelo no rosto, que o deixava bonito, e parecia... nervoso. Um porte alto, um pouco mais forte que Lucas e muito bonito. Ela se deu conta de que já tinha tempo demais que encarava o homem e, sem demora, direcionou sua atenção de volta ao livro, fazendo-se ouvir.

— Claro, fique à vontade.

Pensou em se levantar e sair dali, tomar seu café lá dentro, no balcão, mas o estranho foi tão educado, não é mesmo? Então, por que não?

Não o olhou de volta depois daquele momento e se forçou a ler. Ela adorava a passagem em questão, era o momento em que o duque, tão desajeitado e cheio de si, tentava demonstrar seus anseios e sentimentos para a viúva de bom coração, porém Capitu não conseguia prestar atenção no livro, ainda mais quando se sentia observada daquela forma. Ela, então, desistiu de continuar sua leitura por ora e fitou o estranho, que estava bem despreocupado à sua frente, sentado com uma perna sobre o joelho e os braços cruzados em frente ao peito.

Se fosse sincera, confessaria que chamá-lo de bonito tinha sido um eufemismo, pois, na verdade, ele era lindo. O homem era alto, de corpo forte, imponente. Um rosto quadrado que lhe conferia um ar de virilidade e masculinidade, os cabelos eram escuros e um pouco compridos. Não saberia dizer o tamanho, pois os fios permaneciam presos em um coque no alto da cabeça. Tinha uma barba ligeiramente comprida, seguindo a moda atual, porém bem aparada, certinha e um olhar penetrante, cativante. Se fosse sincera, diria que aqueles lábios eram desejáveis.

Ela capturou o exato momento em que o homem à sua frente lhe sorriu, mostrando um sorriso sexy e envolvente. Em seguida, ele lhe estendeu a mão, que Capitu logo aceitou, e tratou de se apresentar.

— Me chamo Tiberius e você?

Ela sentiu o forte aperto de mão, notando também seu arquear de sobrancelha.

— Capitu — falou e observou com curiosidade o sorriso dele se ampliar, sem soltar sua mão.

— Lindo nome.

Ela se viu rindo do elogio, retirando, enfim, sua mão da dele.

Logo Jane trouxe o pedido de Capitu e junto também veio o de Tiberius, um café preto e um croissant. O homem agradeceu e a chamou pelo nome, levando Capitu a entender que ele conhecia a atendente.

— Vem aqui sempre? — Ela não conseguiu segurar a curiosidade ao indagar.

— Quase todas manhãs — respondeu ele, de pronto.

Ela achou um pouco estranho. Nunca tinha prestado muita atenção nas outras pessoas, porém um homem daquela estatura não passaria despercebido — ao menos achava que não.

— Não irei lhe fazer a mesma pergunta, pois sei que vem sempre aqui, acompanhada de um bom livro — ele disse, com certa descontração.

Aquilo a deixou realmente surpresa. Seria ele um daqueles maníacos?

— Não se preocupe, não sou nenhum maníaco. Sou apenas observador e não pude deixar de notar uma moça tão bonita.

Ela arregalou os grandes olhos verdes, perguntando-se, por um momento, se havia externado seus pensamentos em voz alta, já que tinha essa mania bastante irritante.

Cada palavra que saía dos lábios do homem a deixava ainda mais

desconfortável. Como nunca havia notado aquele estranho? Como nunca pressentiu que era observada? Sim, pois ele devia observá-la, já que sabia tanto. Aquilo tudo a intrigava, inclusive o fato dos lábios dela parecerem colados um no outro.

Tiberius notou tal desconforto e se arrependeu de suas palavras. Ao que parecia, aquilo não soou muito bem, e quem poderia culpá-lo? Apesar de ser um homem de boa aparência, nunca foi hábil com as palavras quando precisava. Então se sentiu obrigado a mudar o rumo da conversa.

— Ligeiramente Perigosos? — perguntou, olhando o livro que estava fechado sobre a mesa, e ela seguiu seu olhar. — Já leu todos os livros desta série?

Ela o olhou em dúvida, indagando a si mesma se ele conhecia a série em questão.

— Já, mas este é meu predileto entre os seis.

Ele balançou a cabeça em afirmativa, olhando-a fixamente nos olhos, com um sorriso brincando em seus lábios.

— Gosto desse também, mas, entre todos, gosto mais do primeiro: Ligeiramente Casados.

Capitu se surpreendeu com aquilo e não conseguiu deixar de perguntar:

— Gosta de romances de época?

O homem lhe deu um sorriso aberto, mostrando-se ainda mais bonito — como se fosse possível.

— Sou viciado, na verdade. No momento, estou preso em Persuasão de ...

— Jane Austen! — ela exclamou, em êxtase. — Eu sou apaixonada por todos os livros dela.

Tiberius sabia disso, mas não quis assustar a moça como já tinha feito. Assim começaram uma conversa animada sobre romances de época, o que os levou a falar sobre alguns romances atuais também. Quando Capitu deu por si, já estava quase atrasada para o trabalho. Ela se levantou para ir embora e, ao se despedir, Tiberius segurou sua mão, provocando-lhe reações desconhecidas.

— Nos veremos amanhã?

Ela sorriu, estava até mesmo mais animada.

— Claro que sim, foi ótimo conversar com você! Até amanhã, Tiberius, foi um prazer.

Como poderia se negar a encontrá-lo novamente? O homem era a simpatia em pessoa e a conversa que tiveram a animou, fê-la até mesmo esquecer alguns de seus problemas.

— O prazer foi todo meu...

Tiberius voltou a se sentar em sua cadeira, observando a pequena mulher se afastar aos poucos. Capitu não sabia que vinha sendo admirada e, agora mais do que nunca, adorada...

Capítulo 2

Momentos, lembranças, desejos, amores, paixões. Um dia todos se perdem....

Aprenda que, na vida, os momentos sempre passam, as lembranças são sufocadas em uma fração de segundo da nossa vil existência, os desejos são

apenas momentâneos, os amores por, muitas vezes, são vazios, e as paixões... ah, essas são as piores!

Naquele dia em especial, por mais que o coração de Capitu estivesse apertado no peito, ela também se sentia mais leve e um pouco feliz por aquela conversa breve com o estranho do café. Tiberius, um nome diferente, pensou, testando o som em sua boca. Era estranho aquele sentimento, já que mal conhecia o homem, mas ele fora tão simpático e educado que a fez se sentir... bem.

Após se despedir de Carolina, ela voltou para casa, a fim de preparar sua aula e ir trabalhar à tarde. Chegando ao apartamento, se deu conta de que tinha se esquecido completamente de Lucas enquanto conversava animadamente com o homem que adorou conhecer. Foi aí que se lembrou do porquê do aperto em seu coração, tudo que vinha acontecendo com seu relacionamento e, novamente, sensações negativas lhe tomaram o corpo.

Decidiu mergulhar no trabalho e tentar tirar a atenção das inúmeras situações que cruzavam sua mente. Além disso, precisava criar algo que chamasse a atenção dos alunos, sem deixar a aula chata e cansativa. Focou em seu trabalho, pensando em criar uma pequena paródia sobre as regras gramaticais e sorriu, ao imaginar o quanto aquilo poderia ser divertido. Quando se deu conta, já era hora de ir trabalhar e, como estava sozinha em casa, fez apenas um pequeno sanduíche de patê de frango, tomou um banho rápido e saiu de casa com o lanche em mãos, levando o material escolar e a bolsa.

Sempre ia a pé para o trabalho e sabia que tinha sorte por ter encontrado aquele apartamento perto da escola onde trabalhava e do café onde em que passar parte de suas manhãs. Lembrou-se do quanto foi difícil convencer

Lucas a morar naquele prédio com ela, e de quantas vezes por semana ele reclamava do lugar. Capitu, por sua vez, fingia não ouvir e nem levava em consideração o que o noivo falava. Por vezes, era apenas mais um jeito de chateá-la, por isso, costumava não ouvir as reclamações dele sobre o apartamento.

Quando adentrou a escola e pegou o celular para desligá-lo, sentiu-o vibrando em suas mãos, mostrando que acabara de chegar uma mensagem de Lucas. Tinha quanto tempo que o noivo não lhe enviava uma mensagem? Não saberia dizer, mas estava satisfeita com aquilo. Ainda mais quando leu a mensagem, na qual ele lhe avisava que chegaria cedo e desejava conversar com ela.

Um tremor ameaçou tomar o seu corpo, mas ela o bloqueou, dizendo a si mesma que, enfim, conversariam, Lucas voltaria a chegar cedo, e eles jantariam juntos como faziam antigamente. Seriam um casal feliz de novo, com entrosamento e amor. Decidiu então que, quando saísse da aula, iria ao mercado e compraria tudo de que precisava para fazer um bom fricassê, prato que Lucas adorava.

Após sair da escola, foi ao mercado como planejado e até comprou o vinho favorito dele — tinha custado uma pequena fortuna, mas ela estava certa de que valeria a pena. Quando chegou ao apartamento, guardou as compras, colocou uma música no celular e se pôs a fazer o jantar animadamente.

Um tempo depois, um apito soou, avisando que o fricassê estava pronto. Deixou a forma no forno desligado para não esfriar e foi para o banheiro. Após o banho, Capitu decidiu colocar o vestido vermelho de que o noivo gostava por ser colado em seu corpo e realçar suas curvas. A peça a deixava

sexy, bonita como ele havia elogiado certa vez. Vestiu-se e fez uma leve maquiagem.

Ela estava tirando a travessa do forno quando Lucas chegou. Colocou o fricassê na mesa arrumada com a melhor louça que tinha em casa e o seguiu até o quarto. Ela o encontrou de pé, ao lado do guarda-roupa escancarado, e estranhou a mala em cima da cama, pois era sempre ela quem organizava as coisas do noivo quando ele precisava se ausentar.

— Vai viajar? — perguntou, já sentindo um aperto descomunal tomar seu peito.

— Não — disse, ríspido.

— E então pra que essa mala? Aonde você vai, amor? — indagou, sentindo que, a qualquer momento, seu coração falharia, pararia de bater mediante a resposta que ele poderia lhe dar.

O homem se aproximou dela, mas não encarou seu rosto ou a tocou.

— Lucas, olhe pra mim! — pediu, em um sussurro, mas foi em vão.

— Capitu, eu estou indo embora, estou te deixando.

As palavras dele abriram um buraco direto em seu coração, desestabilizando-a, tirando seu chão.

— Nosso relacionamento tá se desgastando. Você não é mais a mesma, nem eu. Acho melhor acabarmos por aqui.

Aquilo só podia ser uma brincadeira de muito mal gosto!

— Eu não entendo... — falou, desolada, fitando o chão. — Quando foi que deixou de me amar, Lucas?

— Quando você mudou da água para o vinho, Capitu. Quando você se tornou uma mulher inconstante, estressada, chorosa e sem atrativos.

Aquilo a atingiu em cheio, esmagando seu peito. Sabia de suas limitações, sabia que não era mais aquela garota que vivia em farras e adorava sair de casa. Sabia que tinha mudado, mas achava que era por ter amadurecido, crescido como pessoa. Nunca achou que aquilo acabaria com seu relacionamento. O estresse... bem, quem não era estressado, não é mesmo? Quem, cuidando de trinta adolescentes cheios de hormônios por dia, conseguiria se manter sã?

Eram aquelas questões que Capitu formulava em sua cabeça, enquanto encarava, sem acreditar, o homem à sua frente.

— Lucas! Pare de fazer as malas, e vamos conversar. Vamos esclarecer as coisas, podemos dar um jeito, nós nos amamos, querido, e...

— Não. — Ele a cortou. — Eu não a amo mais, Capitu. Já faz algum tempo que não tenho mais sentimentos por você.

Capitu, naquele momento, preferia que ele tivesse lhe batido do que dito aquelas palavras. E a raiva, juntamente com a frustração e medo, tomaram conta dela.

— Você tem outra, não é? É por isso que está me deixando? Pensa que não noto, Lucas? Pensa que não vejo o horário que você volta para casa? O cheiro de mulher... — disse, enojada, finalmente explodindo.

— Eu não quero brigar, Capitu. Só vim pegar minhas coisas e estou indo embora.

— Fale, Lucas, eu preciso saber. Você tem outra, é isso? Tenha ao menos um pinga de consideração por mim e diga a verdade!

No fundo, ela não queria saber, pois já conhecia a resposta. Assim como sabia que não suportaria ouvir a verdade. Aquilo estava acabando com ela.

— Tenho, Capitu, é isso que queria saber? Sim, tenho alguém, e não seria

justo com ela se eu continuasse contigo.

Aquelas palavras foram piores do que ela imaginava. Como assim, "não seria justo com ela"? E onde ficava a justiça para Capitu?

— E comigo, Lucas? Você não se importa comigo? — As lágrimas já banhavam seu rosto, e a dor perfurava seu coração já cansado de aguentar os maus tratos constantes, de relevar cada decepção.

— Não comece, Capitu. Não me venha com esse sentimentalismo inútil, as mesmas lágrimas novamente. Eu vim pra pegar algumas coisas e conversar, mas parece que você quer complicar tudo — falou, fechando a mala com apenas alguns poucos pertences. — Amanhã, eu pego o restante. Acabou, Capitu, acabou de vez.

Como doeu, meu Deus!

Capitu sentiu cada palavra como se elas fossem facas introduzidas em sua pele, sem nenhuma piedade. Sem saber mais o que fazer e achando que estava perdendo o amor da sua vida, seu alicerce, a mulher não teve vergonha quando se jogou aos pés do noivo, implorando-lhe para ficar e recomeçar.

— Lucas! Por favor... Eu vou mudar, prometo que vou mudar e eu te perdoo pela traição, amor, podemos dar um jeito, só não me deixe... — falou, a voz entrecortada pelos soluços de um choro sofrido.

O homem à sua frente não se comoveu com seus apelos. Na verdade, Lucas nunca chegou a amar Capitu. Depois que conheceu Ana, teve certeza de que nunca amou sua noiva, apenas se acostumou com sua companhia, que antes era divertida, mas se tornou entediante com o tempo. Foi pensando naquilo que ele afastou a mulher, empurrando-a para longe de si, e andou a passos largos em direção à porta, enquanto Capitu se debulhava em lágrimas.

— Eu não estou te pedindo perdão, Capitu, e não se humilhe assim, não

piore a situação, não se torne ainda mais patética — falou, deixando o apartamento.

Capitu ainda tentou alcançá-lo, mas era tarde, ele já tinha saído porta a fora.

Dor. Era o que sentia por todo seu corpo. Acabara de perder o grande amor da sua vida e não via como sobreviver sem ele. Lembrou do conselho de Carolina: "Não viva em favor da vida de Lucas, Cá, viva pra você, somente para você". Mas aquilo não entrava em sua cabeça, pois ela o amava, amava como se sua vida dependesse disso.

Sem mais nenhuma opção, a mulher se deitou no tapete vermelho da sala, em posição fetal, e fez a única coisa de que era capaz diante do que acabara de acontecer: se entregar ao sofrimento e às lágrimas grossas que escorriam por seu belo rosto.

Dizem que a dor é para ser sentida, e sentir era tudo o que Capitu vinha fazendo naqueles dias. Naquele momento, não sabia que dia era, as horas e nem mesmo onde estava. Desde que Lucas saíra naquela sexta à noite, dizendo que a estava abandonando, a mulher se entregou à autocomiseração e à dor. Redeu-se aos inúmeros sentimentos, eram tantos que ela nem conseguia nomear.

Já tinha gritado, chorado, quebrado quase tudo dentro de casa e agora estava com o corpo fraco e anestesiado, jogado sobre a cama. Não sabia se era porque fazia dois dias que não comia nada, ou se era por causa de tanto sofrimento. Vinha se valendo de drogas farmacêuticas para conseguir dormir e, quem sabe, esquecer, nem que fosse por algumas horas, tudo à sua volta.

Só quando se cortou acidentalmente com um pedaço de vidro na cozinha, a mulher pôde sentir um pequeno alívio. Aquela dor superficial conseguiu

diminuir um pouco a sua agonia. Não se importou quando o sangue jorrou do ferimento e escorreu entre seus dedos, derramando gotas escarlates no chão. Também não se importou quando se abaixou, pegou um caco de vidro e voltou a se ferir. Fez um corte mais profundo em seu braço, tentando, de um jeito deturpado, se aliviar, não sentir, não lembrar. Notou, em tamanho desespero, que poderia fazer aquilo por vezes a fio e continuou, pois, de alguma forma completamente errada, aquilo a aliviava.

Mal sabia nossa querida Capitu que tinha tomado um caminho sem volta... sem saída...sem luz...

Estava confusa com a intensidade dos seus sentimentos, mas sempre fora assim, ela sentia tudo em dobro e, por isso, sofria em dobro. Quando odiava, odiava demais e quando amava, amava em demasia, em excessos e fora assim com Lucas. Àquela altura, Capitu conjecturava, procurando o motivo de ele a ter abandonado e chegou a uma conclusão que lhe pareceu óbvia: a culpa era dela.

Tentou lembrar em que momento, exatamente, Lucas deixou de demonstrar seu amor por ela, porém não conseguiu. Capitu só não se dava conta de que nunca existiu amor e, por isso, não haveria como ter lembranças de tais momentos. E foi impossível não ligar aquela sensação de abandono ao que passou em sua infância, com a mãe, sua displicência e maus tratos do pai. Lembrava-se com perfeição das palavras dolorosas da tia, de cada insulto, tapa, gesto de descaso, tudo.

Perguntou-se o porquê de todos a abandonarem, virarem-lhe as costas, de não conseguir ser amada por ninguém. Era dolorosa tal constatação, mas não conseguia controlar o rumo de seus sentimentos. Foi naquele momento que o pior lhe passou pela cabeça, arrancando um arrepio da sua espinha.

Capitu já tinha perdido todas as esperanças ao ligar para Lucas inúmeras

vezes, sem que ele a atendesse. Sua última tentativa terminou de destruí-la, pois quem atendeu foi uma mulher, dizendo-se namorada do seu ex-noivo. O mundo ao seu redor pareceu desmoronar, ruir bem à sua frente.

Não lhe restava mais nada, mais ninguém. Então, por que não? Ninguém sentiria sua falta, não é mesmo? Talvez Carol, mas a prima tinha um marido e uma filhinha para cuidar. Não precisava de alguém como ela. Sabia que o suicídio era o maior pecado que um ser humano poderia cometer, pois era cristã, consciente das leis divinas, mas se entenderia com o criador depois. Ou com o diabo, não sabia. Sua única certeza era de que não aguentava mais.

Era muita dor, ela não era capaz de suporta. O desespero a consumia e a bagunça dentro dela só servia para impulsioná-la de vez para o abismo. Ela ouvia uma voz ecoando no fundo da sua alma, coagindo-a:

"Vá em frente, acabe com seu sofrimento, só você pode dar um fim a tudo isso. Vamos lá, se liberte. Você é fraca, inconstante e, ninguém nunca irá amá-la, pois não tem valor. Ande logo, dê um fim a tudo isso. Você nem irá sentir".

Quando deu por si, ela já estava segurando duas cartelas de comprimido na mão. Não pensou, não mediu e engoliu todos que conseguiu de uma só vez, tomando o restante em uma segunda tentativa. Bebeu um copo de água e não demorou a se sentir leve, fora de órbita. Sorriu, torpe, ao tropeçar em suas próprias pernas e quase cair em meio à sala. Voltou para o quarto sentindo-se aliviada, enfim, achava que todo o tormento e abandono acabariam, ficariam para trás. Tudo ficaria em outra vida.

Não conseguiu nem mesmo chegar até a cama, desabou ainda no chão, em meio aos cacos de vidro de tudo que havia quebrado em seu quarto. E ali, pareceu ter sucesso em sua tentativa de fuga, em seu suicídio. A última coisa que viu foi uma foto de Lucas no chão, sorrindo, olhando para a câmera que

Capitu segurava naquele dia ensolarado na praia... E tudo se apagou de repente, levando-a à mais pura das escuridões...

Capítulo 3

Às vezes, a espera pode ser torturante...

Não se pode esperar a vida passar sem aproveitá-la ao máximo e, principalmente, sem desfrutar o amor, sem amar. Ah, o amor, aquele sentimento inesperado que arromba a porta da frente do seu coração e entra sem permissão, sem convite, sem alardes. E esse sentimento encontra sua forma mais pura quando é verdadeiro e não espera nada em troca. Não há qualquer interesse, apenas o simples prazer de amar e se doar para alguém...

Tiberius chegou ao café entusiasmado e ansioso. Ontem, enfim, por obra do acaso, havia tido uma conversa com a mulher de olhos verdes expressivos que observava já tinha algum tempo. Meses, um ano? Não se recordava bem, mas sabia que já fazia bastante tempo. Ele sempre vinha ao café no mesmo horário e, após perceber que a moça vinha todos os dias pela manhã, sempre acompanhada de um livro e degustava seu café de forma única, Tiberius passou a admirar cada momento, cada gesto, cada lambe de lábios. Sabia exatamente o que ela sempre pedia e se perdia todos os dias em pensamentos, enquanto a observava atentamente.

E quem no mundo o culparia? A moça em questão era, de fato, formosa, bela de uma maneira única. De expressão doce e olhos grandes e verdes, encantava qualquer um que passasse no lugar e ela nem ao menos parecia

notar. Tiberius sempre admirou seu jeito calado e tímido, o modo como, despercebida, colocava uma mecha de cabelo atrás da orelha. Como apertava a ponta do nariz, apreensiva com a leitura e, às vezes, revirava os olhos rindo sozinha. Ela vinha todos os dias, se sentava, fazia o pedido e conversava com Carol, dona do lugar. Depois, lia um pouco e ia embora. A mesma rotina, os mesmos gostos, todo santo dia, e ele ali, apenas observando-a.

A única coisa que o impediu, naquele tempo todo, de falar com Capitu, de se aproximar dela, foi a aliança grossa em seu dedo anelar direito, indicando que a mulher em questão era noiva de alguém. Provavelmente de um sortudo do caramba, ele pensara. Porém, o que lhe dava esperanças já tinha algum tempo era o fato de nunca a ter visto acompanhada do suposto noivo. Capitu chegava e saía sozinha, sempre. E para ele, um homem que tinha uma mulher como aquela, não se privaria de sua companhia no um café da manhã, não mesmo.

Aqueles eram os pensamentos de Tiberius naquela manhã de sábado ensolarada, enquanto esperava Capitu chegar ao café.

Depois de muito esperar, percebeu ter sido em vão, pois estava claro que ela não viria. Sentiu-se frustrado, pensou que talvez tivesse assustado a moça, mas logo colocou aquela ideia de lado. Afinal, ela pareceu gostar da conversa e até concordou em encontrá-lo no dia seguinte com bastante animação. Não, não tinha assustado Capitu, talvez ela não tivesse ido por causa de um contratempo, cogitou, frustrado.

Decidiu, muito a contragosto, que já era hora de ir embora. Levantou-se e pagou sua conta a Jane — que estava bastante sorridente, por sinal. Na saída, encontrou a dona do café, e ela lhe sorriu calorosamente como sempre fazia, cumprimentando-o. Ele quis perguntar se Carolina sabia o porquê da mulher que vinha permeando seus sonhos ultimamente não ter aparecido naquela

manhã, mas pensou ser loucura incomodá-la com aquilo. Tiberius, então, saiu do café e se dirigiu de volta para casa, tentando tirar Capitu da cabeça.

Assim se passou o fim de semana. Acordava cedo todos os dias, ia correr e, depois de um banho, passava na Fumaça na Xícara como de costume, mas não encontrou Capitu em nem um desses dois dias.

Chegou ao trabalho na segunda-feira já chateado, convencido de que, de fato, tinha assustado a moça. Grande garanhão estava se saindo, a única vez que tivera a chance de conversar com Capitu, a assustara a ponto de ela desistir de ir a seu lugar favorito — como ela tinha lhe confidenciado. É, ele estava realmente chateado. Chateado não, inconformado!

Quando entrou no consultório, Andréia, a secretária, percebeu o humor do chefe logo de cara. O homem sempre chegava com um sorriso no rosto, um bom dia contagiante e, diferente disso, naquela manhã, chegara de cara amarrada e mal abrira a boca para cumprimentá-la. A secretária imaginou como ficaria o seu humor quando dissesse a ele, logo cedo, que tinha um caso de suicídio aguardando-o. Seu chefe sempre lhe pareceu gostar da especialidade que escolhera, mas aqueles casos em especial mexiam com ele, o abalavam. Então, respirando fundo, Andréia se levantou da cadeira e bateu na porta onde ele tinha acabado de entrar.

— Entre, Andréia!

Tiberius sabia que tinha soado rude, mas não estava em seu melhor dia e esperava que Andréia, trabalhando com ele havia mais de quatro anos, pudesse entender.

— Doutor Pedro mandou chamá-lo na emergência, senhor.

Aquilo já o deixou de sobreaviso. Era psiquiatra e não era comum ser chamado em uma emergência.

— É uma paciente vítima de suicídio. Ainda não tenho o caso, mas parece urgente.

Sentiu um gosto amargo na boca. Sua cabeça queria lhe trair, trazer lembranças que não cabiam naquele momento, pensamentos perturbadores. Atuava na área tinha 10 longos anos e nunca se acostumara com aqueles casos, apesar de sua especialidade. Sempre se sentia mexido, ligado intimamente com aquelas vítimas. Queria salvar a todos, mas nem sempre cabia a ele fazer isso.

Tiberius não se demorou nem mais um minuto em frente à secretária, se levantou e, pegando o jaleco sobre o encosto da cadeira, foi em direção à emergência o mais rápido que pôde. Não teve atenção em olhar para os lados, ao passar pela sala de espera, e talvez, por isso, não percebeu a mulher loira sentada ali, porém, ao adentrar a emergência, ele paralisou. Os músculos endureceram de tensão, e seus olhos quase saltaram das órbitas ao fixar sua atenção na maca em que a vítima de suicídio estava deitada, colocada de lado, sendo amparada por enfermeiras.

O homem estava espantado com tamanha coincidência. Era ela, Capitu.

Tiberius olhou pela grande sala, a fim de achar outra pessoa, certificar-se de que ela não era sua paciente difícil, mas foi em vão — só havia Capitu ali. Observou o médico, que era seu amigo, fazer uma lavagem estomacal na moça com a ajuda de enfermeiros. Finalmente, ele recuperou a voz que achava ter perdido e perguntou:

— Qual a situação, Pedro? — Já tinha intimidade suficiente com o homem para dispensar formalidades.

— Ao que parece, a vítima engoliu duas cartelas inteiras de Escitalopram, mas acredito que foram mais. Foi encontrada pela manhã e tem marcas de autoflagelo pelo corpo.

Foi só então que Tiberius percebeu os cortes e o vestido coberto de sangue, suor e vômito. Por instantes, não teve reação alguma, indagando a si mesmo o que a levou a cometer tal ato de desespero. Ainda não tinha nenhuma resposta, mas estava disposto a descobrir e, principalmente, a ajudá-la!

— Quem a trouxe? E por que é você quem está fazendo o atendimento? Ela vai precisar de cirurgia?

— Uma irmã, prima, ou algo assim, a trouxe, não sei bem. Vim, pois era o único disponível aqui, hoje está uma bagunça. Se quiser, pode ir falar com a família, ainda vou demorar algum tempo para mandá-la para o quarto.

— Ela ficará bem? — perguntou, sentindo o coração falhar.

O médico, um homem alto e moreno, lhe sorriu com confiança, tranquilizando-o.

— Sim, passará uns dias desacordada, mas ficará bem. Ela teve sorte, foi encontrada a tempo.

Tiberius sabia que tinha de sair e falar com o familiar ou amiga que trouxera Capitu, mas não queria deixá-la. Invocando todo o seu controle e ética profissional, deu as costas à equipe médica e foi em direção à recepção. Não foi difícil encontrar quem a trouxera, afinal, Carol estava sentada na recepção, chorando como um bebê e remexendo os pés sem parar, em sinal de puro nervosismo. Primeiro, ele a observou atento, querendo perceber qualquer sinal. Depois, sentando-se ao lado dela, pegou um lenço de papel e lhe entregou, fazendo-se notar.

— Bom dia, Carol! — Soou firme, profissional, vendo-a se esforçar para segurar o choro.

— Bom dia..., Tiberius.

Ele viu o esforço de Carolina ruir quando as lágrimas continuaram escorrendo em abundância.

— Ela vai ficar bem, Carolina, o médico que está cuidando do caso acabou de me garantir isso — tentou consolar a mulher, mesmo ciente de que não poderia fazer tal promessa.

— Foi horrível, Tiberius, o pior dia da minha vida. — Fungou ao falar, olhando para cima como se assim pudesse conter o choro. — O corpo de minha prima jogado de qualquer jeito no chão, enquanto ela se engasgava com o próprio vômito... Foi demais, meu Deus! Você não pode imaginar.

Ah, ele podia, queria não ser capaz, mas Tiberius conseguia imaginar com perfeição e até mesmo sentir a dor de Carolina. Já tinha passado por isso e sentido na pele como era terrível perder alguém para o suicídio. Inclusive, foi por causa daquele episódio marcante que optou por psiquiatria ao invés de cirurgia geral — como queria desde muito jovem.

— Sou psiquiatra, Carol, e irei cuidar do caso de Capitu, por isso, preciso que se acalme e me conte o que encontrou. Preciso também de algumas informações sobre o temperamento de sua prima, se ela vinha passando por algum momento de dificuldade, traumas...

Carol apenas confirmou com a cabeça.

— Venha, vamos ao consultório. Assim que terminarem o procedimento, irão me avisar e você poderá voltar para acompanhá-la.

Carol concordou, e os dois saíram da recepção, com Tiberius amparando a mulher com um braço em suas costas.

Ele já tinha visto de tudo em seus 10 anos como psiquiatra, mas não estava preparado para ouvir o relato sobre quem realmente era Capitu, a mulher que admirou durante tanto tempo. Após tudo o que ouviu de Carolina,

mais do que nunca, sentiu vontade de proteger aquela moça de aparência frágil, calada e tímida. Estava disposto a ajudar a mulher a sair do abismo em que tinha entrado e, por Deus, ele conseguiria. Falhara uma vez, mas não repetiria o mesmo erro de anos atrás, não mesmo...



“Escolha Perfeita”

Sinopse

Cristine é uma moça comum, que abre mão de todos os seus sonhos em nome de algo incondicional. Ela faz uma escolha difícil e tem que pagar um preço alto por isso.

Em contrapartida, Augusto é um homem orgulhoso, que acha que o mundo gira ao seu redor. Acostumado a ter tudo, ele não consegue aceitar que Cristine não o quer e fará de tudo para tê-la.

Escolhas serão feitas, e contas serão pagas. Mas o preço será alto demais. Será que o amor conseguirá triunfar em meio ao orgulho?

Escolha Perfeita é o primeiro romance da série Amores Reconstruídos, que conta com 4 livros individuais, narrando histórias que prometem te emocionar.

Conteúdo adulto para maiores de 18 anos.

Leia também um trecho do livro:

A vida é feita de escolhas, porém elas cobram um preço. E não importa qual é a sua opção. Mais cedo ou mais tarde, a vida cobrará a conta...

— Eu não tenho nada contra, Silvy, só acho que não consigo. Olhe bem para mim — falo para Silvy, minha tia postiça, como ela mesma faz questão de lembrar.

— Não seja boba, Cristine. Só preciso lhe passar algumas dicas, e essa sua cara de virgem fará o resto. O serviço é fácil, sem falar que ele irá te pagar uma nota preta para tirar a sua virgindade, e você precisa de dinheiro.

— Silvy! — repreendo-a, sentindo a bile subir a garganta.

— Abra os olhos, Cris! Se olhe no espelho! Você possui uma beleza exótica e tem que se aproveitar disso.

— Eu ainda não sei...

E não sabia mesmo. Eu era apenas uma menina magricela de cabelos claros sem graça e rosto quadrado, sem nenhum atrativo a não ser os olhos.

— Pelo amor de Deus! Eu garanto que Maurício é um homem rico, lindo e cheiroso. E ele me prometeu que será gentil com você.

Bufo com a fala, como se isso importasse no fim das contas e ela continua:

— Eu sinto muito por isso Cris, sinto muito mesmo. Meu coração está apertado aqui, menina, mas essa é a saída mais rápida.

Apenas aceno, sabendo que ela tem razão...

Estamos no quarto de Silvy conversando, pois, depois de muito relutar, estou prestes a aceitar a coisa mais absurda que já cogitei fazer em minha vida.

— Eu sempre imaginei que seria diferente, sabe? — falo, como se estivesse desabafando comigo mesma, sentindo que estou perdendo algo especial. — Achei que seria com alguém que eu realmente amasse. Um namorado, algo assim!

— Ah, meu bem! Estes sonhos e quem você é neste momento não podem mais coexistir. Isso não faz mais parte de você. A vida te derrubou cedo demais, meu amor, e quando isto acontece, a gente não pode mais sonhar. Agora é a vida real, Cristine.

Sinto meus olhos encherem de lágrimas.

— Meu Deus! Há alguns dias, eu era só uma garota que tinha passado no vestibular de medicina... — Levanto-me, sentindo o desespero de dias atrás tomar posse de mim outra vez.

— Você tá precisando de dinheiro, ou não? — Ela parece enfim se cansar de me convencer a achar uma saída.

— Sabe que preciso disso mais do que qualquer coisa no mundo...

— Sendo assim, meu bem, posso te garantir que não conseguirá isso, trabalhando meio período na biblioteca! A não ser que você tenha um plano para assaltar um banco ou pretenda ganhar na Megasena, essa é a melhor saída. Se depois não quiser mais, tudo bem, é só parar — Seus olhos estão em mim, apreensivos e pesarosos.

Respiro fundo, tentando aceitar o que estou prestes a dizer:

— Tudo bem, irei fazer!

Silvy arregala os olhos, estalando a língua em concordância.

— Ótimo! Não precisa se preocupar com nada, ele irá saber exatamente o que fazer. Você só precisa relaxar. Se você quiser desistir na hora, lembre-se de Cate!

— Certo — falo sem muita certeza, sentindo-me vazia.

— Agora temos que encontrar um nome de trabalho para você. Acredite: ter um nome de trabalho, ajuda muito! — fala e olha para cima, parecendo pensar em algo, e depois me fita.

— Melhora essa cara, garota. Sexo não é ruim! Ainda mais quando se recebe um cheque gordo no final. E o seu, meu bem, será obeso! Acredite em mim.

É ridículo, eu sei. Mas que escolha eu tenho? Acredite, nenhuma.

— Agatha?! — falo rápido.

— Como é? — Ela me olha sem entender.

Silvy já é uma senhora na casa dos 50 anos, baixa e de cabelos vermelhos escuros — pintados, é claro. Eu a considero uma segunda mãe, pois a conheço e convivi com ela desde que nasci. Apesar da idade, ela aparenta ser mais jovem por ser vaidosa e sempre andar bem arrumada. Uma boa pessoa, apesar dos pesares.

— O nome, quero Agatha — falo de novo e, dessa vez, com mais certeza.

— Certo! É você quem decide. Maurício virá te pegar as oito e faz questão de passar a noite toda com você. Fique tranquila, isso não é um bicho de sete cabeças, menina. — Ela afaga meus cabelos e sorrir, gentil. — Ele fará praticamente tudo e dirá o que quer de você. Vai gostar dele, tenho certeza!

Dou um suspiro cansado, não querendo acreditar nisso e com medo de

estar cometendo um erro.

— Silvy, e se eu não conseguir? O que farei?

— Vai conseguir. Acredite em si mesma!

Respiro fundo, tentando ter a mesma fé, que ela aparenta ter em mim.

— Certo...

Não estava certa do que estava prestes a fazer, mas não me julguem por favor. Preciso muito da grana e se esse é o preço, eu pago. Preciso fazer escolhas a partir de agora, e elas não são nada ortodoxas, mas é preciso.

Depois dessa conversa, Silvy me ajudou a me arrumar e às 19:50h, estou pronta — e muito nervosa por sinal. Sentia minhas pernas tremerem e duvidava que elas me obedeceriam quando fosse a hora.

Tentei pensar que isso seria passageiro e que logo me livraria de toda aquela droga. Claro que eu ainda não sabia o que a vida me reservava, mas, posso lhe adiantar que não foi bem o que planejei. Eu achava que a maior desgraça da minha vida já havia passado. Doce ilusão, o meu tormento estava apenas começando!



Gisele Sousa Rocha, paraense, nascida na cidade de Rondon-PÁ em 30.07.1993, solteira, sem filhos. Com um grande amor por sua família, acredita que este é o seu principal alicerce.

Seu pseudônimo nasceu do apelido que o avô a chama, sempre com muito carinho, e por quem tem imensa admiração e amor. Ele é o responsável por forjar parte do seu caráter e tem esse homem íntegro como seu maior exemplo.

Costuma dizer que a escrita a completa, a faz viajar por lugares inimagináveis e, com ela, pretende espalhar amor, paixão, fé e emoções a quem puder alcançar...

Para conhecer mais trabalhos da autora, siga-a nas redes sociais:

Facebook:

Perfil: Autora Gisa SR

<https://www.facebook.com/gisa.r.costa>

Página: Autora Gisa SR

<https://www.facebook.com/GisaRochaCosta/>

Grupo: Romances da Gisa

<https://www.facebook.com/groups/351169755509586/?ref=share>

Intagram: Autora Gisa SR

<https://instagram.com/autoragisar.costa?igshid=j8vtg6fvlyp1>

Wattpad: @GisaSRocha

<https://my.w.tt/KxyNx9gut2>